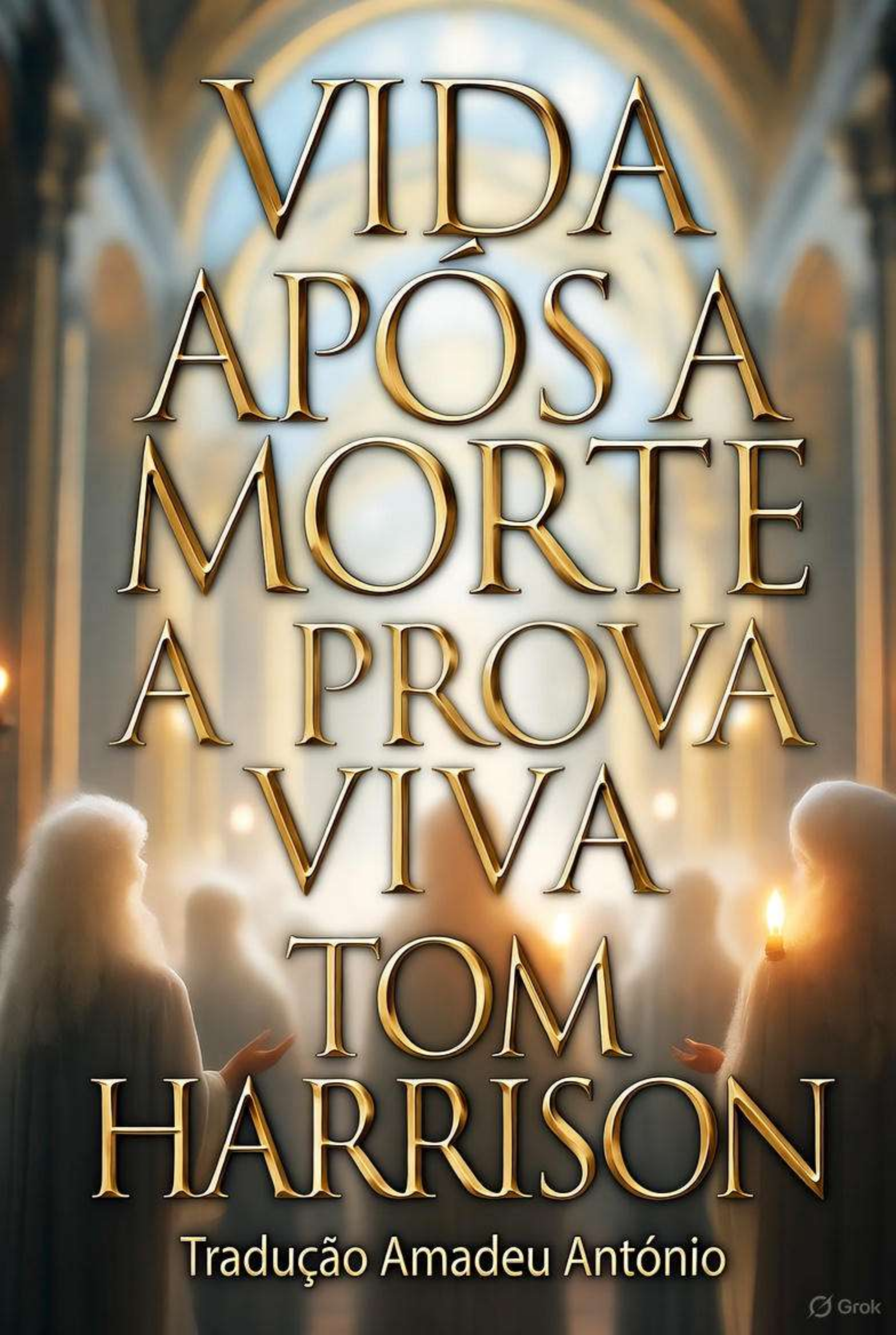
VIDA APÓS A MORTE
A PROVA VIVA
TOM HARRISON
Tradução Amadeu António
Grok

VIDA APÓS A MORTE -A PROVA VIVA

As Experiências de Uma Vida Inteira de Fenómenos Físicos e Materializações Através do Mediunato de Minnie Harrison Tom Harrison

AS EXPERIÊNCIAS DE TODA UMA VIDA.

O REGISTO DEFINITIVO DA NOTÁVEL MEDIUNIDADE FÍSICA DE MINNIE HARRISON

PREFÁCIO

Este é um livro notável escrito por um homem notável. Tom Harrison é um daqueles raríssimos indivíduos que tiveram o privilégio de testemunhar, ao longo de vários anos e em condições que excluem eficazmente a possibilidade de fraude, alguns dos fenómenos de sessão mais espantosos relatados desde os tempos de D. D. Home e Eusapia Paladino. Tal como Tom relata no seu livro, esses fenómenos incluíam ectoplasma, materializações, conversas com espíritos, aportes e toques por mãos espirituais, tudo isto a ocorrer com boa luz e em proximidade imediata dos participantes.

Na época em que estes acontecimentos tiveram lugar, Tom era um jovem recém-regressado do serviço ativo como oficial do exército na Segunda Guerra Mundial. Treinado, como estava, na observação rigorosa pelas suas experiências militares, conseguiu manter notas cuidadas de tudo o que se passou. Li essas notas, todas manuscritas por Tom nas páginas do seu velho caderno de campo militar – o único papel que tinha à disposição na altura – e elas fornecem-nos um registo fascinante em primeira mão de provas do tipo de fenómenos paranormais que podem ocorrer num círculo íntimo de familiares e amigos sentados na presença de um médium excecional.

Para além das suas notas, a memória de Tom de tudo o que aconteceu – como sei de muitas longas conversas com ele – permanece intacta. Assim, o seu livro constitui um relato inestimável de tudo o que viveu, sentado todas as semanas ao longo dos anos de 1946 a 1955 com um círculo unido por um compromisso profundo de contactar o que consideravam ser o mundo espiritual. Pergunto-me se, nestes dias agitados e materialistas, em que as famílias têm muito mais probabilidade de se reunir em frente ao televisor do que numa sala de sessões, voltaremos algum dia a ver algo semelhante.

Para muitos de nós, os acontecimentos descritos neste livro podem soar a milagres, mas para Tom não havia milagre nenhum. Eram simplesmente parte dos factos da vida. Isso é evidente pelo título do seu primeiro livro, Visitas dos Meus Amigos do Outro Lado, porque para Tom e os outros membros do seu círculo – a mulher Doris, os pais e os amigos íntimos Sid e Gladys Shipman e De Brittain Jones – as sessões semanais em que participavam eram simplesmente uma oportunidade de encontrar entes queridos falecidos, tão natural para eles como qualquer reunião familiar. Natural porque Tom foi criado num lar onde a sobrevivência após a morte física e a capacidade de comunicação entre este mundo e o próximo eram aceites como coisa óbvia.

Uma das tias de Tom, Agnes Abbott, era uma médium célebre. Foi ela, aliás, quem levou Arthur Findlay – bem conhecido pelos seus livros e pela doação de Stansted Hall à Spiritualists' National Union – a ficar convencido, sem margem para dúvidas, de que a mãe sobrevivia após a morte. Na sua autobiografia Olhando para Trás, Findlay conta que recebeu nada menos do que 92 factos corretos – e nenhum incorreto – da mãe através de Agnes. Ainda mais importante, a mãe de Tom, Minnie Harrison, era uma médium física extraordinariamente dotada e foi ela quem atuou como médium para o círculo doméstico.

Se tivesse procurado publicidade, Minnie Harrison teria sido uma das sensações dos anos imediatamente a seguir à guerra. Os seus dons, tal como descritos por Tom, eram do mais alto nível. Modesta e discreta, lutando contra uma saúde gravemente debilitada e em transe durante a maioria das sessões, de modo que raramente presenciava ela própria os fenómenos, Minnie Harrison facilitava semanalmente as materializações não só de Agnes Abbott (já no mundo espiritual nessa altura), mas de muitos outros familiares e amigos bem conhecidos dos participantes.

A presença de um cientista altamente qualificado no círculo doméstico – De Brittain Jones, Fellow do Royal College of Surgeons e superintendente médico do Middlesbrough General Hospital – que pôde testemunhar a genuinidade dos fenómenos, empresta credibilidade adicional ao registo de Tom. Além disso, todas as sessões realizaram-se na sala de estar de Sid e Gladys Shipman, uma pequena divisão atrás da padaria deles, segura contra cúmplices cuja participação teria sido necessária em caso de fraude. Não havia, aliás, espaço na sala para alguém se mover livremente, nem hipótese de Minnie Harrison ter saído do gabinete improvisado (uma cortina num canto da sala) semana após semana durante quase dez anos e conseguir imitar uma vasta gama de espíritos à frente da família e amigos íntimos – e com boa luz. Em todo o caso, Tom

conta-nos que alguns dos espíritos não recuavam para trás da cortina após se mostrarem, mas desvaneciam-se gradualmente em direção ao chão, como se através de uma alçapão inexistente.

Tomei conhecimento do círculo doméstico de Tom Harrison quando li um pequeno anúncio do seu primeiro livro, Visitas dos Meus Amigos do Outro Lado, cujos lucros revertem integralmente para caridade. O meu interesse pela investigação psíquica remonta à infância e, ao longo dos anos, tive a sorte – em parte graças ao meu envolvimento na Society for Psychical Research – de vivenciar diretamente muitos fenómenos aparentemente paranormais. Por isso, estou sempre interessado em acrescentar aos cerca de 500 livros que possuo sobre o tema, e mandei vir um exemplar do livro de Tom. Fiquei impressionado com a honestidade da escrita e, pouco depois, aparentemente por mero acaso, Tom e eu conhecemo-nos. Assim começou uma amizade próxima e o meu conhecimento do homem confirma plenamente a impressão que tive ao ler o primeiro livro.

É um homem de integridade transparente, sem ambição de estatuto pessoal, fama ou recompensa. O seu único interesse ao relatar as experiências que teve com o círculo doméstico é partilhar connosco a convicção total que essas experiências lhe deram da realidade da vida após a morte. Essa convicção deixou-o com uma profunda humildade e uma presença espiritual que cativa todos os que o conhecem. Juntamente com muitos outros, há muito que incito Tom a escrever um relato mais completo das suas experiências e alegra-me que finalmente tenha consentido, oferecendo-nos assim o benefício não só de aprendermos com elas, mas também com a sua sábia e gentil sabedoria.

Porque é que o tipo de fenómenos físicos descritos por Tom tem tanta importância? O mediunato físico, outrora central nas investigações de muitos dos mais ilustres investigadores psíquicos como Sir William Crookes, Sir William Barrett e Dr. Alfred Russel Wallace (codescobridor com Darwin da teoria da evolução), caiu gradualmente em desgraça, principalmente devido a acusações de fraude e má prática contra alguns médiuns físicos. Além disso camping o número de bons médiuns físicos diminuiu drasticamente ao longo dos anos, embora agora haja sinais de que esse declínio possa finalmente estar a ser travado e até invertido.

Então, porque devemos ainda preocupar-nos com fenómenos físicos? A resposta é que, desde que os espíritos responsáveis por esses fenómenos consigam convencer os participantes de que são quem dizem ser e que as condições excluem a possibilidade de fraude, os fenómenos físicos proporcionam-nos acontecimentos paranormais de uma amplitude e

intensidade que nunca foram reproduzidos por seres vivos, independentemente das suas capacidades psíquicas. Isto enfraquece o argumento de que toda a evidência de sobrevivência produzida pelo mediunato pode ser descartada com base no facto de o médium poder estar a obter a informação através dos seus próprios poderes de telepatia e clarividência. Não conheço prova fiável de que os vivos possam produzir a gama e a extensão de fenómenos testemunhados no contexto do mediunato físico. Leia o livro de Tom e tire as suas próprias conclusões.

Temos, pois, todas as razões para estar gratos a Tom Harrison, em primeiro lugar por manter registos dos acontecimentos no seu círculo doméstico e, em segundo lugar, por partilhar esses registos connosco. E temos igual motivo para agradecer à falecida Minnie Harrison e aos outros membros do seu círculo doméstico – cinco dos quais já não estão entre nós neste mundo – que dedicaram tanto do seu tempo e energia a reunir-se semanalmente para fornecer provas da vida após a morte. O livro de Tom está repleto de exemplos extraordinários dessa prova e igualmente repleto do seu próprio calor e humanidade. Como disse no início, um livro notável escrito por um homem notável. Obrigado, Tom.

Professor David Fontana Antigo Presidente da Society for Psychical Research Dezembro de 2005

PREFÁCIO

Bem-vindos ao meu mundo A morte não é nada Apenas passei para a sala ao lado Que é esta morte senão um acidente insignificante? Porque hei de estar fora da mente por estar fora de vista? Estou à tua espera, por um intervalo. Em algum lugar muito perto, mesmo ao virar da esquina Tudo está bem (Cânone Henry Scott Holland)

Bem-vindos ao Mundo do Espírito, o chamado "mundo seguinte", um mundo omnipresente de que todos fazemos parte aqui e agora. Este corpo físico não é mais do que uma concha transitória para vestir o Espírito individual vivo durante a sua momentânea existência neste globo material conhecido como a Terra.

Quando este corpo atingir a data de validade e deixar de servir qualquer propósito útil, seja quando e como for, o Espírito individual, o verdadeiro tu que habita esse corpo, continuará simplesmente a viver no Mundo do Espírito, mas libertado do peso desta restritiva veste de barro. A liberdade pessoal e a alegria sem limites serão tuas no mundo maravilhoso,

muito real, de beleza pristina, numa vibração muito mais fina. Talvez análogo, mas de modo muito mais refinado e resplandecente, à transição da delicada e bela borboleta a partir da lagarta peluda, através da concha restritiva da crisálida. A lagarta conserva a sua individualidade até à borboleta, tal como tu conservarás a tua individualidade quando passares para o Mundo do Espírito.

Nunca te esqueças de que os teus entes queridos, familiares e amigos, estarão à tua espera para te acolher quando fizeres essa transição e estão ansiosos por te dar a saber que continuam perto de ti, nunca mais do que a um pensamento de distância. Tal como aqueles pensamentos intuitivos que muitas vezes recebemos de que alguém nos vai telefonar e, momentos depois, o telefone toca e a pessoa está do outro lado da linha a conversar connosco. Se usássemos mais vezes essa intuição para escutar os nossos entes queridos do Mundo do Espírito, quão mais felizes seriam todas as partes do Mundo do Espírito. Lembro-me de uma daquelas «perguntas armadilhadas» da escola: «Qual era a maior ilha continental antes de a Austrália ser descoberta?» Depois de todas as nossas respostas serem rejeitadas, o professor limitou-se a dizer, com um sorriso, que a resposta continuava a ser aquele continente agora conhecido como Austrália. Antes de ser descoberta, já lá estava!

Substitui, pois, «Austrália» por Mundo do Espírito – sempre lá esteve e fico tão feliz por poder dizer que cada vez mais pessoas começam a saber mais sobre ele e a fazer contacto, para grande alegria dos nossos amigos no Mundo do Espírito. A única certeza desta vida aqui é que TODOS nós «morreremos» e faremos essa viagem para o Mundo do Espírito, independentemente da nacionalidade ou das crenças religiosas. Que esplêndido seria se as agências de viagens tivessem folhetos ilustrados a cores para cobrir essa viagem única e muito especial – como têm para todas as outras viagens longínquas que gostamos de fazer a «países estrangeiros» – para termos alguma ideia do nosso destino. Infelizmente, esses folhetos não existem, mas o CONHECIMENTO sobre o nosso destino ESTÁ DISPONÍVEL, bastando que a humanidade se desse ao trabalho de procurar nos sítios certos, tantas vezes dentro de si própria.

Do ponto de vista pessoal, fui privilegiado por ter consciência deste conhecimento desde muito cedo e ainda mais privilegiado por ter acesso aos meios de contactar tantas pessoas no Mundo do Espírito. Essa consciência era tão absoluta que, quando tive de indicar a minha religião ao entrar para o Exército, pude dizer, sem sombra de dúvida, que era espiritualista. As experiências ao longo da minha vida trouxeram-me a compreensão de que este conhecimento está para além do rótulo de uma

religião específica e, como já disse, pertence e aplica-se a toda a humanidade. A mensagem que Douglas transmite na sessão da Festa de Natal – seguir o Princípio de Cristo do amor pelos outros – é tão fundamental para a nossa vida que precisamos de nos elevar acima das divisões do sectarismo e da religião.

Ao longo da minha vida fui privilegiado de tantas maneiras, mas nenhuma mais do que as que dizem respeito ao mediunato físico. Tais privilégios são, de facto, uma alegria a ser acarinhada e cultivada para benefício da humanidade sempre que e onde quer que surja uma oportunidade. Não esqueças, porém, que todos os privilégios acarretam a Responsabilidade Pessoal de os aceitar e usar com a maior Humildade, sem a qual a nossa qualidade e dignidade de vida ficariam diminuídas.

1

PROVA VIVA – AS EVIDÊNCIAS

«Como hei de começar a contar a história de um amor tão grande…"

Pois o amor tangível, avassalador, é a emoção que se sente quando eles regressam.

Esta é uma história quase demasiado inacreditável para ser contada. Todos os teus sentidos resistirão a acreditar nela. Estás a ser convidado a aceitar que pessoas regressaram dos mortos – não como visões fugidias na mente de alguém, nem mesmo como fantasmas transparentes ou espectros esguios. Regressaram em corpos físicos plenamente funcionais, quentes, com o coração a bater. Regressaram e falaram com as mesmas vozes que reconheces. Regressaram com o mesmo riso, a mesma personalidade e, quando, trémulo de emoção, foste abraçado e até beijado nos lábios – o mesmo beijo. Sim, resistirás a acreditar.

Mas eu sei que aconteceu. Eu lá estive. Encontrei essas pessoas reais, materializadas do mundo para além da morte, centenas e centenas de vezes. E tenho as provas escritas, as gravações, as fotografias, os objetos sólidos «presentes» teleportados através das dimensões.

E quando ainda resistires a acreditar no inacreditável, apresento-te as testemunhas – pessoas de todas as classes sociais que, durante oito longos anos, também se encontraram com os mortos vivos nas sessões experimentais a que chamávamos Clube de Sábado à Noite.

Tudo aconteceu numa pequena sala traseira de uma casinha em Middlesbrough, Reino Unido, onde a nossa família se sentava semanalmente para um Círculo Doméstico. A minha mãe, a única Minnie Harrison, foco inigualável do nosso avanço energético, abriu a porta dimensional para o outro lado. Foi através da sua capacidade psíquica e do seu corpo que fluiu a misteriosa substância conhecida como ectoplasma, formando os seres que reconhecíamos como os nossos entes queridos «perdidos».

Tais experiências, entrelaçadas na minha vida desde tenra idade, mudaram a vida de dezenas de «convidados nas sessões» das nossas reuniões semanais, incluindo Roy, Gwen, Don e Emily que, a seguir, dão «provitas» dos seus incríveis encontros com aqueles que regressaram fisicamente do além.

Roy Dixon Smith, tenente-coronel reformado, completo desconhecido, que em 1951 fez a viagem de comboio de Londres a Middlesbrough expressamente para passar uma hora connosco9 no nosso Círculo Doméstico, onde, sob boa luz vermelha, conversou, deu a mão, olhou de perto e acabou por beijar a forma ectoplásmica plenamente materializada da sua amada esposa Betty, que havia passado para o Espírito quatro anos antes. Tão convencido ficou de que ele e Betty se tinham reencontrado e de que os outros espíritos que encontrou eram absolutamente «reais», escreveu um capítulo no seu livro *New Light on Survival*, trecho do qual incluí neste livro.

Gwen Schlegel, residente culta e de longa data em Middlesbrough, que em 1951, acompanhada pela mãe, ficou tão encantada e convencida pela visita ao nosso Círculo Doméstico que aceitou divulgar o seu testemunho na BBC Radio 4, no programa *Christmas Spirits* de dezembro de 2005. Disse aos ouvintes, de forma cativante e articulada:

«Sei, sem sombra de dúvida, que há vida após a morte. Não há qualquer questão – que conforto! Sei que os meus entes queridos me esperam. Antes de a sessão começar, estava aterrorizada, mas depois de começar, para meu espanto, entrou na sala, sob plena luz vermelha, uma velhinha pequena. Era absolutamente fantástica. Jovial, amiga, cheia de graça. Veio ter com cada um de nós, apertou-nos a mão e deu-nos as boas-vindas. Naquele momento, todos os meus medos se dissiparam. Vi-lhe o rosto com toda a clareza. Estava envolta num sudário branco – o ectoplasma. O rosto era humano, sorriso encantador, olhos risonhos. A mão de velhinha que segurei era quente, como encontrar uma pessoa viva. Só queria que toda a gente soubesse disto.

Depois de a velhinha se ir embora, veio a irmã da minha mãe, a tia Jane. Foi espantosa. Estava morta há dois anos e era a primeira vez que se materializava. Teve muita dificuldade – não conseguiu erguer-se à altura completa – mas reconheci-a claramente. Durante toda a vida que a conheci, fora surda-muda, mas naquela noite estava excitadíssima por poder falar com a irmã Phoebe pelo nome. Disse-o devagar: «Pheeeee… beeee…». Lembro-me vividamente – foi a primeira vez que lhe ouvi a voz. Tudo tão espantoso, sob luz vermelha. Via-se tudo com clareza. Nunca esquecerei enquanto viver. Eu lá estive. Abraçaram-nos. Demos as mãos. Foi espantoso.

Compreendo perfeitamente quem acha isto tudo loucura. Eu própria acharia, mas agora vi e sei que é verdade.»

Gwen ficou também encantada por receber um cravo aportado para levar para casa. A «velhinha» era a avó Lumsden, avó da minha mulher, uma das nossas visitantes espirituais regulares que tem capítulo próprio.

Don McKenzie, engenheiro elétrico reformado, que em janeiro de 1954 ajudou o pai a montar o equipamento de gravação para a nossa única sessão de Natal gravada e depois ficou para a sua primeira sessão, então com 19 anos. Tal como Gwen, ficou tão impressionado que, cinquenta anos depois, recordou sem dificuldade os acontecimentos daquela noite quando entrevistado para o mesmo programa *Christmas Spirits*:

«Vi uma forma materializada construir-se e sair do gabinete. Fui mesmo lá e apertei a mão a um dos espíritos regulares que aparecia, porque se formam com muita força. Uma experiência maravilhosa – prova real para mim. Apertei a mão e falei com aquela velhinha. Bem firme. Um marco importante na minha vida.»

«Poderia ter sido falsificado?», perguntou o produtor. «De maneira nenhuma. Deixaram-nos entrar na sala antes de começar e dar uma vista de olhos – uma sala normal numa casa normal. Não havia outra explicação quando se vê a forma materializada sair do gabinete. A médium era uma senhora rechonchuda e alta – e vê-se uma forma espiritual esguia, erecta, a dar-lhe a mão. Impossível falsificar.»

Além de todos os outros fenómenos de materialização daquela noite, Don viu também o irmão Bruce materializar-se. Bruce falou com Don e com os pais, mas não tinha força suficiente para suportar o toque. Don ouviu ainda, através do megafone, as vozes da avó materna, Margaret Phoenix, e da bisavó paterna, Margaret McKenzie, que lhe falaram. O pai

ficou eufórico porque, pela primeira vez, gravara o típico sotaque escocês dela.

«Fomos muito privilegiados por testemunhar o que os participantes regulares viam todas as semanas. Ver, ouvir, tocar e sentir – experiência que fica connosco para o resto da vida. Ainda hoje, 50 anos depois, me lembro.»

A visita de **Emily Nicholson** como convidada no final dos anos 40 foi-me relatada pela filha, Mary Hastie, então com quase setenta anos, após uma das minhas palestras na Igreja de Billingham, em maio de 1996. Mary contou-me que a mãe nunca parou de falar disso; significara tanto para ela. Durante a sessão, a madrasta, Polly, materializou-se e saiu do gabinete. Aproximou-se de Emily, que estendeu a mão para a cumprimentar, mas Polly afastou-lha e disse: «Aqui não se dá a mão» – e envolveu Emily num abraço amoroso, quente e sólido. Transbordou amor de Polly para a mãe. Foi uma experiência verdadeiramente maravilhosa – que nunca esqueceu. Mais tarde, recebeu um cravo aportado que guardou durante anos.

Estes são apenas quatro dos mais de 200 convidados cujas experiências foram todas semelhantes – inesquecíveis, muito pessoais, contactos excitantes com pessoas espirituais amorosas que conheciam e reconheceram claramente.

«Tudo falso», é o comentário habitual do cético. «Qualquer mágico faria o mesmo. Foram enganados.» A sério? Tenho a certeza absoluta de que nenhum mágico, despido do seu equipamento, sentado sozinho numa cadeira de sala de jantar numa casa estranha, onde não era possível abrir a porta sem alguém se levantar, e à vista de todos os presentes, como a minha mãe estava, conseguiria produzir algo que se parecesse com as maravilhosas materializações que encontrámos e com quem conversámos semana após semana durante tantos anos.

E pergunto-te simplesmente: que propósito teria a falsificação? Não havia motivo financeiro ou outro – nunca se cobrou nada, a minha mãe abominava a ideia, e todos os convidados partilhavam depois o jantarinho da Gladys.

Mesmo que tivesse capacidade ou meios, porque desejaria a minha mãe enganar o marido, a mim, a minha mulher e dois amigos íntimos, Syd e Gladys Shipman, a cuja casa chegava de autocarro apenas minutos antes da sessão? A minha mãe não era dissimulada. Era humilde, afável, simples e amorosa. Ansiosa por ajudar quem precisava, dava sempre livremente o

seu dom extraordinário. Sacrificava o seu tempo todas as semanas em benefício dos outros.

Acredito ser um homem razoavelmente perspicaz, com sete anos de treino militar atrás de mim, e estou completamente convencido de que aquelas 1 500 formas espirituais sólidas, vistas e encontradas sob boa luz vermelha, eram quem diziam ser. Conhecia muito bem a irmã da minha mãe, tia Agg; ficara e vivera com ela em inúmeras ocasiões, uma senhora bondosa e gentil. Não tinha a menor dúvida de que a pessoa materializada que aparecia quase todas as semanas era a mesma senhora que passara para o outro lado em 1942. O meu pai, a Doris e o Sydney, que também a conheciam bem, pensavam exatamente o mesmo. Do mesmo modo, a Doris e a mãe dela, Annie (nascida Lumsden), convidada frequente, estavam plenamente convencidas de que a «velhinha vivaça» que aparecia tantas vezes, descrita por Gwen, era realmente a avó Lumsden que passara para o outro lado em 1930.

Ouvirás falar mais destas pessoas e de muitas outras à medida que o livro avança. Tudo o que peço é que mantenhas a mente aberta e desfrutes dos relatos verídicos e intrigantes de reencontros tão alegres.

Essa alegria também transparece no poema **NÓS VIVEMOS**, composto em 1951 pelo meu tio Jack Bessant, irmão da minha mãe, morto num acidente de trabalho em 1927. Tive a alegria e o privilégio de o escrever à medida que ele nos falava através do mediunato da minha mãe, que estava em transe profundo, completamente adormecida e alheia ao que a rodeava.

Nós Vivemos!

Não chores por mim, meus queridos, pois estou ao vosso lado.
Não parti para reinos distantes nem atravessei a maré rolante.
Não vos deixo desconsolados, não penseis que algum dia o farei.
Enxugai essas lágrimas, erguei o olhar e sorri, pois ainda estou convosco.
Os meus olhos outrora fechados agora se abriram, a minha visão clara e brilhante.
Onde antes olhava através de vidro escurecido, vejo luz perpétua.
O véu acaba de ser erguido e os meus entes queridos que partiram antes.
Estão agora a acenar-me em boas-vindas, como nos dias de outrora.
O seu amor ainda me envolve, os seus Espíritos não fugiram.
E mais sei agora que estou VIVO. NÃO HÁ MORTOS.

Que os vossos corações se consolem, afastai toda a dúvida e medo.
Vivemos e caminhamos ao vosso lado, os vossos entes queridos ainda estão perto.
Não vos aflijais por mim, meus queridos, enxugai essas lágrimas.
Falarei convosco através da noite escura da Terra até ao romper do dia.
Erguei, pois, os corações em louvor agradecido e cantai connosco: Ó Túmulo, onde está a tua vitória?
Ó Morte, onde está o teu aguilhão?

2 A Minha Mãe – Minnie Rose Harrison

Minnie Rose nasceu a 17 de março de 1895 em Middlesbrough. Era a mais nova de 11 filhos da família Bessant. O pai era caldeireiro de açúcar e pasteleiro; a família viveu, em diferentes épocas, em Middlesbrough e na zona de Bristol. A mãe morreu quando ela tinha apenas cinco anos. O pai casou com a irmã da esposa para ajudar com os filhos e assim entrou na nossa família a senhora carinhosamente chamada Tia-Avó.

Quando a família vivia em Bristol, Albert, o mais velho e 23 anos mais velho que a minha mãe, foi enviado como delegado a uma conferência do Exército de Salvação em York. Ao deitar-se nos aposentos, a vela apagou-se; acendeu-a de novo e tornou a apagar-se. Algo nervoso, meteu-se na cama, mas os cobertores foram-lhe puxados. Não sabemos que noite passou, mas ao regressar a Bristol contou o caso a um colega, que lhe sugeriu falar com um amigo espiritualista.

A conversa levou a um convite para um Círculo Doméstico e ao desenvolvimento de toda a família. O incentivo dos pais permitiu-lhes crescer num ambiente sem inibições e, desde a adolescência, a minha mãe era clarividente e clariaudiente. Em graus variáveis, todos os filhos eram mediúnicos. Quatro deles – Jack, Mary, Agnes e a minha mãe, Minnie – tornaram-se médiuns de transe profundo.

Na adolescência, alguns anos antes da Primeira Guerra Mundial, a família vivia na Union Street, Middlesbrough, ao lado de um cavalheiro cego, Mr Bartle. Ela contava como ela e uma irmã se esgueiravam para o surpreender, mas ele sabia sempre que estavam lá – o ouvido era tão apurado! Falavam de vida após a morte, mas Mr Bartle não aceitava de facto. Prometeu, porém, à minha mãe: «Se houver algo no teu amado Espiritualismo, Minnie, quando eu partir voltarei para te avisar.» Pouco depois, Mr Bartle passou para o outro lado e a promessa ficou esquecida.

Quando uma irmã mais velha, Mary, casou e se mudou para Bristol, a minha mãe, já perto dos vinte, ia passar férias com ela. Nessas estadas, passeava pelo centro da cidade, explorando ruelas estreitas. Num desses passeios viu um pequeno cartaz sobre uma igreja espiritualista por cima de uma loja – como tantas havia na época. Intrigada, subiu as escadas, entrou e sentou-se no fundo.

O serviço já começara; a médium era uma senhora totalmente desconhecida, numa cidade que ela visitava raramente. Deram-se mensagens a alguns presentes antes de a médium chegar à minha mãe. A mensagem foi curta, mas fulminante: descreveu um cavalheiro ao lado dela, cego, que só queria dizer: «Minnie, há mesmo algo no teu amado Espiritualismo.»

Claro que ficou extasiada com prova tão notável e nunca esqueceu que Mr Bartle cumprira a promessa feita anos antes. Que eu saiba, foi o único contacto, mas bastou para autenticar a crença da minha mãe na Vida após a morte – como viria a provar o seu mediunato extraordinário mais de cinquenta anos depois.

Casou com o meu pai, Thomas Henry Harrison, em abril de 1915, em plena Primeira Guerra Mundial, e viveu com o pai e a madrasta em Middlesbrough enquanto o Tosher combatia em França, onde foi gaseado com mostarda, o que o afetou para o resto da vida.

Quando eu era muito pequeno, para esticar o magro salário ferroviário do pai, a minha mãe trabalhou no pequeno sub-correio e loja geral dos senhores Cowell Pugh, fervorosos espiritualistas que recebiam Billy Hope e Mrs Buxton quando vinham a Middlesbrough tirar fotografias com extras espirituais. Vários familiares tiraram fotos; ainda guardo esse precioso registo.

Em meados dos anos 20, na Shakespeare Street, a mãe abriu a primeira loja caseira de rebuçados, negócio que durou muitos anos nas nossas várias casas, todas perto de escolas. O avô ensinou o segredo do ofício a três filhos; o tio Toss e a tia Agg foram os outros dois e ambos tiveram pastelarias de sucesso em Middlesbrough. A nossa casa, mesmo em frente à entrada do recreio escolar, era ideal para atrair os tostões das crianças. Havia várias escolhas – rebuçado de menta, torcido de anis, toffee de noz, rebuçados de pera passados por rolos de latão dentados –, mas o favorito, a um penny o quarto de libra, era o toffee de melaço com a mistura secreta de açúcares castanhos da mãe e uma pitada de cremor tártaro para não ficar pegajoso no tempo húmido. Quando havia maçãs do tamanho certo, as maçãs caramelizadas eram um sucesso.

Com o seu amor inato pelas crianças, considerava os clientes regulares quase família e, discretamente, marcava alguns sacos com um T da sorte colado por dentro; quem o encontrasse ganhava um saco grátis no dia seguinte. Garantia que o saco premiado, guardado à parte, ia para crianças merecedoras. A mãe estava muito à frente das atuais «promoções com prémio».

Aos sábados, para aumentar o rendimento, a mãe, o pai, eu e um amigo montávamos uma banca de toffee nos mercados de Stockton, South Bank ou Redcar. Lembro-me bem de apregoar para atrair clientes; havia muitos habituais que me davam uma palavra simpática, um sorriso e às vezes um penny extra. Às vezes voltava a casa com seis pence no bolso – riqueza para um miúdo de dez anos! Um dos pontos altos era poder partir as lajes de toffee com os martelinhos de metal. As travessas viajavam em duas ou três malas de lata nos autocarros locais. Dias atarefados e excitantes; no inverno, com chuva torrencial ou estradas cobertas de neve, lá íamos. Embrulhar os dedos gelados numa caneca de Bovril quente, a um penny, era o paraíso!

Custa-me acreditar como a mãe conseguia ferver tanto açúcar no minúsculo fogão a gás, como o pai improvisou uma prateleira e balcão numa sala de estar minúscula de casa alugada – tudo desmontado à noite para dar lugar às muitas visitas. A porta estava sempre aberta a amigos e parentes, muitos desempregados; hoje sei que a mãe usava grande parte do dinheiro da loja para os alimentar. Era típico da sua generosidade: negava-se a si própria pelo bem dos outros, como fez quando a Doris e eu criávamos os nossos três rapazes e três raparigas. Só soube depois de ela partir – mas ela não quereria de outra forma.

No fim dos anos 30, a tia Agg, dez anos mais velha e já médium profissional na Marylebone Spiritualist Association, recomendou-a. A mãe passou todos os testes em Londres, mas decidiu não se mudar. O dinheiro londrino seria tentador na Depressão, mas creio que foi isso que a fez ficar: nunca cobraria por sessões. Nenhum convidado do Clube de Sábado à Noite pagou um tostão – a mãe detestava a ideia, apesar das suas finanças limitadas.

Desde adolescente, com irmãos e irmãs, foi ativa no Liceu, a escola dominical da Spiritualists' National Union, e tornou-se amiga íntima de Charles e Annie Hudson, pilares da igreja de Middlesbrough. A Doris, segunda de dez filhos, era a favorita da minha mãe, que tratou de nos aproximar. A mãe era popular nas igrejas locais; viajava com Sydney Shipman para dar serviços – ele, bom orador filosófico; ela, o contacto com o Mundo do Espírito.

Lembro-me, anos depois, de a presidir em Middlesbrough e de ela tremer, com medo de nenhum Espírito falar. Mal se punha de pé, entrava em transe profundo; a irmã Agg controlava-a e dava todas as mensagens – clarividência em transe, forma rara de mediunidade.

A perspetiva de serem avós ajudou a mãe a recuperar da operação ao cancro em 1940. Mas o entusiasmo esfriou quando o nosso primogénito resolveu chegar. Mal a Doris percebeu que faltavam poucos dias, os meus pais mudaram-se para nossa casa.

Nas primeiras horas de 23 de fevereiro de 1942, o pai foi de mensageiro: telefonou à parteira e avisou a sogra, que correu para Lambeth Road. Desde a véspera, a neve caía; já passava de trinta centímetros e continuava. A parteira, sem carro, não conseguiu pedalar os três quilómetros.

Sem parteira, a Doris assumiu. Apesar de dez partos, nem a sogra nem a minha mãe tinham visto um bebé nascer – aprenderam ali. Sob instruções detalhadas da Doris, o Colin nasceu em segurança. A parteira chegou depois para os acabamentos. Que noite!

Durante a guerra, enquanto eu estava no exército, a mãe, o pai e a Doris iam aos sábados a casa de Sydney e Gladys Shipman para conversar e ouvir música – Syd no violino, Gladys ao piano. Nas licenças, juntava-me a eles. Se estava no Reino Unido, fazia tudo para telefonar do orelhão e falar com a Doris e os pais – o telefone da loja mantinha o elo entre os seis.

Em março de 1946, desmobilizado, continuámos as noites de sábado em casa dos Shipman. Três semanas depois, o Syd sugeriu um Círculo Doméstico; todos aceitámos, sem imaginar os resultados extraordinários dos anos seguintes! A frase de Albert na sessão de Helen Duncan, nove anos antes, sobre a «energia dos fenómenos físicos» tornou-se realidade. O mediunato da mãe espantou-nos pela rapidez, qualidade e raridade. A 6 de abril de 1946 começou algo único com o Clube de Sábado à Noite.

No fim de 1946, a mãe e eu falámos em abrir uma peixaria entre os dois, com o pai a manter o emprego nos caminhos-de-ferro. Sem experiência, arriscámos. Semanas depois, surgiu uma loja na Garnet Street; fomos em frente.

Início de dezembro: abriu a peixaria. Os pais venderam a casa de Longford Street – onde eu casara – e mudaram-se para os aposentos da loja. Diferente das lojas de rebuçados, mas rendeu: depressa faturávamos

mais de 80 libras por semana, com bom lucro líquido – salto enorme face ao meu antigo salário.

Vendemos Garnet Street a familiares da tia Mary, de Bristol. Os pais compraram outra peixaria na Bow Street, onde ficaram anos. Com a respiração do pai a piorar, deixou os caminhos-de-ferro e ajudava a preparar peixe e batatas; a mãe e a prima Ethel, a nossa Eth, viúva alegre, geriam a loja. Quando o cancro se espalhou, venderam e vieram viver connosco na Oxford Road.

No Círculo, para a mãe relaxar no transe, cantávamos *Silent Night* depois de ela voltar ao gabinete. Duas estrofes e o Sunrise falava, pronto para os fenómenos. No Natal de 1948, a Doris e a mãe tomavam café na cidade; tocava *Silent Night* nos altifalantes. Mal começou, a mãe fechou os olhos e pareceu entrar em transe, como nas sessões. A Doris chamou-a várias vezes para a trazer de volta. Não sabemos o que teria acontecido sozinha, mas o Sunrise e a tia Agg teriam cuidado dela – só teria assustado os outros clientes!

Após a primeira operação em 1940, ao longo de dezoito anos, fez várias cirurgias menores e tratamentos que a mantiveram viva, intrigando os médicos: «Algo te faz mais bem do que nós.» O Mr Jones, amigo do cirurgião, falava-lhe do Sunrise e da cura espiritual!

Nas sessões semanais, recebia cura do Mundo do Espírito; agradecia imenso. Prova: dores constantes no braço esquerdo davam-lhe noites em claro – exceto aos sábados, quando dormia cinco horas seguidas. Após a mastectomia de 1940, o braço inchara e mal se mexia – até o Sunrise tomar controlo, no fim da parte do megafone.

Acendíamos a luz vermelha para as materializações; o Sunrise erguia-a, levantava-lhe o braço esquerdo, rodava-o em círculos rápidos, dizendo: «Dou cura à Meedi» (chamava-lhe sempre «minha Meedi»). Durava um minuto; sentava-a, pronta para o gabinete.

Nunca deixávamos de nos maravilhar com o braço a girar, quando normalmente mal se mexia. Quando lhe contávamos, custava-lhe acreditar, mas agradecia ao Sunrise por a manter apta para o trabalho que ambos consideravam importante. O braço manteve mobilidade limitada, mas não piorou – contra o esperado pelos médicos. Como o Sunrise disse na gravação da Festa de Natal de 1951: «Mantemos a Meedi em boa forma física para o trabalho.»

Sabíamos os amigos espirituais sempre perto, sobretudo a irmã Agg, com quem tinha ligação especial. Surpreendente foi uma noite no hospital, após cirurgia menor. Na hora de visita, ainda sob anestesia, sentámo-nos de cada lado da cama, de mãos dadas, a dar-lhe cura. A meio da hora, com olhos fechados, sorriu. Inclinámo-nos: era a tia Agg a controlar: «Tio Agg?» «Sim, vim dizer que a nossa Min fica boa. Cuidamos dela.» Desapareceu. Ninguém na ala reparou no pequeno milagre – prova da empatia entre as irmãs.

O cancro acabou por vencer; passou para o Mundo do Espírito a 7 de novembro de 1958, com 63 anos. Deixou um vazio enorme. Além da perda física – para mim, da mãe; para as crianças, da adorada «Nannee» –, perdemos o contacto físico semanal com família, amigos e guias do outro lado, durante doze anos. Com o seu dom e natureza carinhosa, enriquecera tantas vidas.

Continuámos com Círculo Doméstico; alguns desenvolveram mediunidade mental e transe leve, mas o dom raríssimo da mãe não apareceu em mim nem nos seis filhos. O Clube de Sábado à Noite acabou. Depois, noutro círculo esplêndido, falei com ela e o pai, senti o toque da mãe e sei que vivem felizes, sem as dores terrenas.

Obrigado, Mam, pelo amor que deste a nós e a tantos.

3

ALGUMAS PALAVRAS SOBRE MIM

Tens todo o direito de te perguntares quem sou eu para contar esta história extraordinária sobre a vida após a morte. Sou um excêntrico a viver de fantasias ou apenas um homem comum que viveu uma vida comum, mas privilegiada, testemunhando manifestações únicas de fenómenos psíquicos físicos através do mediunato notável da minha mãe, Minnie Harrison?

Acredito ser esse homem comum, de todos os dias. Aqui vai um breve resumo da minha vida para que tires as tuas conclusões. Vamos a isso.

Nasci em Middlesbrough, North Yorkshire, a 8 de agosto de 1918, no auge da pandemia de gripe espanhola que matou cerca de 15 milhões de pessoas no mundo. A minha mãe, com 23 anos, ficou com o coração debilitado e, mais tarde, soube que eu era considerado um «menino doentio» na primeira infância. Superei o suficiente para enfrentar os anos da Depressão, aquele período sombrio entre as duas guerras. O meu pai

serviu nas trincheiras da Primeira Guerra Mundial, foi gaseado e ferido na perna no Somme e agradeceu o emprego estável de verificador na North Eastern Railway.

O salário semanal era cerca de duas libras – não era fortuna, mas muito melhor do que os milhares de desempregados do Nordeste, quase sem subsídios. Confesso que era demasiado novo para lembrar o pior e tive a sorte de crescer num lar seguro e cheio de amor, como filho único.

Vivíamos numa casa alugada minúscula, de dois quartos em cima e dois em baixo, na Shakespeare Street, com a habitual retrete exterior «pouco amigável» e o barracão do carvão. Ninguém que conhecêssemos tinha casa de banho; sexta-feira era noite de banho na banheira de zinco à lareira. O número 95 ficava em frente à porta traseira da Victoria Road School, que frequentei até aos onze anos, apesar de algumas mudanças de casa, e ganhei uma bolsa para o Middlesbrough High School. Sempre gostei de matemática e ciências; em 1934 obtive o Certificado de Matrícula. Sabia que a universidade era impossível – havia poucos lugares – e, em 1935, consegui emprego, aos dezassete anos, por dezassete xelins semanais, como escriturário júnior numa pequena empresa nova no imenso complexo ICI de Billingham. A British Titan Products, depois renomeada Tioxide, é hoje um grande conglomerado com outra fábrica enorme em South Humberside.

Adorei os anos escolares, sobretudo o desporto – atletismo, futebol, râguebi – e conquistei as «cores da escola», feito importante na época. Gostei também dos anos na BTP, incluindo os 26 km de bicicleta diários até 1939, quando o Governo começou a chamar jovens de vinte anos para o serviço militar em tempo de paz (antecessor do Serviço Nacional). Fui um dos duzentos que se apresentaram no Corpo de Engenheiros Reais em Aldershot a 15 de julho. Serviríamos seis meses, com o emprego garantido, mas a declaração de guerra a 3 de setembro prolongou-o por toda a Segunda Guerra, quase sete anos para mim. Considero-me afortunado por uma guerra «calma», com os habituais desconfortos e preocupação pela família.

Mas permitam-me três episódios marcantes de fenómenos psíquicos físicos antes do Exército.

1. Tinha quatro anos. Todas as semanas, o mesmo grupo de sete amigos reunia-se na sala pequena da Shakespeare Street. Eu adorava ouvir a mãe tocar o harmónio de canto enquanto cantavam com entusiasmo. Não percebia nada, só gostava de ouvir da cama antes de dormir. Até uma noite em que acordei com uma voz alta e

estranha lá em baixo. Desci as escadas abertas, curioso, e na luz das brasas vi o grupo à volta da lareira; o tio Jack, irmão da mãe, falava com aquela voz. Era controlado pelo Espírito de um chefe africano, o seu guia principal. A mãe viu-me, chamou-me e sentei-me no seu colo. Não tive medo – senti-me em casa – e devo ter adormecido logo, pois acordei na cama. Foi a minha introdução ao transe, muito cedo.

2. Aos dezassete, em férias com os pais em casa da tia Agg em Cricklewood, Londres. A tia trabalhava na Marylebone Spiritualist Association, mas mantinha o seu círculo de megafone. Os pais entraram; eu e o primo Terry fomos ao café. Quando voltámos, comentei na cozinha: «Isto é tudo treta.» Minutos depois, entrámos na sala; repeti a frase e todos riram. O guia Paddy acabara de dizer: «O jovem cavalheiro acha que é tudo treta!» Não imaginava como estava errado e o que aprenderia onze anos depois sobre megafone e materializações no nosso Círculo.

3. Aos dezanove, sentei-me num círculo de materialização de Helen Duncan, com a mãe como anfitriã de um amigo, Sam Ingham. Sabia pouco do tema, mas lera e interessava-me. A mãe foi uma das senhoras que revistou Helen nu, vestiu-lhe o simples vestido preto e acompanhou-a até à cadeira no gabinete, garantindo que nada escondia. A sala fora inspecionada; a cortina preta ficava num canto junto à lareira.

A sessão era sob luz vermelha fraca; na fila de trás, não via detalhes, mas as formas ectoplásmicas pareciam sólidas e eram reconhecidas pelos mais próximos. Albert, guia principal de Helen, era o mestre de cerimónias. O ponto alto foi o último: o tio Jack, morto dez anos antes num acidente de trabalho – o mesmo cuja voz ouvira no colo da mãe. Materializou-se forte, ficou quatro minutos, falou claro com a mãe na primeira fila. Depois de voltar ao gabinete, ouvimo-lo ainda falar com Albert, que anunciou: «As pessoas que este cavalheiro veio contactar têm a energia certa para fenómenos físicos!» A mãe era boa médium mental, mas era difícil compreender tão inesperada e importante informação de fonte fiável. Mal sabíamos que, oito anos depois, tudo se cumpriria, como Albert previra naquela noite excitante com a especial Helen Duncan.

Desde pequeno, a mãe levava-me todos os domingos ao Liceu, a escola dominical espiritualista. Gostava da amizade das crianças e das lições sobre a vida no Mundo do Espírito. Ali, ainda adolescentes, conheci a Doris. A amizade cresceu; tornei-me parte da família Hudson de dez filhos, todos no Liceu. Namorámos e casámos a 6 de abril de 1940 na

Igreja Espiritualista de Middlesbrough, na minha segunda licença da Força Expedicionária Britânica em França.

Nada de especial no serviço como condutor na unidade de cartografia, exceto a promoção a cabo-escriturário. Chamavam-lhe a «Guerra Enfadonha» até os alemães contornarem a Linha Maginot; não éramos unidade de combate e batemos em retirada apressada e desagradável por Dunquerque, no penúltimo barco.

Desembarcámos em Dover, fomos enfiados num comboio e acabámos em Llandudno, País de Gales, meses antes de zarpar de Glasgow para a Islândia – dias de mar agitado – para mapear portos no norte e leste. Ficámos em Reykjavik, primeiro em tendas de campanha no solo gelado, depois em barracões Nissen junto ao quartel-general no cais.

Tenho memórias duradouras daquele ano: temperaturas sempre abaixo de zero (adaptámo-nos rápido), noites permanentes no inverno – o máximo de luz eram quatro horas de crepúsculo ao meio-dia. Sem legumes frescos, tomávamos comprimido diário de ácido ascórbico contra o escorbuto. Nada a queixar, comparado com os que combatiam ou com os bombardeamentos que só ouvíamos na rádio.

A memória mais viva: as poucas semanas da Aurora Boreal – cortinas gigantes de cor vívida, penduradas do céu, ondulando como sopradas por gigante invisível, tão baixas que pareciam tocar os patinadores no lago gelado do centro de Reykjavik. Espetáculo de cortar a respiração.

Em julho de 1941 regressei ao Reino Unido já sargento. Fomos para Avebury, Wiltshire, na quinta do famoso treinador de cavalos Fred Darling, onde vimos puro-sangue magníficos, incluindo vencedores de clássicas. O meu posto permitia alojamento privado na aldeia; a Doris juntou-se-me dois meses.

A unidade preparava-se para o Médio Oriente; o calor do deserto assustava-me. Semanas antes do embarque, fui transferido, aliviadíssimo, como instrutor para a Escola de Cartografia em Wynnstay Hall, perto de Ruabon, País de Gales, no meio de paisagem lindíssima. Agradeci de coração aos meus guias. Em Ruabon, cheguei a casa horas depois do nascimento do Colin, a 23 de fevereiro de 1942, e passei dias com a Doris e o primogénito.

A vida de sargento em Wynnstay Hall era confortável; recomendaram-me para oficial no Royal Army Ordnance Corps. Após

meses de treino duro na OCTU, fui comissionado segundo-tenente em julho de 1943.

Seis meses mais no Depósito de Peças de Veículos em Chilwell levaram-me ao 1.º Depósito Avançado de Ordenança, mobilizado para apoiar a frente antes do Dia D. O desembarque na praia, dias após 6 de junho de 1944, foi assustador, mas a unidade montou depósito a poucos quilómetros, perto de Audrieu – que revi anos depois, de carro, de Espanha a Calais. Cabia-nos abastecer as unidades de combate; constantes viagens à costa, atravessando o quarto de milha de pontões flutuantes até ao porto artificial Mulberry.

A rendição alemã levou-nos a Glinde, perto de Hamburgo, donde fui desmobilizado em março de 1946.

Assim terminou o meu «treino de seis meses» quase sete anos depois. Voltei à British Titan Products com três filhos e um a caminho. Após anos de responsabilidade militar, ser escriturário júnior mal pago era frustrante. A sociedade na peixaria com a mãe, em dezembro de 1946, ajudou muito, complementada por algumas libras a dar aulas de matemática à noite.

Mas o mais importante: em abril, apenas três semanas após a desmobilização, começaram os oito anos mais espantosos e felizes da minha vida social. Na reunião habitual de sábado em casa de Syd e Gladys, o Syd sugeriu sentarmo-nos em Círculo Doméstico. Mal imaginávamos o que aí vinha.

4

ENTÃO, O QUE QUEREMOS DIZER COM…

Este livro, a minha história, ocupa-se da comunicação psíquica e espiritual em múltiplas formas, através da Mediunidade Mental e Física. Convém, pois, explicar desde já alguns termos principais, caso não os conheças.

MUNDO DO ESPÍRITO Mundo Etérico, Mundo da Alma, Mundo da Mente: expressões para o que eu chamo sempre **O Mundo Entre Nós**. Quando deixamos o corpo físico, o nosso Espírito, com o corpo etérico, mente e alma, continua a viver numa vibração superior, sem a carcaça restritiva do corpo físico. Não ocupa espaço físico, interpenetra-se com o mundo material sem interferir – a menos que o peçamos. Prefiro sempre **Mundo do Espírito**; será esse o termo aqui.

Quanto ao seu «onde», a melhor analogia é o mundo das ondas de rádio e televisão: invisíveis, intangíveis, estão sempre à nossa volta, mas só se tornam reais quando temos um recetor – rádio ou televisor – que as transforma em som ou imagem. O Mundo do Espírito está igualmente à nossa volta, numa vibração mais alta, mas invisível aos cinco sentidos até termos um médium humano que os amigos espirituais usem para transformar essas vibrações em som ou visão.

- Vozes espirituais podem ser ouvidas por médiuns clariaudientes («mentalmente») ou manifestar-se fisicamente através de médiuns de **Voz Direta**, como as que ouvíamos pelo **megafone**.
- Com **materializações ectoplásmicas**, não só ouvimos as vozes – vemos os seres de pé entre nós, em forma sólida.

Ambos os fenómenos, de prova incontestável, tivemos ao longo dos anos do nosso Círculo Doméstico, demonstrando a realidade do Mundo do Espírito. Não é um lugar de fantasia nas nuvens, com asas e harpas. Os nossos amigos e familiares espirituais, fidedignos, garantem: é absolutamente real, permeia o espaço à nossa volta, interpenetra-se connosco, nunca se intrometendo nas nossas vidas.

FENÓMENOS os acontecimentos que se produzem graças ao dom da mediunidade, quer «mental» quer «física».

Fenómenos mentais abrangem três vertentes principais:

- **Clarividência** (visão clara)
- **Clariaudiência** (audição clara)
- **Clarissentiência** (sensibilidade clara)

O médium vê, ouve ou sente um contacto do Mundo do Espírito e transmite mensagens aos entes queridos cá. São os fenómenos habitualmente demonstrados em palanques de igrejas ou salas públicas e em sessões individuais privadas.

Fenómenos físicos diferem radicalmente: são vistos, ouvidos ou sentidos **por todos** os presentes na sala. Para que ocorram, o médium entra habitualmente num estado de sono profundo chamado **transe**.

Existem muitos tipos de fenómenos físicos:

- Comunicação vocal
- Telecinesia
- Aportes

- Luzes espirituais
- Escrita espiritual

Estes cinco tivemos o privilégio de presenciar nas sessões do **Clube de Sábado à Noite** e explico-os a seguir.

E, claro, a **materialização**: os espíritos formam-se solidamente na sala connosco. Tive a sorte imensa de cumprimentar, apertar a mão, abraçar e conversar com **mais de 1 500** espíritos sólidos e vivos graças ao mediunato físico da minha mãe, Minnie Harrison, no nosso Círculo Doméstico.

A maioria eram familiares ou amigos que conhecíamos bem em vida e reconhecíamos exatamente – mesmos traços, mesmos gestos – num corpo ectoplásmico temporário. Os estreantes aguentavam um ou dois minutos; os experientes, como a tia Agg ou a avó Lumsden, ficavam até 15 minutos.

De vez em quando apareciam visitantes menos conhecidos, mas davam provas claras de identidade que confirmávamos depois. Um deles foi o pioneiro espiritualista Alfred Kitson, a quem dedico capítulo próprio.

Após 18 meses de sessões, tirámos fotografias à luz vermelha; um ano depois, a infravermelhos – algumas estão neste livro.

Comunicação vocal manifesta-se de várias formas:

- **Voz direta**: o espírito controla o médium e fala com os seus órgãos vocais (transe).
- **Voz indireta/independente**: surge do ar, através de uma «caixa de voz» construída pelos cientistas espirituais.
- **Megafone**: cone leve de alumínio ou plástico que amplifica a voz.
- **Materialização**: o espírito aparece em carne e osso e fala cara a cara – a forma mais emocionante.

Telecinesia movimento de objetos quotidianos sem toque humano.

No nosso Círculo, o sino de bronze em forma de senhora de crinolina (quase 1 kg) voava do consolo da lareira e tocava por toda a sala (ver pág. 121 – Tosher & tia Agg). Molduras, cinzeiros e outros objetos mudavam de lugar sozinhos.

Aposto que a telecinesia acontece mais vezes em casa do que pensamos: pões a caneta num sítio e, quando voltas, desapareceu. Geralmente são crianças espirituais a brincar – inofensivas. Diferem

totalmente dos poltergeists, espíritos sombrios e desorientados que procuram atenção com destruição. Se tal acontecer, procurem um médium reputado; ele convencerá o espírito a abandonar a escuridão e a subir para a luz. O célebre médium escocês Albert Best, amigo do professor Archie Roy, resolveu centenas de casos assim.

Aportes (do francês *aporteer* – trazer): objetos normais trasladados de um lugar para outro, através de paredes ou portas fechadas.

Tivemos centenas: flores, moedas, crachás. Ainda guardo alguns na minha coleção de memórias – insubstituíveis.

Os cientistas espirituais explicaram que: a) desmaterializam o objeto, passam-no pelo obstáculo e rematerializam-no; b) ou desmaterializam temporariamente parte da parede, criam um buraco, trazem o objeto e fecham o buraco.

No nosso Clube usavam sobretudo o método a) – idêntico ao «Beam me up, Scotty» do *Star Trek*. O autor da série sabia do assunto… tal como o argumentista do filme *Ghost* (1990).

Em 1998, cientistas da Universidade de Gales, em Bangor, anunciaram o primeiro teletransporte de uma partícula de luz a um metro de distância. «A teoria funciona; a distância já não importa», disse o Dr. Samuel Braunstein. Estão a criar supercomputadores quânticos.

A Teoria Quântica explica: no mundo subatómico, partículas surgem em dois lugares ao mesmo tempo, atravessam barreiras «impassáveis» ou desmaterializam-se. O professor Paul Davies, da Universidade de Newcastle, resume: «O mundo sólido dissolve-se num tecido de energia pulsante e imprevisível.»

Os cientistas espirituais demonstram isto há décadas. Finalmente, a ciência começa a alcançar-os.

Luzes espirituais produzidas pelos amigos do Espírito, sem lâmpadas.

Na sessão 26 (26 out 1946) vimos as primeiras quatro: bolas de 2,5 cm, dois ou três segundos, à lareira. Com o tempo, tornaram-se mais brilhantes, duravam até dez segundos, apareciam duas ou três juntas.

Em 22 nov 1947, durante materializações, surgiram clarões brancos intensos atrás da cortina. Nada de especial, apenas uma forma alegre de dizer «estamos aqui». Muitos veem luzes assim no quarto escuro.

Escrita espiritual sem contacto humano.

(Distinta da **escrita automática**, em que o médium segura o lápis e a mão é guiada.)

Na sessão 6 sugeri que assinassem numa folha no chão da lareira. Só na sessão 17 apareceram as primeiras assinaturas. Continuaram semanas; guardo as folhas – ainda legíveis.

Forma ainda mais impressionante: nas sessões 38, 39 e 40, com luz vermelha,

- tia Agg assinou «Agnes» no meu caderno;
- tio Jack assinou «Jack»;
- Sam Hildred assinou «Sam».

Três assinaturas de espíritos materializados, vistas por todos, provas eternas. Maurice Barbanell, ex-editor do *Psychic News*, considerou idêntica assinatura de Sir Vincent Caillard a maior prova da sobrevivência que recebeu. Eu tenho três – no meu caderno, para quem quiser ver.

Ectoplasma substância viva, tátil, produzida pelos químicos do Mundo do Espírito.

Não é a névoa fantasmagórica que atravessa paredes ou se dissolve no ar.

Sai do corpo do médium – narinas, ouvidos ou, no caso da mãe, boca – em forma gasosa (visível nas fotos infravermelhas de dez 1948). No fim, **tem** de regressar ao médium; não evapora.

Quando um espírito inexperiente «afunda» no chão, parece cair por alçapão – não há alçapão no tapete dos Shipman! O que acontece: o espírito não aguenta o peso do ectoplasma; os cientistas puxam-no de volta pelo chão até ao gabinete, onde permanece ligado ao médium.

Os cientistas moldam-no de múltiplas formas:

- véu diáfano (foto 1);
- vara rígida para mover o megafone (foto 2);
- revestimento carnudo para mãos, rostos, barbas;

- tecido suave para vestes (sentimo-lo na avó Lumsden).

É branco, mantém a brancura sob luz vermelha; mãos e rostos são quentes, carnudos.

HISTÓRIA

- 1874 – Sir William Crookes fotografa Katie King e Florence Cook simultaneamente.
- 1905 – Prof. Charles Richet batiza «ectoplasma» (do grego: substância exteriorizada).
- Crawford chamou «criptoplasma»; Baron von Schrenck-Notzing, «teleplasma».
- Análises químicas (1909-1916): fluido leitoso, muco, células da pele – prova de origem corporal.

Perigo O ectoplasma permanece ligado ao médium. Luz branca ou toque brusco provocam hemorragias internas – caso trágico de Helen Duncan, 1956.

Por isso:

- revista rigorosa dos convidados;
- obediência total aos guias (Sunrise e tia Agg).

Nas sessões, ao saírem do gabinete, sentíamos um odor acre momentâneo – ectoplasma a sair da mãe. Desaparecia rápido; valia a pena por fenómenos tão raros.

Hoje, o ectoplasma quase desapareceu dos círculos físicos. Nos círculos de que Ann e eu fizemos parte, espíritos sólidos caminham no escuro **sem** ectoplasma, usando a energia de forma nova e segura. Prometem luz própria para iluminar as materializações. Aguardamos ansiosamente.

Sem ectoplasma, nenhum dos grandes círculos históricos – Helen Duncan, Alec Harris, Jack Webber, o nosso Clube de Sábado à Noite – teria existido.

Os guias só nos diziam: «Colhemos a energia da sala, misturamos com um componente único dentro do médium e exsudamos a substância viva.» Não explicavam mais – faltava-nos vocabulário.

Recentemente, no círculo de Stewart Alexander, deram nova explicação – ver esse capítulo.

Eis a porta aberta. Entrem. Vão ver o que vimos.

MÉDIUNS são pessoas que têm a capacidade ou o dom de se ligarem às vibrações mais elevadas de indivíduos no Mundo Espiritual e sem os quais esta história nunca teria sido possível. É verdade que todos nascemos com este dom de alguma forma ou outra – como muitas vezes demonstrado por tantas crianças que falam com os seus amigos imaginários. Infelizmente, é tantas vezes suprimido pelos pais ou pelo ridículo dos colegas de escola, e as práticas religiosas estabelecidas oferecem-lhes pouco apoio.

Aqueles que têm a sorte de ter pais compreensivos, como a minha mãe e eu próprio, ou que são fortes o suficiente para superar a oposição e a desaprovação, podem bem desenvolver a sua mediunidade para conseguir ligar-se a essas vibrações mais elevadas e trazer a tantas pessoas tristes e enlutadas o amor, a alegria e o conforto dos seus entes queridos que deixaram o plano terrestre para um mundo mais luminoso e feliz do Espírito – agora livres das restrições de um corpo físico tantas vezes atormentado pela dor ou pela doença.

Como acabei de dizer, estas vibrações espirituais permeiam o nosso ambiente em todos os momentos, exatamente da mesma forma que as ondas de televisão e rádio. No entanto, nunca teríamos consciência de nenhuma delas sem um recetor adequado: um médio humano para as vibrações espirituais e um médio mecânico feito pelo homem, como um aparelho de televisão ou rádio, para as últimas.

Aceito que isto possa ser uma simplificação excessiva da situação, mas espero que percebam a ideia. É realmente tão natural e simples como isso, sujeito às condições adequadas prevalecerem no momento, como os velhos aficionados do rádio se recordarão com os antigos aparelhos de rádio de cristal e o "bigode de gato". E quem sabe o que o futuro nos reserva? Experiências sérias por parte de pessoas científicas já estão em curso para receber vibrações espirituais sem a presença conhecida de um médio humano. Os resultados iniciais mostram promessas de uma descoberta "alucinante" nos anos vindouros.

CÍRCULO, um grupo de pessoas que se sentam juntas numa sala adequada com o propósito de estabelecer contacto com o Mundo Espiritual. O número de participantes pode variar geralmente de três ou quatro até dez ou doze, mas como a harmonia unida é um fator essencial, verificou-se que

sete ou oito são os números ideais. O grupo não se senta necessariamente num círculo propriamente dito, mas por vezes numa disposição em ferradura à volta de um ponto focal. No nosso Círculo Doméstico, sentávamo-nos à volta da lareira vazia na sala de estar dos nossos amigos íntimos, Sydney e Gladys Shipman, com a minha mãe numa extremidade e eu na outra. Outro nosso grande amigo em Hull tem uma sala sobressalente na sua casa reservada unicamente para as suas sessões semanais de fenómenos físicos – com excelentes resultados; aí sentamo-nos em ferradura à volta de um canto onde o médio se senta e cortinas podem ser corridas à sua volta para concentrar a energia, mas o tipo de sala não é tão importante, desde que o ambiente e a atmosfera sejam propícios às vibrações essenciais de harmonia e amor verdadeiro.

Tenho a certeza de que, sempre que convidam os vossos amigos e familiares para a vossa casa, os recebem à porta com um sorriso amigável e cheio de alegria e felicidade – e a atmosfera para receber os vossos entes queridos do Espírito não deve ser menos alegre; se alguma coisa, deve ser ainda mais. É muito mais difícil para eles estabelecer contacto do que simplesmente subir o caminho e bater à porta da frente.

O principal propósito do nosso Círculo Doméstico era um encontro semanal regular aos sábados à noite entre os nossos amigos do Mundo Espiritual e nós aqui na terra. E lembrem-se sempre de que o riso e a alegria são ingredientes básicos importantes de qualquer Círculo bem-sucedido, como sempre descobri ao longo dos meus muitos anos de sessões.

Para aqueles que possam estar interessados em formar os seus próprios Círculos Domésticos, ofereço alguns conselhos importantes que achámos tão benéficos ao longo dos anos das nossas sessões. Sejam estritamente disciplinados com os vossos arranjos de sessão.

1. Concordem numa frequência regular de sessões (semanal, quinzenal ou o que for), encontrem uma noite, local e hora adequados, e mantenham-nos sempre que possível.
2. Não deixem que outros interesses de lazer tenham precedência sobre os vossos arranjos de Círculo. Os vossos amigos do Espírito, com quem esperam estabelecer contacto, merecem tal cortesia no cumprimento de um compromisso, além do facto de que eles também têm de fazer preparativos – especialmente com fenómenos físicos. ii)
3. Deve haver sinceridade completa e harmonia de propósito entre os participantes, cada um disposto a dar para o benefício do todo. Não há lugar para egoístas ou oportunistas.

4. Dêem à vossa sala uma atmosfera amigável, alegre e amorosa, onde os vossos amigos do Espírito ficarão felizes em aceitar o vosso convite muito caloroso para fazer sentir a sua presença da maneira que acharem mais adequada no momento.

5. O uso de uma breve oração de abertura, dando as boas-vindas aos nossos amigos do Espírito e pedindo proteção contra espíritos maliciosos, com uma oração de encerramento de agradecimento, é algo que não posso enfatizar o suficiente. Ao mesmo tempo, dão um formato definido à sessão – um início e um fim.

6. Nunca podem comandar ou exigir resultados específicos; estão a sentar-se para cooperar com eles em todos os momentos e lembrem-se de que cada sessão é experimental. À medida que progridem, estejam sempre prontos, como nós estávamos, para fazer quaisquer mudanças que eles possam aconselhar. Acreditem em mim, eles estão tão ansiosos como vocês para melhorar os meios de comunicação. Desde a nossa primeira sessão, fomos aconselhados a sentar-nos para fenómenos de voz com trombeta, que é assistido pela escuridão completa – por isso foi assim que nos sentámos para este tipo particular de fenómenos ao longo dos muitos anos das nossas sessões – sempre na escuridão completa, com um sucesso tremendo.

7. Quando, após apenas oito meses, fomos privilegiados com materialização ectoplásmica, os nossos amigos do Espírito confirmaram que podíamos usar uma luz vermelha para nos permitir testemunhar este fenómeno notável e muito raro. Começando com uma pequena lâmpada de lanterna e uma bateria numa caixa de madeira, atrás de um pedaço de vidro vermelho, progredimos, à medida que os fenómenos se desenvolviam, para luzes maiores e mais brilhantes, com um interruptor regulador ligado à eletricidade da rede, para variar o brilho, mas estas melhorias foram todas por conselho dos nossos ajudantes do Espírito.

8. Se estiverem a sentar-se para fenómenos físicos, a energia é assistida pelo canto de canções alegres e animadas, particularmente no início. Nós costumávamos cantar rimas infantis e canções populares que todos conhecíamos e podíamos cantar com entusiasmo. Disseram-nos que hinos ou melodias lentas e pesadas tendem a ter o efeito errado e a deflacionar as vibrações. Não importa se têm boas vozes ou não – é o esforço e a alegria que põem no canto que contam.

9. A música gravada também pode ser útil – por isso usem-na se sentirem necessidade, e juntem-se quando puderem. Lembrem-se de que estão a criar a atmosfera para um encontro alegre onde o

riso também desempenha um papel importante. Os leitores mais velhos recordarão sem dúvida, antes da televisão, as noites sociais divertidas à volta do piano quando todos tínhamos um bom canto coletivo e geralmente elevávamos o telhado com a energia criada. Os fenómenos físicos prosperam com tal energia.

10. Finalmente, não se esgotem sentando-se ou cantando por demasiado tempo, especialmente nos primeiros dias. Fomos aconselhados a sentar-nos por não mais de uma hora quando começámos, o que foi estendido pelos nossos amigos do Espírito à medida e quando eles consideravam necessário. Eles certamente vos farão saber.

11. Que os vossos esforços sinceros e harmoniosos sejam devidamente recompensados para o benefício de ambos os mundos. Espero que estas explicações sejam úteis e vos permitam desfrutar das histórias que se seguem.

A minha oração Para os corações tristes e sofredores da noite escura e sombria para o Deus do Amor e da Luz Leva-nos pelo caminho na hora mais escura Para que nos deem Luz e Esperança E envia o poder Para nos elevar acima das preocupações e lutas terrenas Para que possamos olhar para coisas mais luminosas nessa Vida Eterna – O lugar de paz resgatada e felicidade, onde tudo é puro e luminoso, Flores famosas encontram-se com doce perfume e onde não há noite, A nossa alma atrai-nos para o poder de servir com eles Com eles para o A oração

Composta e ditada por Tia Agg quando se materializou em 21 de julho de 1953, especialmente para Me Brittain Jones)

5

"QUEM ERA QUEM!"

Para que possam relacionar-se e reconhecer-nos à medida que a história se desenrola, aqui está um breve resumo dos membros e visitantes frequentes do nosso Círculo Doméstico. O Círculo, iniciado em 1946, rapidamente se tornou conhecido como The Saturday Night Club ou SNC e continuou até ao falecimento da minha mãe em 1958

Membros do Círculo Doméstico

Minnie Rose Harrison, a nossa médium, agora com 51 anos, a minha mãe tinha sido, desde a adolescência, tanto clarividente como clariaudiente. Já se tinha desenvolvido como médium de transe quando começámos o Círculo Doméstico. A sua saúde não era boa e tinha tido a sua primeira operação para cancro em 1910. (Faleceu em 1958.)

Thomas Henry Harrison, meu pai, agora com 56 anos, conhecido geralmente como Tosher, tinha servido no campo de batalha do Somme, sido gaseado e ferido antes de ser desmobilizado em 1918 e agora trabalhava como verificador no pátio de mercadorias da ferrovia. Não particularmente mediúnico, fornecia muita energia psíquica. (Faleceu em 1960.) Thomas William Harrison, eu próprio. agora com 27 anos, recém-regressado de 7 anos no exército durante toda a guerra, alguma consciência mediúnica mas mais um "dador de poder". Tenho uma perspetiva investigativa "sem rodeios" e não consigo tolerar qualquer aparência de pretensão, especialmente onde a mediunidade e assuntos psíquicos estão em causa. Registador do círculo.

Doris Harrison, a minha esposa, agora com 30 anos; era a segunda mais velha na grande família Hudson, uma família espiritualista bem conhecida em Middlesbrough. Enfermeira registada pelo Estado e parteira, a mãe dedicada dos nossos seis filhos, era bastante mediúnica, artística e muito prática. Uma verdadeira mulher de família, nunca mais feliz do que quando rodeada de crianças. (Faleceu em 1976.)

Sydney e Gladys Shipman, os nossos grandes amigos e anfitriões das sessões ao longo dos primeiros seis anos na sua sala de estar adjacente à sua padaria e loja geral em Middlesbrough.

Syd, agora com 42 anos: era um Mestre Padeiro e fundador da sua Sociedade Limitada. Foi criado num ambiente espiritualista e tem sido

muito mediúnico ao longo da sua vida, um homem prático com uma perspetiva perspicaz e terra-a-terra.

Gladys, agora com 30 anos, interessou-se pelo Espiritualismo quando casou com Sydney em 1937. Era uma boa mulher de negócios e diretora da sua Empresa.

Florence Hildred, mãe viúva de Gladys.

Agora com 56 anos; juntou-se a nós pouco depois de termos começado, pois o seu marido Sam, que falecera no Dia de Natal de 1945, começou a comunicar regularmente.

I7am Brittain Jones FRCS.

(Ela faleceu em 1962.)

Agora com 69 anos, era um cirurgião sénior altamente respeitado no Nordeste de Inglaterra, Superintendente do Hospital Geral de Middlesbrough, onde Doris fez a sua formação, através do qual descobrimos o seu interesse por assuntos psíquicos. Juntou-se a nós depois de termos estado a sentar-nos durante cerca de oito meses. Um homem pequeno, entusiástico e vivo com uma riqueza de experiência investigativa no campo médico – tão vivo, na verdade, que era conhecido entre o pessoal de enfermagem no hospital como gafanhoto, o que ele aceitava com riso.

Através do seu conhecimento de fotografia infravermelha e dos seus contactos através do hospital, conseguimos tirar fotografias infravermelhas dos fenómenos ectoplásmicos, como mostrado neste livro. Ele mediu o pulso do corpo materializado de Tia Agg e, numa experiência posterior, cortou um pedaço do robe ectoplásmico para análise. (Faleceu em 1953.)

Os oito de nós formávamos o Saturday Night Club, aqui na terra, mas igualmente importante, se não ainda mais, era a vasta equipa de membros a trabalhar no Mundo Espiritual. Além dos indivíduos especiais que estão listados abaixo, disseram-nos que para as materializações ectoplásmicas havia uma equipa de cerca de 20 químicos e cientistas a trabalhar nos bastidores para permitir que esses visitantes do Espírito construíssem e nos encontrassem face a face.

Visitantes regulares do Mundo Espiritual

Sunrise – um Índio Americano do Norte, o principal guardião e guia espiritual da minha mãe, que esteve com ela toda a sua vida na terra, e como o ouvimos dizer-nos noutro Círculo há alguns anos, ainda está a trabalhar com ela no Mundo Espiritual. Era o nosso líder de Círculo e porteiro no Mundo Espiritual, protegendo a minha mãe de quaisquer espíritos interferentes ou malévolos que não se apercebem do dano sério que podem causar pelas suas ações espontâneas. Interveio em várias ocasiões ao longo dos anos e explicou sempre as suas razões para o fazer. O seu uso da língua inglesa era inicialmente muito limitado, mas aprendeu rapidamente e tornou-se um bom comunicador, especialmente através da trombeta, o megafone leve, que ficava no chão no centro do Círculo.

Ele pegava-lhe por meio de uma vara ectoplásmica emanando da minha mãe (ver fotografia infravermelha), manipulava-a por toda a sala, extremamente rapidamente, antes de a trazer de novo para repousar, horizontalmente, no centro do Círculo a cerca de um metro acima do chão. Desta posição, falava-nos então e apresentava, por sua vez, as pessoas do Espírito que vinham comunicar durante essa sessão. Um amigo completamente fiável e fiel e um Chefe em todos os aspetos, estava sempre por perto em tempos de necessidade.

Tia Agg, Mrs Agnes Abbott, uma das irmãs da minha mãe, que falecera em 1912. Tinha sido uma médium proeminente na Marylebone Spiritualist Association, agora The SAGB em Londres, desde os anos 1930 até à sua passagem súbita para o Mundo Espiritual, com idade.

Falava e demonstrava em muitas das grandes salas bem conhecidas em Londres, especialmente a Queen's Hall, e tenho uma cópia desbotada do Daily Mail datada de 14 de novembro de 1938 com uma fotografia de Tia Agg, juntamente com outras médiuns bem conhecidas, Nan Mackenzie, Mrs Barkel e Stella Hughes, quando demonstraram numa reunião especial perante uma casa cheia de 2.500 pessoas, principalmente viúvas de guerra. Como a minha mãe, era uma mulher modesta e caseira que encontrava sempre tempo para ajudar os necessitados, uma pessoa bondosa que nunca falava mal de ninguém, mas forte o suficiente para se pronunciar quando era necessário.

Era uma das médiuns que se sentou para a investigação da Igreja de Inglaterra sobre o Espiritualismo em 1937, cujo relatório permaneceu inédito até cerca de 1948, quando alguém o vazou para A. W. Austen na Psychic Press.

Arthur Findlay também teve sessões de transe com ela na MSA e um relato de uma das sessões, na qual a sua mãe comunicou, está registado no seu livro Looking Back e em edições posteriores de 'On The Edge of the Etheric'.

Tia Agg tornou-se um elo principal entre os dois mundos, materializando-se todas as semanas e sendo geralmente a última a vir para fechar a sessão.

Granny Lumsden – avó materna de Doris, que faleceu em 1950 com cerca de setenta e poucos anos, outra pessoa que passou muito do seu tempo a cuidar das necessidades dos outros quando vivia em Lonsdale Street em Middlesbrough. Raramente era vista sem o seu grande xale drapejado nos ombros (tal como o xale ectoplásmico visto na fotografia), correndo recados para os idosos e acamados.

Era uma personalidade muito calorosa e alegre que se materializava sempre com uma risadinha espontânea e uma palavra animada para todos os participantes, especialmente quaisquer convidados. Escrevi um capítulo separado para vos contar mais sobre as travessuras de Granny. Nunca havia um momento aborrecido quando ela estava por perto.

Sam Hildred – pai de Gladys Shipman.

Faleceu subitamente no Natal de 1945. Tornou-se rapidamente um comunicador de primeira classe através da trombeta. Um homem muito simpático e amigável, obviamente desfrutava da sua conversa semanal com a esposa e a filha. Falava com uma voz muito clara e no seu modo inconfundível, definitivamente reconhecido pela esposa, filha e genro Sydney, semana após semana. Um ponto muito interessante aqui é que, quando estava no plano terrestre, chamava sempre Gladys – Glad; mais ninguém o fazia, e quando lhe falava através da trombeta era ainda sempre "Glad"! Sam era ainda o mesmo Sam e Pai. Não mudamos subitamente!

Uncle Jack – John Bessant – um dos irmãos da mãe. Faleceu em 1927. Uncle Jack era também um médium de transe e deu-me a minha primeira experiência de ver alguém em transe quando eu tinha 3 ou 4 anos. Foi morto num acidente de trabalho quando tinha 50 anos.

Mona Hildred – irmã de Gladys – faleceu em 1935.

Douglas Hildred – irmão de Gladys – faleceu em 1928, com 5 dias de idade.

Ivy Hudson – uma das irmãs de Doris – faleceu em 1922,

Participantes convidados frequentes com 1 ano de idade.

Mam e Dad (Annie e Charles) Hudson – pais de Doris.

Mrs Shipman – mãe de Sydney.

Jim McKenzie – Tirou as duas primeiras fotografias dos nossos visitantes do Espírito – Tia Agg e Granny Lumsden – Gravou a nossa sessão de Festa de Natal em 1954.

Quando Eu Partir

Sem luto fúnebre, meus queridos, quando eu partir.
Olhares fixos no cadáver, lágrimas, vestes pretas, sombriedade do cemitério. Pensem em mim como retirado para a penumbra,
Ainda vossos – vós meus; lembrem-se do melhor
Dos nossos momentos passados – e esqueçam o resto.

Cremai o meu corpo então, meus queridos, quando eu partir. Pensem na minha alma em reinos supernos
Regressando à terra do Eterno "ainda vossos –
vós meus; unidos ainda no amor
Até que Deus vos chame também, meus queridos – para cima.

6

"SNC - OS PRIMEIROS TRÊS MESES

Os sábados à noite eram sagrados, uma noite para socializar para nós, uma oportunidade de passar a noite com Sydney e Gladys Shipman na sua casa muito acolhedora adjacente à sua padaria e loja geral na Berlam Road. Mam, Dad e Doris tinham desfrutado das suas visitas todos os sábados durante a maior parte dos anos da Guerra, e quando eu estava de licença do Exército juntava-me a eles, além disso, sempre que estava estacionado no Reino Unido, fazia todos os esforços para chegar a uma cabine telefónica e ligar para Syd e Gladys para falar com Doris e Mam.

Assim, sem o sabermos, os seis de nós tínhamos criado um vínculo muito forte, que se revelou tão importante quando a guerra terminou e fui desmobilizado em março de 1946. Cinco de nós tínhamos sido criados no Espiritualismo e Gladys, uma metodista, estava muito interessada. A minha mãe, agora com apenas 51 anos e, como já disse, uma médium "natural", tinha-se desenvolvido como uma boa médium de controlo em transe profundo, como uma das suas irmãs mais velhas, Agnes – conhecida por nós como Tia Agg – que falecera em 1912.

Tia Agg conseguia controlar a minha mãe de forma notavelmente suave, e em um ou dois minutos estaria a falar connosco, embora a minha mãe estivesse inconsciente do que estava a acontecer e depois não se lembrasse de nada da visita de Tia Agg. Ela simplesmente adormecia com o conhecimento de que seria protegida pela empatia entre elas. Era uma relação única e especial, que continuou ao longo da sua vida, e no conforto da nossa própria casa.

Sentados à volta da lareira, éramos frequentemente os recipientes deliciados de tais momentos preciosos.

Os nossos sábados à noite eram sempre agradáveis, com duetos musicais por Sydney no seu violino e Gladys, uma pianista talentosa. Desconhecido para nós, no entanto, havia um propósito muito mais importante para aquele encontro semanal. Num sábado, cerca de três semanas depois de eu ter sido desmobilizado, Sydney sugeriu que tivéssemos um "Círculo Doméstico". Estávamos todos em acordo entusiástico e combinámos começar na semana seguinte, sem saber que resultados teríamos.

As nossas expectativas eram, no melhor dos casos, estabelecer contacto com os nossos amigos do Espírito através da mediunidade de transe da minha mãe, algo muito especial, que não podia simplesmente ser ligado como uma torneira. Mal sabíamos que futuro notável nos esperava. Alguns meses depois, Tia Agg disse-nos que o nosso progresso rápido se devia, em grande medida, ao banco de energia que tinha sido construído na sala de Sydney e Gladys durante aqueles cinco anos de encontros lá durante a guerra.

Assim, a 6 de abril de 1946, nasceu o nosso único Saturday Night Club. Era dedicado a um encontro semanal entre nós e os nossos amigos no Espírito e foi assim que permaneceu ao longo dos nossos anos de sessões – ao desejo expresso dos nossos ajudantes e guias do Espírito.

À medida que os anos progrediam, eles ficavam felizes em concordar com mudanças ou experiências sugeridas, o uso de uma luz vermelha, tirar fotografias, fotografia infravermelha, etc. No entanto, nunca se tornaria num Círculo de investigação científica com investigadores profissionais, que nunca se convencem, e que teriam sujeito a minha mãe ao desconforto e indignidade de colar a boca com fita e amarrá-la à cadeira como fizeram com tantos outros. A minha mãe chegava à casa de Sydney e Gladys pouco antes do início da nossa sessão e simplesmente sentava-se a conversar na cadeira de jantar que era a dela para a noite. Todos estávamos cientes da sua sinceridade em sentar-se para o benefício dos nossos amigos do Espírito e todos sabíamos que os fenómenos eram absolutamente genuínos. Isto foi confirmado por todos os nossos convidados, particularmente Roy Dixon Smith e Ernest Thompson (Editor do jornal "Two Worlds").

Sem a dedicação dos nossos ajudantes do Espírito, de forma alguma a minha mãe poderia ter produzido tais massas de ectoplasma, formado-o em pessoas do Espírito sólidas, vivas e reconhecíveis a andar pela sala em boa luz vermelha, enquanto ela estava sentada na sua cadeira em transe profundo, à vista de todos os presentes. Tal era o propósito simples da nossa sessão semanal – juntar pessoas de ambos os mundos.

Convido-vos a tornarem-se participantes convidados e a desfrutarem das nossas experiências notáveis.

Para garantir que os factos sobre as sessões estão corretos, tenho ao meu lado as notas que fiz para os primeiros dois anos imediatamente após cada sessão enquanto desfrutava do jantar de Gladys. Percebo agora que deveria ter feito notas mais copiosas por um período mais

longo, mas na altura não apreciávamos o significado futuro das nossas sessões. Tanto quanto nos dizia respeito, era um Círculo Doméstico simples e muito privado, ajudando os participantes convidados que conseguíamos convidar. Era tudo tão natural e pensávamos que continuaria, e continuaria, o que fez por cerca de oito anos, antes de o cancro de Mam finalmente cobrar o seu preço e deixar um vazio enorme nas nossas vidas.

No entanto, ainda tenho esses factos básicos e memórias alegres muito claras, das quais extratos vos serão apresentados ao longo deste livro. Se puderem desfrutar da leitura deles mesmo que um décimo do que nós e os nossos convidados desfrutámos ao vivenciá-los, a minha escrita não terá sido em vão. E espero que as vossas mentes tenham sido expandidas no que diz respeito à Verdade da Vida após a Morte.

Num capítulo anterior, expliquei sobre a conduta dos Círculos em geral, por isso agora estão prontos para os fenómenos que ocorreram durante as nossas sessões.

Sábado, 6 de abril de 1946, 20h30

Participantes: Mam, Dad, Syd, Gladys, Doris, Tom. eram os "habituais" semanais, e assim, a partir de agora, só indicarei os nomes dos visitantes no início de uma sessão. Mais tarde, Mrs Hildred e Mr Jones também se tornaram habituais).

Esta noite, a oração de abertura foi feita por Sydney, mas a partir da nossa terceira sessão em diante, abríamos dizendo, em uníssono, uma oração chamada "Invocação aos Anjos", que conhecíamos dos nossos anos a frequentar o Liceu, a escola dominical educativa da União Nacional dos Espiritualistas.

Não sabendo exatamente que fenómenos ou mensagens poderíamos receber, se é que receberíamos alguma, poderão ficar surpreendidos ao saber que nos sentámos à volta da mesa de jantar com as letras do alfabeto espalhadas à volta e um copo de vinho virado ao contrário no centro, na esperança de recebermos alguma orientação quanto à conduta geral futura das nossas sessões. Três ou quatro de nós, excluindo a minha mãe, colocámos um dedo levemente no copo, que em breve começou a mover-se à volta cada vez mais rápido. Não foram indicadas letras e, em poucos minutos, o copo foi rapidamente movido para fora da mesa – sendo apanhado por um dos participantes.

Poucos minutos depois, ficámos emocionados ao ouvir Tia Agg, pela primeira vez em muitos meses, a falar através da minha mãe, que agora estava em transe profundo. Ela assegurou-nos que não havia necessidade de usarmos tais métodos e, após uma conversa geral, aconselhou-nos, inesperadamente, a sentarmo-nos com uma trombeta (um megafone leve) – algo em que nunca teríamos pensado. Tal fenómeno é extremamente raro e não tínhamos ideia de que a minha mãe tinha esse potencial, da mesma forma que Tia Agg, que tinha sido uma excelente médium de trombeta no seu próprio Círculo Doméstico, em Londres.

Assim que Tia Agg terminou de falar, o seu guia principal, um índio norte-americano chamado Running Water, que ainda trabalha com ela no Mundo Espiritual, assumiu o controlo e falou connosco – outro momento muito emocionante. Ele confirmou o conselho da sua médium e assegurou-nos que obteríamos resultados tão bons como os dela! Era muito difícil para nós compreender tais promessas na altura, quando o melhor que alguma vez esperáramos era uma mediunidade de transe regular. Em poucos minutos após Running Water nos deixar, a minha mãe saiu do transe e encerrámos a sessão com uma oração de agradecimento.

Quando contámos a Mam o que havia acontecido, ela achou difícil acreditar, e todos estávamos muito entusiasmados com as possibilidades futuras. Syd concordou em fazer uma trombeta pronta para a sessão seguinte, que todos aguardávamos ansiosamente, incluindo a minha mãe. Que início inesperado e emocionante! O burburinho naquela sala era bastante elétrico.

Nota de rodapé sobre tabuleiros Ouija, etc.

Pelo que nos foi dito pelos nossos ajudantes do Espírito, o copo de vinho, o "tabuleiro Ouija" ou a tiptologia (inclinação de mesa) são métodos de mediunidade bastante credíveis e aceitáveis, desde que os participantes tenham a atitude correta e peçam proteção às pessoas do Espírito que os ajudam. Os problemas geralmente surgem quando os participantes, muitas vezes adolescentes muito energéticos, decidem sentar-se e "vamos divertir-nos". As portas ficam então abertas a todo o tipo de espíritos maliciosos (e há sempre muitos por perto), muitas vezes decididos a causar o caos, o que dá a esses métodos uma reputação muito má.

Nos últimos 10 anos, quando não havia um médium bem desenvolvido disponível, Ann e eu usámos com sucesso esses métodos para receber mensagens e orientações excelentes, sem quaisquer problemas. Ao longo dos anos, conheci muitas pessoas respeitáveis que fizeram o mesmo com sucesso. A escolha é vossa, claro, mas tenham sempre uma perspetiva

alegre, positiva e bem fundamentada para atrair o tipo certo de pessoas do Espírito genuínas e harmoniosas, cujas mensagens poderão achar úteis, encorajadoras e de apoio. Acima de tudo, elas poderão oferecer-vos evidências verificáveis, talvez desconhecidas para vós, da continuidade da Vida após a Morte – o conhecimento validado do qual pode transformar a vossa vida, como tantos outros descobriram anteriormente.

A partir daqui, para facilitar a referência, dei às Sessões números sequenciais.

A mãe de Gladys, Mrs Hildred, juntou-se a nós esta noite. O seu marido Sam falecera de forma bastante súbita durante as férias de Natal anteriores.

Syd tinha feito uma trombeta de metal, que colocámos no chão em frente à lareira, à volta da qual nos sentámos em semicírculo. Não tivemos comunicação do Espírito através da minha mãe e, como estávamos sentados na escuridão – como aconselhado na semana anterior –, não podíamos ver se a trombeta se tinha movido. Após cerca de meia hora, pedi mentalmente que a derrubassem para indicar que era hora de encerrar e, após cerca de 15 minutos, todos a ouvimos cair. Quando acendemos a luz após o encerramento, confirmámos que nenhum de nós tinha esticado uma perna e chutado a trombeta. Se foi em resposta ao meu pedido, não importava – tinha sido movida sem contacto físico. Como digo nas minhas notas – "Um bom início".

Sábado, 20 de abril

Não tivemos sessão esta semana, porque cerca das 20h15, enquanto nos preparávamos para nos sentar, uma batida na porta anunciou a chegada inesperada de dois primos de Gladys que passavam por Middlesbrough e decidiram fazer uma visita surpresa. Certamente nos apanhou a todos de surpresa e a palavra espalhou-se rapidamente para não visitarem Sydney e Gladys num sábado à noite, pois tinham visitantes regulares – mal sabiam eles quem! No entanto, houve um acontecimento muito interessante nessa noite.

Sydney tinha um relógio elétrico na prateleira da lareira que cuidava regularmente; o seu interesse especial é a horologia e reparava relógios e despertadores para amigos. Este relógio nunca parava a menos que ele estivesse a trabalhar nele, mas muito mais tarde, durante essa noite em particular, alguém notou que tinha parado exatamente às 20h30 – a hora em que teríamos começado. Coincidência? Achamos que não.

Tínhamos a certeza de que os nossos amigos do Espírito estavam a indicar que ainda lá estavam, independentemente dos visitantes. Não tivemos mais visitantes inesperados a partir desse dia. Tanto quanto sei, o relógio nunca mais parou inesperadamente desde então e ainda funciona na prateleira da lareira deles em Robin Hood's Bay, no Norte de Yorkshire.

27 de abril, 20h30. (2)

A minha mãe foi controlada por Sunrise, que mais uma vez nos prometeu bons resultados. Também nos aconselhou sobre a posição dos participantes assim:

A sala era uma sala de estar comum mobilada, com cerca de 3,6 metros quadrados, por isso podem imaginar que havia muito pouco espaço entre as cadeiras e tentei retratar a lareira, etc., à escala.

Ouvimos batidas no chão, que nos foi dito serem as crianças do Espírito, e disseram-nos que a trombeta se tinha movido, embora não a pudéssemos ver.

Nota: Começámos 15 minutos mais cedo a partir desta noite até 6 de julho; a partir daí, começámos às 20h até dezembro de 1947, quando, porque as sessões estavam a ficar mais longas, começámos às 19h30.

Maio, 20h15. (3)

A trombeta batia ao ritmo do nosso canto para o fim da sessão às 21h15.

Esta noite, tivemos o nosso PRIMEIRO APORTE! Era um pequeno pedaço de flor branca, como cerejeira em flor, que Sydney encontrou debaixo da trombeta quando a levantou, após o encerramento da sessão. Confirmámos com todos os participantes que não tinham nada parecido consigo e que Gladys não tinha tal flor em casa. Sydney disse então, profeticamente, como se veio a verificar: "Isto deve ser o nosso primeiro aporte" – o que assumia que receberíamos mais no futuro. Como ele tinha razão: recebemos centenas de aportes ao longo dos anos, na maioria flores de vários tipos, mas outros itens que registarei à medida que progredirmos. Embora a flor não tivesse cheiro, ao mesmo tempo que Sydney levantou a trombeta, a sala encheu-se de um delicioso cheiro avassalador de cravos por apenas alguns minutos. Como as minhas notas registam – "Todos muito entusiasmados".

11 de maio (4)

Percebemos que o blackout da janela não era tão bom como deveria ser, mas ainda assim tivemos a nossa sessão com bons resultados. Mais uma vez, a trombeta batia no chão ao ritmo do nosso canto. Quando a luz foi acesa, no encerramento da sessão, notámos que um cinzeiro de metal tinha sido movido da prateleira da lareira para um armário ao lado da lareira, a cerca de um metro de distância (fenómeno de telecinesia). Comparámos imediatamente os pesos com a trombeta – o cinzeiro pesava 42 gramas e a trombeta 99 gramas, por isso, com um blackout melhorado, que Sydney arranjou, tínhamos grandes expectativas para mais movimento da trombeta na semana seguinte. Sem flor aporte esta semana, mas quando Sydney subiu as escadas após a sessão, encontrou um ramo de lilás no seu quarto. Sem perfume.

18 de maio (5)

O blackout completo deu excelentes resultados. Havia uma grande sensação de poder, com os homens a sentirem frio e as mulheres calor! No fim da nossa terceira canção, ouvimos algo cair na lareira, que descobrimos ser uma moeda canadiana de 5 cêntimos datada de 1889 (um capítulo separado sobre esta moeda mais tarde). A trombeta bateu em Dad, Mam e Gladys nos joelhos – então ouvimos, muito fracamente, uma voz a falar através da trombeta erguida, dizendo "Estou a tentar; estou a tentar, é tudo por agora." Aprendemos mais tarde que a voz pertencia a Tia Agg, que, devido à sua experiência anterior, era geralmente a primeira a experimentar algo novo. Maravilhoso – tínhamos tido uma voz de trombeta apenas na nossa quinta sessão, notável. Depois, quando a luz se acendeu, havia um ramo de lírio-do-vale aos meus pés (outro aporte) com um leve cheiro de cravos a pervadir a sala novamente. O meu relatório diz "Sessão excelente", e assim foi!

25 de maio (6)

Esta semana, coloquei uma folha de papel e um lápis na lareira ao meu lado e convidei os nossos amigos do Espírito a deixar-nos uma mensagem, se possível. Quando a luz se acendeu, não havia sinal de qualquer movimento. Tivemos de esperar até à Sessão 17 para as primeiras assinaturas.

Batidas rápidas com a trombeta desde a primeira canção. A trombeta veio à volta do círculo e bateu em todos exceto Doris, que esperava o nosso quarto filho muito em breve. Tia Agg conversou então de forma bastante clara por cerca de cinco minutos e aconselhou-nos sobre melhorias na trombeta (campânula maior para parar a ressonância). Mam, que tinha estado em controlo de transe leve, disse mais tarde que se sentira estranha

na garganta quando Tia Agg falava. Quando a luz se acendeu, todos os itens na prateleira da lareira tinham sido trocados de lugar (mais telecinesia), e na extremidade estreita da trombeta, enquanto estava no chão, havia uma tulipa (outro aporte) usando a trombeta como um vaso. "Progresso excelente", diz o meu relatório.

1 de junho (7) Por esta altura, já tínhamos melhorado as trombetas e tínhamos na verdade quatro no total – uma de metal, uma de plástico, uma de cartão e uma de contraplacado que Sydney fez num estilo piramidal. Esta trombeta de contraplacado revelou-se muito útil em agosto, quando pintámos a metade inferior de um lado com tinta branca e foi usada pelos nossos amigos do Espírito como uma placa para nos mostrar mãos ectoplásmicas.

O nosso pensamento era que os nossos amigos poderiam escolher qual achavam mais adequada. Pouco tempo após o início desta semana, ficámos espantados ao ouvir que as quatro trombetas estavam a ser usadas ao mesmo tempo, o que, como podem imaginar, exigia uma quantidade tremenda de energia. Antes de começarmos, escrevi uma pergunta no papel na lareira: "Quem é o médium de apports?" e a resposta veio logo de Tia Agg quando falou através de uma das trombetas... "Poder coletivo". A sua voz estava muito mais forte e clara. Uncle Jack controlou então a trombeta de madeira, que era bastante pesada, e juntou-se a cantar com uma das nossas canções após Tia Agg ter terminado. Falou-nos então de forma muito clara e disse-nos para continuarmos a dizer à sua viúva, Tia Harriet, que não tinha a certeza sobre tais assuntos. O meu pai disse então que não tinha a certeza de que era Jack, e veio uma resposta rápida através da trombeta... "Claro que é Jack, é Jack, seu tonto" (uma das suas expressões favoritas). Dad pediu imediatamente desculpa, ao que Jack respondeu: "Ainda bem". Uma altercação breve muito interessante entre os dois mundos!

Quando a luz se acendeu no fim da sessão, vimos que todos os itens na prateleira da lareira tinham sido trocados de lugar novamente, e eles tinham colocado um belo piretro atravessado na extremidade estreita da trombeta de madeira – muito delicadamente equilibrado.

Como as minhas notas registaram: "Progresso contínuo – excelentes resultados".

Nunca descobrimos qual das nossas quatro trombetas eles preferiam porque, por razões de férias, não tivemos sessões durante duas semanas até 22 de junho, altura em que já tínhamos recebido a trombeta leve de alumínio de Tia Agg do seu próprio Círculo Doméstico nos anos 1930!

Lembrei-me de que a sua filha Gwen em Londres tinha guardado a trombeta da mãe como uma lembrança da sua mediunidade maravilhosa. Algumas semanas após termos começado as sessões, escrevi a Gwen e contei-lhe as nossas notícias emocionantes. Seria possível, perguntei-lhe, emprestar a trombeta de Tia Agg por algumas semanas para nos ajudar. A sua resposta foi rápida e generosa. Podíamos certamente ficar com a trombeta pelo tempo que quiséssemos e ela sabia que a mãe ficaria muito feliz com a sua decisão. Enviou-a imediatamente pelo correio e usámo-la pela primeira vez no sábado, 22 de junho.

Esta trombeta ainda está na minha posse e, além do uso no nosso Círculo Doméstico em Middlesbrough, tem sido usada em pelo menos três outros Círculos físicos no Reino Unido. Tem 53 cm de comprimento com um diâmetro de 14 cm na extremidade da campânula, tem mais de 70 anos, está bem amassada e amolgada, e é uma parte muito prezada e acarinhada das minhas recordações, que me acompanha em todas as minhas palestras. Os membros das audiências adoram vir depois das palestras para a segurar e sentir a energia que ainda emana dela. A extremidade da campânula estava a ficar tão desgastada após algumas semanas de bater no chão ao ritmo da música em 1946, que Sydney rebitou uma faixa de alumínio mais grosso à volta – permanece lá até hoje. Não teve qualquer efeito adverso nos fenómenos.

Primeira sessão com a trombeta de Tia Agg, que tinha três pequenas manchas de tinta luminosa na extremidade da campânula, tornando-a claramente visível na sala escurecida. Era fascinante e emocionante ver os seus movimentos rápidos pela sala, subindo até ao teto, rodopiando pela sala, tocando suavemente alguns dos participantes nos joelhos – na escuridão completa, sem bater em candeeiros ou outros móveis, bastante notável! Também nos foram dados alguns movimentos identificadores para três dos nossos amigos do Espírito – Sunrise fazia o sinal de um círculo indicando o sol. Tia Agg simplesmente movia-a para cima e para baixo em movimentos verticais curtos, e Sam batia-a com força no chão: Aye-tiddly-aye-tie, tie-tie (espero que entendam o que estou a tentar expressar). Em sessões futuras, tivemos outros sinais diferentes para muitos outros novos membros do Espírito. Uma atmosfera de família realmente feliz!

Tia Agg falou-nos através da trombeta e então Sunrise abriu caminho para Sam Hildred, que falou de forma muito enérgica, mas não pôde ficar muito tempo. Ivy Hudson, a irmã de Doris que falecera como bebé muitos anos antes, falou com Doris, de forma bastante clara. Uncle Jack juntou-se então ao canto novamente e pegou no sino de senhora de crinolina de Gladys da prateleira da lareira, pesando quase um quilo, e tocou-o

vigorosamente por alguns segundos. Sem apport esta semana, mas durante a semana seguinte Sydney não conseguiu encontrar a sua navalha, que usava todos os dias. Encontrou-a na quinta-feira debaixo da trombeta, que durante a semana ficava no canto da sala de estar onde realizávamos o nosso Círculo! Em resposta ao nosso pedido, Sunrise disse-nos que nos avisaria quando podíamos convidar participantes convidados – o que estávamos ansiosos por fazer. Queríamos partilhar estas experiências maravilhosas. Excelente progresso novamente.

Após várias sessões com a trombeta de Tia Agg, Gladys comentou durante a sessão que Sunrise sempre desenhava o seu círculo na mesma direção – talvez no sentido dos ponteiros do relógio. Imediatamente após ela falar, a trombeta parou de repente, depois desenhou rapidamente na direção oposta – no sentido contrário aos ponteiros do relógio. Sunrise obviamente tinha ouvido o comentário e reagido! A partir dessa noite em diante, desenhava sempre nas duas direções – o mesmo que faz noutro Círculo do qual Ann e eu fomos membros semanais durante alguns anos e agora temos o prazer e o privilégio de visitar sempre que estamos no Reino Unido.

Por esta altura, antes de recebermos a trombeta de Tia Agg, estávamos a tentar obter tinta luminosa para colocar nas trombetas, mas sem sucesso – não surpreendente tão cedo após o fim da guerra. No entanto, lembrei-me de um velho relógio que tinha com manchas luminosas num mostrador preto e pensei que seria útil. Durante a semana, procurei nas gavetas em casa, mas não o encontrei. Mam fez o mesmo na casa deles com resultados semelhantes. Mas não foi tão difícil para os nossos amigos do Espírito.

Esta semana, pensámos que poderia ser útil colocar um brinquedo luminoso de coelho na prateleira da lareira, mas depressa percebemos que estávamos errados. Era demasiado distrativo e removemo-lo após cinco minutos. Os movimentos da trombeta foram muito bons e 12 dos nossos amigos do Espírito deram os seus sinais. Sunrise falou de forma muito clara e disse-nos que havia grande poder e que todos do lado deles estavam muito satisfeitos. Pediu-nos então para começar às 20h e terminar às 21h – o que fizemos a partir da próxima semana. Mona Hildred, a irmã de Gladys que falecera quando tinha 12 anos, tentou falar, mas só conseguiu rir. Sunrise disse-nos isso e que ele era agora o novo líder do lado deles, pois conseguia usar a trombeta melhor do que Tia Agg.

Ele disse-nos que o medalhão, encontrado debaixo do sofá de Gladys, tinha sido trazido por Ivy Hudson da casa da mãe em Ayresome Park Road, a cerca de 800 metros de distância, e que ela tinha trazido outro apport que veríamos no fim da sessão. Também nos disse que a navalha de Sydney

tinha sido movida por Sam Hildred (telecinesia). A mãe de Dad falou, muito fracamente, mas de forma bastante clara.

Uncle Jack seguiu, de forma muito clara, e aconselhou sobre o tratamento da perna dolorosa de Tia Harriet, particularmente para escrever "àquele sujeito Edwards", uma referência ao renomado curador Harry Edwards. Contei a Tia Harriet no dia seguinte, mas devido à sua falta de crença, não sei se ela alguma vez escreveu. Sunrise disse-nos que um novo membro do Espírito se tinha juntado a nós nessa noite – Ernie Buckingham, um amigo nosso do Liceu, que falecera de um derrame no início dos cinquenta. As minhas notas mostram que tivemos 33 minutos de conversa durante esta sessão – progresso maravilhoso!

Quando a luz se acendeu, não só havia quatro ramos de urze de Ivy, em troca das flores que a sua Mam lhe tinha enviado, mas lá em cima do relógio na prateleira da lareira estava o meu velho relógio! Eles tinham-no encontrado algures e trazido para o Círculo – um apport bastante especial! Durante a semana seguinte, removi o mostrador luminoso, cortei-o em quatro pedaços e Sydney colou-os nos quatro lados da trombeta de madeira, por isso agora tínhamos duas trombetas com luminosidade.

Na semana seguinte, durante a Sessão 10, coloquei o que restava do meu relógio de volta em cima do relógio e, após lhes agradecer por o trazerem, simplesmente disse que podiam levá-lo de volta – para onde quer que fosse. No fim da sessão, o relógio tinha desaparecido. Foi encontrado mais tarde na gaveta do armário na sala com alguns dos outros apports – outro exemplo de telecinesia, desta vez a par com a desmaterialização para o colocar na gaveta sem a gaveta ser fisicamente aberta – a menos que os espíritos tenham realmente aberto a gaveta eles próprios. Nunca perguntámos, pois estávamos tão entusiasmados por termos experimentado tantos fenómenos físicos tão rapidamente.

Assim terminou os notáveis primeiros três meses das nossas sessões, e os fenómenos tinham ido muito além das nossas esperanças ou expectativas quando começámos. Mas provou ser apenas o início de fenómenos ainda mais maravilhosos nos meses e anos seguintes. A incredulidade de tudo isso, o fator de espanto como eu o chamo, impressionava-se frequentemente nas nossas mentes – particularmente quando fomos privilegiados com pessoas do Espírito ectoplásmicas materializadas a juntarem-se a nós no meio do nosso Círculo – mas estou a adiantar-me um pouco.

7

A MOEDA CANADIANA DE CINCO CÊNTIMOS, DATADA DE 1889

Foi durante a Sessão 5, no sábado, 18 de maio de 1946, que recebemos o nosso segundo apport – uma moeda canadiana de cinco cêntimos de cor prateada, datada de 1889, como registei no meu caderno no fim da sessão. Passavam apenas seis semanas desde que tínhamos começado as sessões no nosso Círculo Doméstico, por isso estávamos emocionados por termos sido tão privilegiados em tão pouco tempo. O nosso primeiro apport, o pedaço de flor de cerejeira branca, durante a nossa terceira sessão, depressa se decompôs, como qualquer pedaço de flor o faria naturalmente.

Mas aqui tínhamos um apport de metal sólido, que poderíamos guardar. De onde veio, nunca descobrimos, ao contrário de alguns dos nossos apports posteriores, mas sabemos que os nossos amigos do Espírito nunca trazem tais artigos de lugares onde causariam qualquer tipo de perturbação, aborrecimento ou frustração aos proprietários anteriores. Nunca são itens de grande valor material – o que certamente foi o caso na nossa experiência.

A moeda foi guardada entre os nossos outros memorabilia, que, quando eu dava as minhas palestras em anos posteriores, a partir de 1967, levava comigo para as audiências inspecionarem. Tais apports menores eram guardados por segurança em envelopes de plástico fixados num dossier de capa dura. Antes de sair de casa para cada palestra, verificava todo o meu equipamento, incluindo os vários apports muito preciosos. Durante uma dessas verificações, em março de 1990, notei que a moeda de cinco cêntimos tinha desaparecido e que havia um buraco no canto inferior do seu envelope. Naturalmente, fiquei bastante perturbado. Verifiquei todas as minhas malas de transporte, mas em vão – a moeda deve ter caído algures. Ainda assim, não havia nada que eu pudesse fazer e continuei com as minhas palestras, viajando pelo país.

Após Doris falecer em 1976, casei-me novamente e, por esta altura, vivia perto de High Wycombe, em Buckinghamshire, com a minha segunda esposa, que, em 1991, precisou de uma operação de substituição da anca.

Cada um de nós tinha um carro, mas durante algumas semanas após a operação, ela não conseguia conduzir. Como achava a porta do seu carro mais acessível, colocámos uma almofada no banco do passageiro e eu fazia a condução – deixando o meu carro na garagem. Uma das minhas filhas,

Joyce, que vive em Somerset, tinha de visitar o hospital de Slough para exames regulares após uma operação. O acordo era que Joyce viajaria de autocarro para Slough, a apenas 16 km da nossa casa, e eu iria buscá-la para a levar ao hospital. Nesta ocasião particular em 1991, usei o carro da minha esposa, completo com a almofada no banco do passageiro, para a ir buscar ao hospital, pois ela tinha tido uma boleia com uma amiga para Londres nessa manhã. Estacionei no parque de estacionamento do hospital e Joyce chegou devidamente após o seu exame.

Ao abrir a porta do passageiro, disse-lhe para remover a almofada se não a quisesse, e contornei para o lado do condutor, esperando que ela estivesse sentada quando eu chegasse lá. Em vez disso, ainda estava de pé fora do carro, segurando algo pequeno na mão. Tinha colocado a almofada no banco de trás e, ao sentar-se, notara uma pequena moeda no banco, que devia estar debaixo da almofada. Ao erguê-la, perguntou-me o que era e entregou-ma.

Fiquei absolutamente espantado ao ver que era uma moeda canadiana de cinco cêntimos, a data era 1889 e parecia exatamente igual à que eu tinha perdido! Admito que não tinha marcas de identificação na moeda apportada, mas senti que os nossos amigos do Espírito a tinham trazido de volta de onde quer que estivesse. Assim, tinha sido apportada pela segunda vez, cerca de 45 anos depois, e rematerializada debaixo da almofada no escuro. Maravilhoso!

Devo enfatizar que em momento algum usei o carro da minha esposa quando viajava para dar uma palestra, por isso em momento algum a moeda poderia ter caído para o carro dela, especialmente no banco do passageiro. Seria uma coincidência notável que uma moeda idêntica aparecesse simplesmente no banco do carro nesse dia. Não sabemos se esteve debaixo da almofada durante alguns dias anteriores, embora duvide muito disso, mas mesmo assim, certamente tinha sido apportada de algures – outra peça de evidência esplêndida de que, sob as condições certas, os apports podem ocorrer em qualquer lugar e a qualquer momento.

Escusado será dizer que ainda faz parte dos meus memorabilia preciosos, segura num novo envelope de plástico mais resistente e ainda viaja comigo nas minhas palestras.

8

SNC – JULHO A NOVEMBRO DE 1946

Durante os cinco meses seguintes, as nossas sessões evoluíram para um formato regular com sinais de trombeta dos nossos visitantes regulares do Espírito, muitos apports e vozes diretas grandemente melhoradas através da trombeta. Para poupar espaço e evitar aborrecer-vos, simplesmente vos contarei sobre quaisquer acontecimentos significativos e, em alguns casos, talvez vos dê uma cópia das notas dos meus cadernos.

Para as próximas 10 sessões, juntou-se a nós Terry Abbott, o filho mais novo de Tia Agg, que era um fotógrafo semiprofissional. Em fevereiro de 1948, tiraria o último lote de fotografias para o círculo.

Por esta altura, como nós, provavelmente estão a perguntar-se de onde vinham as flores apportadas; lembrem-se de que os apports são objetos físicos que são movidos de um lugar para outro sem qualquer contacto humano terreno, mesmo, como no nosso caso, para uma sala com a porta e a janela trancadas.

Ao longo dos anos, tivemos bem mais de uma centena. Nos primeiros dias, quando recebíamos talvez apenas uma ou duas flores, Tia Agg disse-nos que as obtinham dos jardins da frente dos vizinhos ou de hortas próximas. A fila de casas adjacentes à loja tinha pequenos jardins da frente, por isso costumávamos passear por lá e ver se havia flores semelhantes – e geralmente havia. Quando o tempo estava chuvoso, as flores apportadas estavam molhadas, o que indicava que tinham sido obtidas de uma fonte exterior nessa noite.

Em sessões posteriores, começámos a receber pequenos ramos de várias flores, que eram colocados na lareira e obviamente não tinham sido tirados de um jardim exterior. A resposta de Tia Agg, dada com o seu risinho inimitável, foi bastante inesperada. Mesmo ao fundo da estrada da loja dos Shipman, havia uma pequena florista, que usávamos com frequência. Ela explicou que todas as flores eram colocadas num barracão atrás da loja (não havia salas com temperatura controlada naqueles dias) e ficariam lá até segunda-feira de manhã, altura em que muitas já teriam morrido. Assim, como era agora sábado à noite e algumas já estavam a murchar, estavam a libertá-las antes que fosse tarde demais – e a florista não ficava pior financeiramente.

Achámos que soava muito lógico e ficámos felizes em continuar a receber os nossos adoráveis apports, que muitas vezes nos eram trazidos

para serem passados a alguém que precisava de apoio, ou para uma memória de aniversário, com algumas palavras alegres de um ente querido no Mundo Espiritual.

15 de julho (11)

Muita energia. Flores apportadas trazidas de uma vez – piretro duplo para Doris. Para Mrs H, havia um pedaço de artemísia para o seu próprio jardim. Sam Hildred falou através da trombeta em poucos minutos, mesmo antes de Sunrise, que geralmente vinha primeiro, falando de forma muito clara para lhe dizer que lho tinha trazido – outro apport especial. Sem o conhecimento do resto de nós, Mrs Hildred tinha visitado a irmã pouco antes de vir para a sessão. Enquanto passeavam pelo jardim dela, Mrs H viu alguma artemísia, que tem um belo aroma, e disse à irmã que gostaria de uma estaca algum dia para o seu próprio jardim. Esta conversa tinha ocorrido menos de duas horas antes de nos reunirmos, no entanto, quando acendemos a luz no fim da sessão, lá estava à espera dela. Mona Hildred, que falecera como uma menina de 12 anos em 1933, falou então à mãe e disse: "Menina grande agora, Mam".

Tia Agg falou com Terry e disse-lhe que tinha trazido os seus botões de punho da casa dele para mostrar que estava muitas vezes perto dele. Os botões de punho estavam na lareira no fim da sessão. As nossas sessões habituais duravam cerca de uma hora, quando Sunrise nos dizia para encerrar, mas esta noite a trombeta caiu no chão antes de ele nos dizer para encerrar – algo estava errado. Encerrámos imediatamente; o círculo tinha durado apenas 50 minutos.

Na semana seguinte, Sunrise pediu desculpa por ter tido de encerrar tão abruptamente, porque um observador do Espírito tinha tentado subitamente controlar a trombeta, o que poderia ter causado problemas para a minha mãe; graças a Sunrise, ela não foi afetada. O observador tinha sido um caso de suicídio que estava a ser ajudado pelos nossos amigos do Espírito a compreender onde se encontrava e como poderia progredir no Mundo Espiritual.

Isto destacou a necessidade de, e importância de, um Líder forte no Mundo Espiritual, como Sunrise, particularmente com fenómenos físicos. Fomos informados de que há muitos observadores do Espírito em cada sessão, grandemente ajudados na sua busca por progresso, atraídos pelo farol de luz (espiritual) que emana de Círculos como o nosso. Assim, ajudamos tantas pessoas que precisam, e em ocasiões nos seis ou sete anos de sessões, uma intervenção semelhante foi necessária.

20 de julho (12)

Flores apportadas incluíam um cravo duplo, um cravo tingido de vermelho e um cravo amarelo para a filha de Tia Agg, Madge, cujo aniversário era no dia seguinte. Ficámos encantados por receber a flor, que lhe levámos no domingo.

A fotografia de Sam foi movida na prateleira da lareira e ouvimos cliques e batidas, que soavam como unhas humanas. Sunrise disse que estavam a experimentar diferentes fenómenos e Mam sentiu uma mão tocar-lhe (confirmado por Sunrise).

Mrs Nellist (conhecida como Ma) era a nossa nova membro do Espírito e era poderosa o suficiente não só para pegar na trombeta, mas para mover o pesado sino de "senhora de crinolina" de latão, da prateleira da lareira para a boca da trombeta, e tocá-lo ruidosamente de dentro da trombeta. Energia excecional necessária para fazer isso na sua primeira visita.

Sunrise disse-nos então que podíamos ter os nossos primeiros participantes convidados, mas deviam ser parceiros, para que a energia que traziam se misturasse mais facilmente do que duas pessoas que fossem estranhas uma para a outra. Não tivemos dificuldade em decidir que deviam ser os pais de Doris, Annie e Charles Hudson, que eram membros de longa data da Igreja Espiritualista de Middlesbrough.

27 de julho (13)

Com Annie e Charles como os nossos primeiros participantes convidados, as flores apportadas incluíam uma dália vermelha para Annie, uma gaillardia vermelha e laranja, e uma margarida.

A trombeta moveu-se imediatamente após começarmos. Visitantes do Espírito incluíam May Shaw, que era uma das filhas de Charles do seu primeiro casamento. Sunrise fez o seu trabalho habitual como apresentador. Tia Agg e Sam falaram ambos de forma muito clara, mas o acontecimento da noite foi quando duas das irmãs da minha mãe, Lily e Esther, cantaram um dueto encantador através da trombeta, que foi apreciado por todos nós. A minha mãe disse-me depois que isso era algo que elas faziam regularmente antes de passarem para o Espírito – semelhante ao que ela e Doris também faziam para os concertos da igreja. Antes de encerrarmos, a Tia Agg disse-nos que tinham conseguido materializar algumas pontas de

dedos e que teríamos materializações completas mais tarde. Ótimas notícias. Bom progresso. Annie e Charles ficaram muito satisfeitos com a sua sessão.

Agosto (14)

Não tanta atividade com a trombeta, pois estavam a experimentar com materialização. Todos ouvimos claramente batidas na lareira. Apports incluíam um penny muito antigo da minha caixa de moedas na nossa casa. Sabíamos que era o mesmo penny, pois tinha uma mossa no lado e, quando verifiquei ao regressar a casa, tinha desaparecido da caixa. Também tivemos um ramo de cravos rosa, uma rosa para a minha mãe e dois cravos para mim (semana do meu aniversário) de "Aunt Grandma", que era a visitante do Espírito desta semana. Ela falou-me através da trombeta para dizer que tinha vindo de longe só para falar comigo, e Granddad estava com ela. Chamávamos-lhe "Aunt Grandma" porque quando a primeira esposa de Granddad, Esther, mãe dos seus 11 filhos, faleceu, ele casou-se com a irmã dela, Agnes, que tinha sido Tia Agnes e assim se tornou "Tia Grandma".

Sunrise falou e avisou-nos de que, como a saúde da minha mãe não estava muito boa no momento, não devíamos esperar demasiado nas próximas semanas.

10 de agosto (15)

Lento a começar esta semana, mas cravos e uma margarida foram apportados. Batidas foram ouvidas na lareira e Sunrise disse que tentariam mostrar-nos as pontas de dedos materializadas na semana seguinte à luz da tinta nas trombetas. Sam e o pai de Sydney falaram, ambos de forma bastante clara.

17 ago (16)

Os aportes incluíram um cravo variegado, um ramo de cravos cor-de-rosa e um «distintivo de Cruzado», que foi deixado no topo do relógio na cornija da lareira. A Associação dos Cruzados era um grupo nacional ligado ao Liceu Espiritualista e ficámos intrigados em descobrir, esperamos que na próxima semana, a quem pertencia o distintivo e de onde viera. A mãe de Doris, Annie Hudson, tinha recentemente iniciado um Círculo de trombeta na sua casa e tínhamos a trombeta dela no nosso Círculo esta noite para ver se os nossos ajudantes Espirituais conseguiam energizá-la. Foi movida instantaneamente e depois colocada dentro da trombeta de madeira, sendo ambas levantadas juntas. Sunrise disse-nos que a mãe da

minha mãe, Esther, estava lá, mas não conseguia controlar a trombeta e falar – tinha passado para o outro lado desde 1900, quando a minha mãe tinha cinco anos.

Mais batidas na cornija da lareira, mas não havia luminosidade suficiente das trombetas para mostrar as pontas dos dedos. Sunrise pediu-nos para pintar uma placa branca maior num lado da trombeta de madeira. Eles tinham tentado escrever no bloco ao meu lado na lareira, mas este continuava a mover-se, por isso pediram-nos para o estabilizar – o que fiz para a próxima semana.

Sam falou de forma muito clara e demorada, para nos contar como se sentira quando passou para o outro lado subitamente no Dia de Natal anterior. Não foi doloroso nem difícil – apenas como acordar de um sono. Achou toda a gente no Outro Lado tão prestável para com ele. Porque Sydney levara Sam aos Círculos de materialização de Helen Duncan em Middlesbrough em 1938, o seu leve conhecimento do Espiritualismo ajudara-o enormemente. Uma conversa muito boa e uma dicção muito clara.

24 ago (17)

Sydney tinha agora pintado uma faixa de três polegadas de largura com tinta branca num lado da trombeta de madeira. A tinta luminosa não estava disponível tão cedo após a guerra. Houve batidas imediatas na lareira. A trombeta de madeira foi levantada do chão e movida lentamente à frente dos participantes para permitir que cada um visse as duas mãos ectoplásmicas materializadas à frente da placa branca. Disseram-nos que as mãos eram as da Tia Agg e de Ivy Hudson. Ivy era a irmã de Doris que passara para o outro lado com apenas um ano de idade em 1922, e estava agora a crescer no Espírito. Havia uma diferença distinta nos tamanhos.

Pouco depois, ouvimos o lápis a escrever no papel ao meu lado numa pequena mesa. Sydney fizera uma placa sólida e o papel fora fixado nela para que não se movesse. Foram trazidas duas ásteres e dois cravos – um para cada uma das senhoras. Perguntámos a Sunrise sobre o distintivo da semana passada. Ele disse que nos podia contar sobre ele, mas achava que seria melhor prova não dizer nada por agora e que acabaríamos por descobrir.

Sam falou apenas por um minuto ou dois e assinou o seu nome, mas Gladys teria... Quando a luz se acendeu, havia assinaturas no papel pela primeira vez. Jack, Agnes, M... O O de Sunrise no topo e no fundo... A assinatura de Sam foi encontrada mais tarde numa das lajes na frente da

lareira de azulejos – típico, acho que Gladys limpou aquela laje durante muito tempo. O meu bloco de notas diz: «Uma sessão muito boa, com possibilidades ilimitadas para o futuro.»

31 ago (18)

Participante convidada – Marjorie Newton, imediata batidas na lareira. Trombeta de madeira depois de cinco minutos mostrando uma mão materializada com um cravo, que foi entregue diretamente a... mais tarde era a mão de Mona Hildred.

Quando Sunrise falou, Sydney perguntou-lhe há quanto tempo passara para o outro lado: «Há demasiado tempo para contar.» Sunrise pediu que Mam se sentasse no Círculo e depois poderia aconselhar sobre os participantes. Sam falou de forma muito clara: seguido pelo pai que pediu que a sua viúva... Sydney disse que arranjaria isso.

Um colega no escritório disse-me que o pai passara para o outro lado naquela tarde e perguntou se poderia receber ajuda no Espírito. Eu pus a questão a Sunrise sem dar detalhes e ele respondeu imediatamente dizendo que podiam, e continuou a dizer-me que o pai do meu colega era Arthur Wright – exatamente o mesmo que o dele – e confirmei que estava correto quando verifiquei com ele na segunda-feira!

Quatro cravos mais foram aportados. O cinto de Gladys foi aportado do passado... a saúde da minha mãe estava a melhorar e pedidos para se sentar connosco, dentro da razão.

Uma sessão excelente em todos os aspetos.

7 set (19)

Mam tinha um resfriado forte, por isso não esperávamos muito fenómeno, no entanto as trombetas moveram-se ambas muito rapidamente. Sam materializou a sua mão e bateu na trombeta de madeira com uma força tremenda. Parecia estar muito excitado e depois tocou na Sra. H no joelho. Uma demonstração excitante do Espírito e da energia psíquica.

Douglas Hildred então assobiou através da trombeta, mas não conseguiu falar. Sunrise explicou que ele teria de aprender a falar, pois passara para o outro lado com apenas 5 dias de idade, 16 anos antes. (Ele aprendeu gradualmente a falar e tivemos muitas conversas interessantes com ele, uma muito especial, que tenho na gravação em fita da sessão da Festa de Natal em janeiro de 1954.)

A Tia Agg falou – pela primeira vez em muitas semanas, pois estivera muito ocupada a cuidar do marido, Tio Bob, que acabara de passar para o outro lado. Flores aportadas – dois crisântemos, uma áster, uma dália. Mais assinaturas no papel: Margaret, os dois O's de Sunrise e alguns rabiscos de crianças.

Uma noite bastante tranquila, mas ainda boa. Quem é Margaret? Uma pergunta para a próxima semana.

14 set (20)

Batidas na lareira. Flores aportadas – crisântemo, áster simples, áster duplo e malmequer francês. Sam ficou encantado por conseguir materializar as suas duas mãos e mover ambas as trombetas pela sala. Ficámos encantados quando ele sinalizou que podíamos tocar nas suas mãos sem afetar as «condições». Sentiam-se quentes e naturais, exatamente como as nossas próprias mãos. Maravilhoso, pois estávamos realmente a sentir as mãos materializadas de alguém que agora estava no Mundo Espiritual – com mais por vir!

A Tia Agg falou, claramente mas baixinho. Disse que a garganta de Mam não estava muito boa, por isso era difícil falar através da trombeta. Muito satisfeita com o nosso progresso e disse-nos que o bebé da sua filha, que passara para o outro lado logo após o parto, estava lá com ela. Tio E... pois agora percebia que passara para o outro lado. Podíamos perguntar a dois Espiritualistas de longa data: Lily Dinsdale e George Gills. Sunrise falou para nos dizer que também estava satisfeito com o nosso progresso.

A resposta à nossa pergunta sobre M na escrita na folha de papel que era Hanking, que era a primeira esposa do irmão da minha mãe, Alb.

21 set (21)

Participantes convidados – Lily Dinsdale e George. Flores aportadas – rosa e cravo, crisântemo para George e um cravo para... A mão da mãe materializou-se e mostrou a trombeta. Depois bateu na trombeta e entregou um dos cravos diretamente a Lily. Tanto Lily como a sua mãe mostraram sinais de excitação. A Alice de George materializou a sua mão à frente e bateu nela. Sam depois pegou em ambas as trombetas... semana, mas muito mais facilmente. Alice depois falou de forma bastante clara, o que foi bom para a primeira vez – seguida pela sua mãe Dora, que disse que a sua garganta ainda estava um pouco dorida, o que tornava difícil. Dora passara com TB, que afetara seriamente a sua garganta.

A mãe de Lily falou com ela. Sunrise tomou conta da trombeta para deixar Sam falar, que foi seguido pelo Tio Jack, a primeira vez que falava em muitas semanas. As crianças espirituais terminaram a sessão tocando o sino da «senhora de crinolina» e movendo todas as coisas na cornija da lareira. Assinaturas no papel – Dora e Alice, demos a folha de papel a George, claro.

Uma sessão excelente, ambos os convidados ficaram impressionados e gratos.

28 set (22)

Flores aportadas – dois crisântemos para Doris e cinco ásteres roxas para mim. Muito lento no início, mas Doris viu algo à frente da placa. Sunrise disse-nos que era uma das suas penas e que agora estavam a tentar obter luzes Espirituais. Depois respondeu a perguntas sobre o Círculo de Annie Hudson e estava satisfeito com o seu progresso.

Perguntámos sobre a possibilidade de uma fotografia infravermelha mostrando como a trombeta era movida. Ele disse-nos que teria de colocar Mam em transe para isso e teríamos de esperar um pouco mais. (Posso dizer-vos agora que um pouco mais acabou por ser mais de dois anos, para garantir a segurança da minha mãe!) Também disse que Lily Dinsdale seria uma boa médium de trombeta (o que meses depois se provou correto) e que Mam tinha gripe gástrica e precisava de descanso.

5 out (23)

Participante convidada: a mãe de Sydney, Sra. Shipman, que era muito surda.

Sunrise explicou que estavam a usar especialmente o poder em benefício da Sra. Shipman. O marido dela, que passara para o outro lado há alguns anos, pegou nas trombetas, mostrou a sua mão materializada segurando um cravo e depois entregou-o à Sra. S. Depois bateu na trombeta para mostrar quão sólido era, e bateu na Sra. S no joelho três vezes.

Depois levou a trombeta até perto da orelha da Sra. Shipman e falou muito alto. Sunrise veio através muito alto e disse ao meu pai que o seu problema no peito precisava de muito descanso e que ajudariam o máximo possível. Também nos deu uma mensagem do Tio Jack para dizer que não se esquecera do Aniversário de Casamento que coincidia com a noite em que tínhamos participantes convidados e traria algumas flores noutra semana. Este foi outro exemplo de como os nossos amigos Espirituais estão

em contacto próximo connosco e ainda se lembram dos aniversários. A Tia Agg mostrou a sua mão materializada e dois crisântemos foram aportados para o Círculo. Muito poder bem usado em benefício da Sra. Shipman.

12 out (24)

Sensação de grande poder. Um ramo de margaridas de São Miguel foi colocado no meu colo e soube mais tarde que viera do Tio Jack para boa sorte, pois eu estava a considerar mudar de emprego. O Tio Jack materializou a sua mão e braço e bateu-me na cabeça antes de tocar na minha mãe e pai. Muito bom mesmo! Sunrise falou e apresentou dois novos amigos Espirituais, Sr. e Sra. Batten, que também falaram através da trombeta. A Tia Ada de Doris falou, claramente mas debilmente.

O Tio Jack depois falou para dizer que trouxera as flores para a sua viúva e encontrámo-las na lareira no final da sessão – um lindo ramo de duas rosas, dois cravos, dois crisântemos e alguma verdura que entreguei no dia seguinte. Ele passou mensagens familiares antes de Topsy e Sammy falarem connosco (duas das crianças Espirituais ligadas ao círculo). Sunrise fechou dizendo que em breve veríamos as luzes Espirituais.

Boas notícias e uma sessão excelente.

12 out (24)

Sensação de grande poder. Um ramo de margaridas de São Miguel foi colocado no meu colo e soube mais tarde que viera do Tio Jack para boa sorte, pois eu estava a considerar mudar de emprego. O Tio Jack materializou a sua mão e braço e bateu-me na cabeça antes de tocar na minha mãe e pai. Muito bom mesmo! Sunrise falou e apresentou dois novos amigos Espirituais, Sr. e Sra. Batten, que também falaram através da trombeta. A Tia Ada de Doris falou, claramente mas debilmente.

O Tio Jack depois falou para dizer que trouxera as flores para a sua viúva e encontrámo-las na lareira no final da sessão – um lindo ramo de duas rosas, dois cravos, dois crisântemos e alguma verdura que entreguei no dia seguinte. Ele passou mensagens familiares antes de Topsy e Sammy falarem connosco (duas das crianças Espirituais ligadas ao círculo). Sunrise fechou dizendo que em breve veríamos as luzes Espirituais.

Boas notícias e uma sessão excelente.

19 out (25)

No início mesmo, foram largados três crisântemos, um em cada joelho de Gladys, Sra. Hildred e Sydney. As trombetas foram manipuladas uma dentro da outra para tentar obter poder suficiente para mostrar luzes Espirituais. Sunrise explicou que não havia poder exatamente suficiente, mas esperava que na próxima semana as víssemos dentro das trombetas. Douglas Hildred, que passara para o outro lado como bebé, estivera a aprender, com o seu pai, como falar e falou connosco durante alguns minutos, devagar mas bastante claro. Excelente progresso. Dois novos visitantes Espirituais também falaram através da trombeta e depois Sam falou durante mais de cinco minutos com grande controlo. Mam sentira desconforto no estômago durante o dia e Sunrise disse-lhe que não era nada sério, apenas que estavam a tirar «energia pronta para a sessão da noite. Sydney sentira muita dor no tornozelo durante a sessão e Sunrise disse-lhe que era reumatismo, mas que em breve passaria. Sunrise também nos disse que havia outro visitante do Mundo Espiritual – um Sr. Gibson, que queria dar uma mensagem de que «não se esqueceram do aniversário da pequena lassie e Archie está connosco.»

Conhecíamos a família Gibson há muitos anos – verdadeiros escoceses, mas não sabíamos nada das datas de nascimento das filhas deles. Quando fomos passar a mensagem a uma das senhoras, ela confirmou que fora o seu aniversário exatamente naquele sábado... Excelente evidência mais uma vez, sem possível explicação de ser «leitura da mente».

Boa sessão novamente, ainda a mostrar bom progresso.

26 out (26)

Uma das muito poucas sessões que falhei por doença – de cama com gripe desta vez. As notas foram feitas por Gladys e parece que falhei outra sessão excecional quando luzes Espirituais foram vistas pela primeira vez. Quatro luzes durando três ou quatro segundos em intervalos de cerca de um minuto. Felizmente para mim, isto não foi um acontecimento único e tivemos muitas mais luzes durante muitas semanas à frente. Um novo visitante anunciou-se como Edward Brownie (conhecido por nós a partir daí como Brownie), falando com clareza perfeita num dialeto cockney. Fora um rapaz de carrinho de mão, um miúdo de rua londrino, vivendo da sua esperteza, que passara para o outro lado através de um acidente cerca de 50 anos antes. Fora convocado por Sunrise para vir ajudar com alguma cura para mim e para os nossos quatro filhos. Deu um relatório favorável e falou sobre a sua vida durante cerca de 10 minutos.

Deixem-me agora acrescentar que ele se tornou um ajudante Espiritual muito próximo, particularmente para cura e aportes, e ainda anda por aqui ocasionalmente mesmo agora, mais de 50 anos depois. Eles nunca nos esquecem quando precisamos.

Um cravo foi mostrado contra a placa, uma rosa e dois crisântemos foram encontrados mais tarde.

Sam falou durante cerca de cinco minutos e contou-nos notícias da receção no Mundo Espiritual dada ao Sr. Troughton, um vizinho de Sam e da Sra. Hildred. Topsy, uma criança Espiritual ajudante, também falou durante alguns minutos dizendo que conseguia falar tão bem como Sunrise.

Sunrise concluiu dizendo que a minha energia ainda estivera presente e quando Doris chegasse a casa devia olhar no quarto por uma flor, que eles tinham levado para mim! Lembro-me bem dela regressar a casa e olhar pelo quarto por algo, sobre o que eu nada sabia. Após alguns minutos, olhou debaixo de um canto do edredão na cama e encontrou um lindo cravo, possivelmente o que fora mostrado à frente da placa. Isto foi uma surpresa maravilhosa e foi a primeira vez que um aporte fora levado da sala do Círculo para um lugar exterior, embora tivéssemos mais alguns acontecimentos semelhantes nos anos à frente. Um evento muito excitante e significativo.

2 nov (27)

Esta sessão foi invulgar porque tivemos cinco membros do Círculo da Sra. Hudson como convidados, para os ajudar a apreciar como era o fenómeno físico.

Além da Sra. Hudson, eles não tinham experimentado tal fenómeno raro e esperávamos que a sua visita lhes desse ajuda e encorajamento para o seu desenvolvimento. Tivemos muitos fenómenos diferentes, incluindo flores para alguns dos convidados, mãos materializadas, quatro luzes Espirituais e cinco pessoas a falar através da trombeta, mas fiquei encantado quando Sunrise deixou Brownie falar, a quem eu falhara na semana passada. Fala muito clara e chamou-se a si próprio um «tipo rude».

Ele ficou bastante tempo e disse-nos que trouxera um distintivo da cozinha da Sra. Hudson. O filho dela, Clive, que era membro do Círculo deles, falou, e Brownie disse que o conhecia porque o vira a lavar-se na cozinha e tirara o distintivo da borda da janela pensando que era de Clive. Quando o vimos no final da sessão, revelou-se ser um distintivo metálico de Capitão de escola pertencente na verdade à irmã mais nova de Clive,

Janet, que ainda estava na escola. Um aporte muito interessante e era fácil ver por que Brownie pensara que pertencia a Clive, que vinha ao nosso Círculo naquela noite. Brownie também ajudou removendo uma dor de cólica severa, que eu tinha quando começámos a sessão.

9 nov (28)

Convidados – Tia Nain e Tio Levy (parentes da Sra. Hildred) e uma membro de longa data da igreja e boa médium, Sra. Kay.

Foi uma noite muito chuvosa e as flores aportadas, três crisântemos e uma rosa, estavam muito maltratadas pelo tempo. Deviam ter sido colhidas de um jardim ao ar livre. Três luzes Espirituais mais brilhantes do que na semana passada. A irmã da Sra. Kay materializou a sua mão, mas não conseguiu falar através da trombeta. Sunrise deu o seu nome como Helena, o que estava absolutamente correto e foi um bom teste para a Sra. Kay. Sam teve a sua conversa habitual com os seus parentes e assinou o seu nome no papel desta vez. Depois outra surpresa adorável quando Brownie tomou conta da trombeta diretamente de Sam, enquanto normalmente Sunrise atuava como intermediário. Ele disse que ainda havia condições de saúde má à volta e eu não estava totalmente bem, por isso provavelmente passaria pelas próximas duas semanas e depois seguiria para ajudar outro Círculo!

Uma sessão muito boa e deram-nos permissão para ter uma luz vermelha na próxima semana. Tínhamos estado a perguntar sobre tal possibilidade e ficámos encantados por receber tal permissão para uma luz fraca no início. Era uma lâmpada de flash fixada numa caixa de madeira feita por Sydney, com uma folha de vidro vermelho num lado e alimentada por uma pilha de lanterna. O benefício dela, claro, era poder ver as materializações mais claramente do que apenas à frente da placa branca – e funcionou muito bem. É interessante mencionar que ainda tenho essa folha de vidro vermelho e a lâmpada de flash original, que ainda funciona mais de 50 anos depois!

23 nov (30)

Antes de ligarmos a luz vermelha, tivemos 10 belos crisântemos aportados. Depois, na luz vermelha, vimos uma mão materializada pertencente a um homem do mar chamado William Ratcliffe, com um dedo em falta. Sam falou muito claramente e disse que teríamos materializações tão boas como as de Helen Duncan, sobre o que naturalmente ficámos extremamente entusiasmados, mas achámos difícil de acreditar nesta fase. «Ó vós de pouca fé», murmurámos todos! Sunrise disse que então levariam

Mam para transe profundo para tais fenómenos. No geral, uma noite tranquila, mas muito interessante com a luz vermelha pela primeira vez.

30 nov (31)

Participante convidado – Sr. William Brittain Jones FRCS, que foi convidado porque, conhecendo-o ligeiramente, sabíamos do seu interesse em fenómenos físicos, e da sua integridade como um cirurgião sénior muito altamente respeitado e reputado em Tees-side.

Novamente, antes de a luz vermelha ser ligada, tivemos três crisântemos aportados – um para o Sr. Jones. Quando a luz estava ligada, vimos a mão materializada da mãe do Sr. Jones segurando uma rosa, que ela entregou diretamente a ele. Bastante emocionante para ambos. Sunrise falou, aprovou a luz, e deu o nome da mãe do Sr. Jones como Mary, o que estava correto. Ela depois falou muito debilmente através da trombeta. Sunrise também disse ao Sr. Jones que um dos seus antigos colegas viera vê-lo, um Doutor Belas que morrera com cancro da garganta («Absolutamente correto», disse o Sr. Jones).

Infelizmente, Mam apanhou a condição dele e começou a tossir violentamente. A trombeta depois caiu no chão, mas subiu novamente após três ou quatro minutos – graças à proteção e controlo de Sunrise. Mesmo antes do fim, Ivy Hudson trouxe dois cravos para o aniversário da sua mãe hoje – que Doris entregou no domingo.

Uma boa noite, completamente apreciada pelo Sr. Jones, que foi convidado para vir novamente algum dia, significando algum dia no futuro. Felizmente para nós, ele interpretou mal o «algum dia», e apareceu duas semanas depois, para o nosso grande benefício. Ficávamos sempre encantados e gratos pela sua má interpretação; a nossa equipa Espiritual obviamente pretendia que ele fizesse parte da equipa do nosso Clube de Sábado à Noite, e arranjou-o em conformidade. Ele em breve se tornou um membro valioso e regular do nosso Clube de Sábado à Noite e a harmonia no Círculo certamente não foi alterada.

A variedade e qualidade dos fenómenos que tivéramos o privilégio de testemunhar durante estes primeiros oito meses – 31 sessões, espantaram-nos e excitaram-nos semana a semana numa intensificação cada vez maior, e se não tivéssemos recebido nada mais, as nossas vidas e o nosso conhecimento ainda teriam sido grandemente enriquecidos. Nunca nos tornámos blasé sobre as nossas experiências. Cada sessão era uma nova experiência, uma ocasião «especial», com algumas talvez um pouco mais especiais do que outras. A alegria e emoção de conversar regularmente com

os nossos entes queridos do Mundo Espiritual, tendo as suas assinaturas permanentes, recebendo os seus aportes soberbos, testemunhando as suas luzes Espirituais, fascinados pelas incríveis rotações das trombetas – tudo isto, e muito mais importante, o simples facto de ser uma parte integral de tal reunião familiar maravilhosa de mentes semelhantes de ambos os Mundos.

Mas, como o homem disse anos depois: «Ainda nada!» Vocês ainda não viram nada e quão verdadeiro isso foi para o Clube de Sábado à Noite a partir da Sessão 32.

9

UMA EXPERIÊNCIA DE TIRAR O FÔLEGO

Tínhamos estado a fazer sessões há apenas oito meses quando, durante a Sessão 32 em 7 dez. 1946, ficámos espantados por ter uma experiência fenomenal e de tirar o fôlego, verdadeiramente fora deste mundo. Encontrámos a nossa primeira pessoa Espiritual materializada ectoplásmica totalmente formada! Pode não ter sido tão grandioso ou estupendo como o filme blockbuster de Spielberg «Encontros Imediatos do Terceiro Grau» muitos anos depois, mas para nós foi incrivelmente inspirador de uma maneira muito mais íntima.

Aqui, nesta sala de estar amigável quotidiana adjacente à loja de Sydney e Gladys, com a porta e janelas trancadas, abrimos e fechámos a nossa Sessão naquela noite com sete de nós à volta da lareira, no entanto, por uns preciosos minutos durante essa Sessão houve oito de nós, todos claramente visíveis uns para os outros na luz vermelha que iluminava a sala durante toda a Sessão de cerca de 15 minutos. A oitava pessoa que se juntou a nós por esse breve tempo não foi outra senão a Tia Agg, que estivera no Mundo Espiritual há quase quatro anos, desde novembro de 1942.

Primeiro, deixem-me lembrar-vos que o ectoplasma não é uma substância vaporosa «fantasmagórica» que simplesmente flutua pela atmosfera. É um material tangível, transmutativo produzido pelos químicos/cientistas Espirituais de dentro do corpo do médium. Como o produzem não pode ser explicado pela nossa terminologia científica atual – da mesma forma que eu não poderia explicar ou descrever a uma pessoa cega de nascença qualquer cor no espectro. Mas asseguro-vos que eles o criam no médium e ele emana de um ou mais orifícios como a boca, narinas, orelhas ou plexo solar. Na mediunidade da minha mãe, geralmente saía da boca, como se verá da fotografia infravermelha neste livro.

Nesta noite em particular, sentámo-nos na luz vermelha com a minha mãe à vista de todos na sala, sentada na sua cadeira de jantar habitual no fim do semicírculo de Participantes à volta da lareira. Eu sentava-me sempre imediatamente oposto a ela no outro fim do semicírculo e podia ver claramente qualquer coisa que acontecesse. Sentámo-nos pelo menos meia hora e nada acontecera, o que era muito invulgar. Estávamos a começar a pensar que não haveria fenómenos naquela noite, quando vimos este disco branco com cerca de dois pés de diâmetro, no chão entre a minha mãe e eu.

Devido ao tamanho pequeno da sala, eu nunca estava a mais de cinco pés da minha mãe e podia ver claramente este disco branco que estava ligado à minha mãe, que agora estava em controlo de transe profundo e nada sabia sobre o que estava a acontecer. Como terão lido nos capítulos anteriores, tínhamos visto e sentido mãos ectoplásmicas, mas nunca tínhamos visto tal quantidade grande de ectoplasma. Estávamos todos muito excitados, claro, e enquanto conversávamos vimos este disco começar a construir-se numa coluna branca vertical, que cresceu para cerca de cinco pés de ectoplasma sólido. «Incrível», dissemos!

Depois esperávamos que a coluna simplesmente diminuísse gradualmente e deixasse o ectoplasma regressar à minha mãe – mas isso não aconteceu. A coluna permaneceu imóvel durante alguns minutos enquanto todos olhávamos para ela, ficando cada vez mais excitados. Depois, enquanto eu a observava, o topo dela torceu-se na minha direção e eu podia ver que havia o semblante de um rosto nela, mas não poderia ter reconhecido quem era.

Do corpo da coluna apareceram então duas mãos e braços cobertos pelas vestes ectoplásmicas da pessoa que estava de pé à minha frente. Enquanto as mãos se aproximavam de mim, eu instintivamente estendi os meus braços e mãos para elas – não de modo algum assustado, pois tudo parecia tão natural, mas ainda um pouco apreensivo, suponho, sobre encontrar uma pessoa Espiritual materializada tão perto pela primeira vez.

As nossas mãos enlaçaram-se e eu então percebi que na minha mão direita me estavam a dar quatro belos cravos, aportes. Enquanto agarrava as flores com muita força, as minhas duas mãos foram firmemente apertadas pelas mãos ectoplásmicas quentes à minha frente. Ouvi então, baixinho mas claramente, do rosto acima de mim, as palavras «Para ti, para ti.». As mãos e braços voltaram para a «coluna» de ectoplasma e esta depois encolheu, devagar para o chão, enquanto o ectoplasma regressava à minha mãe e todos ficámos extremamente sem fôlego após tal experiência única.

Quanto a mim, ali estava eu sentado na minha cadeira oposto à minha mãe, com a boca bem aberta, ainda a agarrar com força os quatro cravos que recebera momentos antes, tentando apreciar o significado completo do meu breve encontro de um tipo mais maravilhoso!

Mais tarde soubemos que a nossa primeira visitante fora a Tia Agg, que, devido às suas qualidades mediúnicas e empatia com a irmã, muitas vezes se tornava a «piloto de teste». Ainda me era difícil compreender plenamente o significado da sua visita, mas não havia dúvida sobre a sua presença, confirmada pelos belos cravos que ainda agarrava muitos minutos depois. Partilhámo-los entre nós e o meu ainda ocupa o lugar de destaque na minha pasta de Memorabilia.

10

SNC - SESSÕES N.OS 33 A 43

Nas cinco sessões seguintes, tivemos muitas pessoas Espirituais materializadas de pé connosco no meio daquela sala, com luz vermelha, junto à lareira, ao lado da minha mãe, que estava em transe profundo. Como observará, foram feitos progressos fantásticos durante estas sessões e, se eu não tivesse estado lá para testemunhar tais fenómenos, poderia ter achado muito difícil aceitá-los. Mas eu estava lá e não tive dificuldade alguma em aceitar o que aconteceu.

14 dez (33)

Sam Hildred materializou-se e entregou à Sra. H uma linda orquídea. A mãe do Sr. Jones construiu-se, um pouco fraca, mas conseguiu apertar-lhe a mão e finalmente chamou-lhe «Brittain, meu rapaz», o que encantou o Sr. Jones, pois era o nome que ela muitas vezes usava na terra. A Tia Agg construiu-se e saudou todos, movendo-se à volta dos participantes e apertando mãos. Uma excelente forma materializada e o Sr. Jones ficou muito impressionado. Sunrise fechou dizendo que podíamos tentar uma luz vermelha mais brilhante na próxima semana – mas sem promessas. Enquanto estávamos a tomar o chá depois, o Sr. Jones disse que gostaria de ter testado o pulso dela. Dissemos-lhe que perguntaríamos na próxima semana, assumindo que a Tia Agg viria.

21 dez (34)

Começámos com uma luz mais brilhante, mas como a minha mãe tinha um resfriado e garganta inflamada, após 20 minutos Sunrise controlou-a e disse que teríamos de reduzir a luz, o que eu fiz imediatamente. Sam construiu-se novamente, muito mais claro, e entregou a Gladys dois túlipas para a mãe dela, que estava de cama em casa com um resfriado grave. Depois a Tia Agg construiu-se e entregou-me um ramo de violetas para a sua irmã, Mary, que estava em Middlesbrough de férias vinda de Bristol. Antes de termos tempo de mencionar o pedido do Sr. Jones, ela virou-se para ele e disse que compreendia que ele gostaria de sentir o pulso dela.

Ela obviamente estivera a «ouvir às escondidas» durante o chá da semana passada! Puxou para trás a manga da sua veste ectoplásmica e estendeu o braço para o Sr. Jones, que se levantou imediatamente e tomou o pulso de forma profissional. Após cerca de 30 segundos, retirou a mão e agradeceu-lhe muito, acrescentando, secamente: «Vai viver!». Ao que a Tia Agg riu-se e respondeu: «Obrigada, Sr. Jones, eu estou a viver e continuarei a viver!»: um incidente muito interessante, que indicava que a Tia Agg era uma pessoa ectoplásmica sólida com um pulso sólido e não apenas um «fantasma fantasmagórico». Isto era semelhante a uma experiência que William Crookes realizara com a médium Florence Cook e o espírito materializado de Katie King por volta de 1870.

Quando o Sr. J terminou, a Tia Agg estendeu a mão direita para o meu pai e a esquerda para mim e acenou-nos para nos levantarmos ao lado dela sob a luz vermelha, para que pudéssemos ver claramente e reconhecê-la como a pessoa que conhecêramos durante tantos anos na terra.

A irmã de Doris, Ivy, foi a última a construir-se. Parecia um pouco perturbada e pediu a Doris para dizer à mãe que a estava a ajudar o máximo que podia. Não tínhamos conhecimento de qualquer problema, mas obviamente Ivy estava preocupada e queria que a mãe soubesse que ela andava por perto.

A partir desta semana em diante, decidimos fechar a sessão quando a minha mãe saísse do transe.

28 dez (35)

Convidados: Sra. Shipman (mãe de Sydney), os seus parentes John Newton e Marjorie, e a irmã da minha mãe, Mary, de férias vinda de Bristol.

A Tia Agg construiu-se primeiro para saudar a irmã, que nos seus dias de juventude fora uma excelente médium mental. Depois falou com e apertou as mãos de John e Marjorie. A Avó Newton seguiu-se – juntou as mãos de John e Marjorie e deu-lhes um crisântemo. A Avó Lumsden veio para Doris, segurou-lhe a mão e disse que estavam a fazer tudo o que podiam para ajudar. O Sr. Shipman construiu-se então, pegou nas mãos de Sydney e da Sra. Shipman, mas não conseguiu falar muito.

A última a construir-se foi a mãe do meu pai, Avó Harrison, que levantou o Pai e a mim, um de cada lado dela, no meio da sala. Mantendo as nossas mãos, disse: «Deus te abençoe» ao meu pai e chamou-me «Sonny», nome pelo qual fui conhecido na família durante muitos anos e o único nome alguma vez usado pela Avó antes de passar para o Mundo Espiritual. Sunrise falou novamente só para dizer «Adeus» (uma palavra nova para ele). Excelente progresso com cinco esplêndidas materializações.

4 jan 1947 (36)

Convidados: Tia Mary e Sra. Urwin, a esposa do colega cirurgião mais próximo do Sr. Jones no hospital.

Sam construiu-se, deu a Gladys um crisântemo e segurou-lhe a mão com muita força. A Tia Agg veio novamente, falou muito claramente, deu à Tia Mary um crisântemo, andou pela sala, apertou as mãos da Sra. Urwin, do Sr. Jones e do meu pai. Consegui sentir a sua veste semelhante a gaze, que era lindamente suave. Perguntei-lhe se o Tio Jack poderia vir encontrar a irmã Mary – o que ele fez a seguir, mas não pôde ficar muito tempo e só conseguiu dizer «Olá, Mary», mas pelo menos encontraram-se cara a cara. A mãe do Sr. Jones construiu-se então bastante claramente, chamou-lhe «Britt, meu rapaz», e ele apresentou-a à Sra. Urwin. A avó da Sra. Urwin construiu-se então, mas infelizmente não era forte o suficiente para falar. Sunrise disse-nos que o poder se fora e se cantaríamos para as crianças Espirituais antes de fecharmos – o que fizemos, claro.

11 jan (37)

Apenas os seis participantes originais esta noite, pois tanto a Sra. H como o Sr. J estavam ausentes.

Começámos às 20h com a luz mais brilhante novamente e nada aconteceu até às 20h45, quando Sunrise controlou a minha mãe para dizer que a luz ainda era demasiado brilhante sem um gabinete. (Ver explicação mais adiante). Escurecemo-la e continuámos a sessão. Mona Hildred construiu-se muito claramente para trazer a Gladys uma flor para o

aniversário da mãe delas exatamente naquele dia. O pai do meu pai construiu-se claramente, mas não conseguiu falar muito. A Tia Ada de Doris veio então para lhe dar um cravo. Finalmente, Sam Hildred construiu-se e deu a Gladys um cravo para o aniversário da sua esposa.

Nota especial – antes de escurecermos a luz vermelha, Sunrise disse que tentaria mostrar-nos o ectoplasma a sair da minha mãe. Em breve vimos uma massa branca à frente do estômago da minha mãe, que gradualmente se estendeu por cerca de 12 polegadas, ficou durante três ou quatro minutos e depois gradualmente recuou e desapareceu; uma experiência muito interessante e instrutiva.

Sunrise comentou então sobre dois outros assuntos. Primeiro, desde a Sessão 32 não tínhamos tido vozes de trombeta, apenas materializações, e disse que podíamos ter a trombeta novamente sempre que quiséssemos, sem qualquer aviso ou preparação especial. Segundo, podíamos ter uma luz mais brilhante para as formas materializadas se a minha mãe fosse separada, sentada atrás de uma cortina num gabinete. Um gabinete, em termos de sessão, é geralmente um recinto alto de quatro lados no qual o médium se senta. A frente tem uma cortina, que pode ser puxada ou afastada pelas pessoas Espirituais quando necessário.

Agradecemos-lhe por essa excelente notícia e na semana seguinte Sydney fixara um longo pedaço de cortina de blackout a um varão de madeira, que descansava no varão dos quadros através do canto do lado esquerdo da lareira para criar um gabinete simples. O espaço acima do varão até ao teto não lhes causava problemas e isso atuou como o nosso gabinete durante todos os anos em que nos sentámos.

A vantagem de usar o gabinete era que as pessoas Espirituais se materializavam na semiescuridão, o que usava menos poder, e depois simplesmente moviam a cortina para o lado com os seus braços materializados para se mostrarem de pé ao lado da lareira. Significava também que mais Espíritos conseguiriam construir-se e ficar mais tempo na luz vermelha mais brilhante.

Mas passaram-se mais cinco meses antes de a Tia Agg conseguir realmente sair, afastando-se da cortina do gabinete, por cerca de três pés para dentro da sala, durante a Sessão N.o 60. Mas enfatizo aqui novamente que, onde quer que as formas ectoplásmicas se movessem pela sala, estavam sempre ligadas à minha mãe atrás da cortina por meio de um cordão ectoplásmico emanando do seu corpo. Daí a necessidade de garantir a fiabilidade dos nossos participantes convidados, que eram sempre

fortemente avisados sobre os perigos para o médium se alguma ação indevida fosse tomada pelos...

Deixem-me dizer agora que, felizmente, nunca tivemos de lidar com tais problemas causados por qualquer dos mais de duzentos convidados ao longo dos muitos anos das nossas sessões e eles comentavam sempre a naturalidade e o aconchego de toda a noite.

18 jan (38)

Primeira sessão com o gabinete, que foi usado a partir desta semana em diante. Tentámos com luz mais brilhante, mas tivemos de a escurecer desta vez a pedido de Sunrise. A primeira a construir-se foi a Avó Harrison, avó do meu pai, que ficou alguns minutos, mas não conseguiu falar. A Tia Agg seguiu-se, de pé mesmo livre da cortina ao lado da lareira. Enquanto eu ia ao encontro dela, falei-lhe sobre eles assinarem os nomes na folha de papel e perguntei-lhe se talvez pudesse assinar o seu nome no meu bloco de notas usando a minha caneta. Após uma pequena hesitação e riso, disse que não pegava numa caneta há muitos anos, mas veria o que podia fazer. Pegou na minha caneta na mão, eu segurei o meu bloco de notas à frente dela, e ela assinou o seu nome – Agnes: esplêndida evidência da sua presença física num corpo ectoplásmico.

O Tio Jack veio mais tarde, apertou as mãos de todos e disse-me que assinaria o seu nome na próxima semana! Após o Tio Jack ir embora, Sam Hildred construiu-se durante alguns minutos e finalmente o Tio Jack regressou para me entregar dois crisântemos para o aniversário da sua filha a 23 de janeiro. Foi particularmente interessante que ele a chamasse pelo seu apelido para ela – «Bun», nome real Bessie. Fiquei encantado em levá-los a ela no domingo.

25 jan (39)

Convidada – Sra. Shipman. A primeira materialização foi o Sr. Shipman, que entregou dois túlipas à sua esposa. Ivy Hudson construiu-se então e trouxe um túlipa para o aniversário do seu pai exatamente naquele dia, que Doris ficou encantada em levar-lhe no dia seguinte. Sunrise disse então que estava presente um senhor que não conseguia construir-se, mas deu as iniciais «JJ», seguidas de «Thompson», que foi reconhecido pelo Sr. Jones como o Oficial Distrital de Tuberculose de Darlington. A sua mensagem para o Sr. J era que ele estava «no caminho certo», o que agradou muito ao Sr. J, pois esta era apenas a sua terceira sessão, e agora um membro regular do nosso Círculo. A Tia Agg veio para a sua conversa habitual e o Sr. Jones sentiu-lhe o pulso novamente. Sunrise disse que só

restava poder suficiente para mais um e Sam e o Tio Jack tiveram de decidir quem viria. Sam concordou amavelmente com o Tio Jack vir para poder assinar o seu nome, o que ele fez. Comentou que não parecia a sua mão, o que suponho ser bastante provável, pois ele passara para o outro lado há quase 20 anos. Felizmente, Sam ainda conseguiu construir-se durante alguns momentos e a Sra. Hildred beijou-o. Ela disse que o rosto dele parecia «bastante como carne», outra noite esplêndida.

1 fev (40)

Sam materializou-se imediatamente, trazendo dois túlipas e um cravo para o aniversário de Gladys no dia seguinte. Perguntei-lhe também se gostaria de assinar o meu livro, o que ele fez sem qualquer problema. Essas três assinaturas ainda estão claramente visíveis no meu bloco de notas. A Avó Lumsden construiu-se então e deu a Doris três crisântemos. Esther Bessant, outra das irmãs da mãe, construiu-se muito claramente e falou com uma voz clara adorável. O Sr. Charles Roeder, que fora bem conhecido como Presidente da Igreja de Middlesbrough e Condutor do Liceu, construiu-se no gabinete, mas não era forte o suficiente para vir para a luz vermelha.

8 fev (41)

Convidado – Jimmy Wright (um colega de trabalho meu). Começámos esta noite com a trombeta, a primeira vez em dois meses. Sunrise apresentou o pai de Jimmy, que tentou falar, mas não muito claramente. A Tia Agg materializou-se no final da sessão e entregou quatro túlipas a Jimmy do seu pai. Jimmy ficou naturalmente muito entusiasmado. (Ver Sessão 18.)

15 fev (42)

Sunrise e Sam falaram ambos através da trombeta, cada um durante cerca de 10 minutos. Sam explicava sobre os diferentes planos no Mundo Espiritual, como disse, como Middlesbrough e Redcar, um resort à beira-mar a cerca de 10 milhas de distância, por isso pode-se visitar outras pessoas, mas nem sempre se está muito perto umas das outras. Mais tarde, o Sr. Charles Roeder (antigo Presidente da Igreja de Middlesbrough) materializou-se. Convidou-nos todos a sentir a sua barba, que parecia muito natural. Havia três túlipas no chão quando acendemos a luz.

22 fev (43)

Esta revelou-se uma sessão memorável. Após três visitantes Espirituais terem falado através da trombeta, o pai da minha mãe, Avô Bessant, materializou-se. Por isso, esta foi uma ocasião muito especial para mim. O Avô passara quase 30 anos antes, quando eu tinha apenas alguns meses de idade, e embora me tivesse embalado, falado comigo e mostrado muita afeição, eu não me lembrava dele. Agora ali estava ele, um homem alto e ereto, completo com bigode escuro e barba cheia. Atravessei até ele e senti o seu aperto forte enquanto segurávamos as mãos, mãos muito maiores do que as da minha mãe. Um momento muito emocional para nós ambos, suponho. Ficou e falou durante cerca de 5 minutos e não me recordo do que dissemos um ao outro, até que mesmo antes de ir embora disse: «Sente a minha barba, meu rapaz, sente a minha barba.» Estendi a mão, pois ele era mais alto do que eu, e senti este cabelo muito suave, que era, claro, ectoplasma noutra forma. Não era diferente da do Sr. Roeder na semana passada, mas muito mais denso e os pelos muito mais longos; outra experiência excecional.

Quando contamos à minha mãe após a sessão, ela ficou tão entusiasmada como eu e comentou que ele sempre fora muito orgulhoso da sua barba e a tratara diariamente, daí o seu pedido para eu a sentir. Por isso, a sua aparência física ainda era tão importante para ele agora como fora antes de passar e ele queria que eu a partilhasse com ele.

Enquanto lê estes registos muito breves das nossas experiências notáveis, espero verdadeiramente que consiga sentir e partilhar connosco a excitação e emoção profundamente sentidas que permeavam cada uma das nossas Sessões na sala de estar acolhedora de Sydney e Gladys. Cada semana era diferente no conteúdo, claro, mas cada semana era especial – muito especial, na verdade. Nunca demos nada por garantido, nem nos tornámos minimamente blasé, mesmo após vários anos dos nossos encontros semanais com os nossos amigos Espirituais – como era a intenção e propósito original do nosso Clube de Sábado à Noite.

Certamente crescera e desenvolvera-se muito além das nossas esperanças e sonhos mais elevados, mas ainda permanecia a mesma reunião informal, alegre e conversadora de amigos e parentes de ambos os mundos. Extremamente privilegiados éramos, sem dúvida, e mesmo agora, 50 anos depois, esses sentimentos mais finos ainda são tão fortes dentro de mim.

11

A AVÓ LUMSDEN

Granny era a avó de Doris do lado da mãe. A mãe de Doris, Annie, e o pai, Charles, eram convidados frequentes no nosso Círculo Caseiro, e todos os três estavam absolutamente certos de que a pessoa materializada que encontravam com tanta frequência era, sem dúvida, a mesma pessoa que conheciam e amavam quando ela estava no plano terrestre. As suas conversas sobre assuntos familiares de anos passados provavam que a senhora que ali estava entre nós era a mesma mãe e avó. Eu conhecera Granny várias vezes com Doris nos nossos dias de escola, e lembrava-me dela como a senhora pequena, muito viva e ativa, que vivia ao lado de Jim McKenzie e família, cujos três filhos eram bons amigos nossos.

Foi o mesmo Jim McKenzie que, a 15 de outubro de 1947, tirou as primeiras duas fotografias de quarto de placa das nossas pessoas Espirituais materializadas e Granny teve a «honra» de ser a primeira, com a Tia Agg em segundo, na mesma noite. Ele também fez a gravação em bobina de bobina da nossa sessão especial da festa de Natal em 1954. Esta gravação preciosa inclui alguns minutos de Granny a tagarelar no seu estilo inimitável e alegre, com o seu típico sotaque de Middlesbrough, que, quando a reproduzo no final das minhas palestras, desperta grande interesse e muitas risadas nas audiências.

Granny estava obviamente interessada em assuntos psíquicos, pois temos uma das fotografias espirituais de Billy Hope tirada na casa do Sr. e Sra. Hudson, 87 Ayresome Park Road, Middlesbrough, em 1927, mostrando Granny como uma das participantes.

Uma das filhas de Granny, Ada, passou para o outro lado no parto, deixando Cyril, um bebé de um dia, para ser cuidado. Tipicamente, Granny, então com 73 anos, levou-o para a sua casa e, embora ele fosse um «bairn doentio», criou-o com sucesso nos seus primeiros dois anos antes de passar para o Mundo Espiritual em 1930, com 75 anos.

Nos primeiros meses de vida de Cyril, Doris, que ainda estava na escola, ficava em casa de Granny todas as noites para ajudar a cuidar dele. O seu trabalho particular, durante a noite, era aquecer o biberão dele sobre a chama de gás no quarto! Como não havia eletricidade na casa, isso significava que Doris tinha de subir a escada escura com uma vela a crepitar para iluminação.

Não era muito agradável para uma menina de 12 anos e, numa ocasião, ela teve a sua primeira experiência de clarividência quando, no topo das escadas, viu claramente a mãe de Cyril ali de pé, a sorrir. Foi um choque para ela, mas, conhecendo o Mundo Espiritual, rapidamente percebeu que a Tia Ada estava a deixar-lhe saber que andava por perto a ajudar a cuidar do seu filho, e Doris, portanto, nunca mais teve medo de subir aquela escada escura sozinha.

Granny materializou-se pela primeira vez no nosso círculo em dezembro de 1946 (Sessão 35) e depois apenas ocasionalmente durante os 10 meses seguintes, mas a partir de outubro de 1947 tornou-se a primeira das cinco ou seis pessoas materializadas a vir em cada sessão. Ela apresentou-se a rir como a mulher de aquecimento a um dos nossos convidados, e era certamente isso, com uma risadinha e uma palavra alegre para cada participante enquanto andava pela sala com uma boa luz vermelha.

Comentários como «Estás a gostar, amor?» faziam os convidados sentirem-se bastante à vontade e ajudavam a remover qualquer tensão que pudessem sentir, embora no final de cada sessão comentassem sempre como toda a noite fora natural, mas há um acontecimento particular durante uma das nossas sessões que merece menção especial. Nesta ocasião particular, Granny apresentara-se a uma senhora convidada e depois, de forma mais inesperada, perguntou-lhe se gostaria de sentir os seus pés. Isto certamente apanhou-me de surpresa – porquê os pés?

Ao saudá-la, Doris e eu segurávamos regularmente as suas mãos, que estavam sempre tão quentes como as nossas, por isso perguntei-lhe imediatamente por que queria que a senhora sentisse os seus pés.

«Bem», disse ela, «eu sempre tive pés frios quando vivia aqui.» A minha resposta imediata foi dizer que ela não podia ter pés frios agora no Mundo Espiritual sem um corpo físico. «Isso mesmo», disse ela. «Só quando entro nesta coisa.» Ela referia-se ao corpo ectoplásmico, que chamava a rir «esta coisa» – típico de Granny. Por isso, levantei-me da cadeira e ajoelhei-me ao lado dela. Queria verificar a sua declaração por mim mesmo e dar apoio à senhora convidada. Pedi-lhe para levantar um dos seus pés e segurei-o nas minhas mãos. Era como um bloco de gelo, no entanto as suas mãos estavam bastante quentes! Fiz algum comentário apropriado e tudo o que Granny disse foi: «Eu disse-te!» A senhora convidada também sentiu o seu pé e confirmou o meu comentário.

Ela fez o que chamávamos a rir a sua peça de festa três ou quatro vezes nas semanas seguintes, sempre com o mesmo resultado – os seus pés

estavam gelados. Uma semana em que não tínhamos convidados e Granny estava de pé a falar connosco, eu disse: «Os teus pés ainda estão frios esta semana, Avó?»

A sua resposta surpreendeu-me um pouco – «Não, não esta semana.» A minha resposta imediata foi: «Disseste que sempre que estavas nesta coisa tinhas pés frios, então porquê não esta noite?» «Bem, não tendes convidados.» «Que diferença faz isso para os teus pés?», perguntei. «Bem, como não tendes convidados esta noite, não me incomodei em trazer os meus pés!» Isso abalou-nos a todos.

Ali estava ela a andar pela sala, mas sem pés – e só para provar a sua palavra, inclinou-se para a frente, levantou a sua veste ectoplásmica até à cintura e não havia pés nem pernas! Eu conseguia ver as pernas do meu Pai do outro lado da sala debaixo da sua veste. Granny tinha razão novamente, não se incomodara em trazer os pés. Então, como andava ela pela sala?

Em breve tivemos a resposta da Tia Agg, que explicou que o ectoplasma era simplesmente uma cobertura material para o corpo Espiritual ou Etéreo, que não ocupa espaço, mas pode ser usado como um «veículo» para se mover. Além disso, as pessoas Espirituais cobrem com ectoplasma apenas as partes do corpo Espiritual de que precisam naquele momento – e Granny não precisava dos pés para a sua «peça de festa», pois não tínhamos convidados.

A Tia Agg também explicou que a «produção» do ectoplasma usa uma «porção» do total de «energia» ou «poder» disponível no Círculo cada noite, que não é ilimitada, mas varia com as condições emanadas dos participantes e as condições climáticas daquela noite. Quanto menos energia for usada para cada materialização individual, significa que mais pessoas Espirituais conseguem materializar-se e que podem ficar por períodos mais longos. Como a Tia Agg o disse sucintamente com uma risadinha adorável: «Quanto mais, melhor para todos nós.» Eles estão tão ansiosos por nos deixar saber que ainda vivem felizes num mundo muito melhor e que andam frequentemente à nossa volta, particularmente em tempos de necessidade.

Graças a Granny, todos aprendemos algo naquela noite. Os nossos amigos Espirituais não estão sujeitos às leis da física ou química como estabelecidas no plano terrestre. É uma grande pena que os cientistas aqui não consigam aceitar esta Verdade provada da Vida após a Morte. Aqueles homens reputados e credíveis, como William Crookes, Oliver Lodge, Arthur Conan Doyle e outros, que, quando declararam publicamente as suas descobertas favoráveis, foram repudiados pelos seus colegas que

consideravam que tinham perdido o juízo. Tudo muito triste, mas a Verdade nunca pode ser destruída; vive – e vive – e vive, o que todos eles descobrirão quando chegar a sua hora de se juntarem aos seus colegas no Mundo Espiritual.

12

SNC – SESSÕES N.OS 44 EM DIANTE

Nos capítulos anteriores, detalhei a maioria das Sessões iniciais, mas daqui em diante extrairei apenas aquelas que considero particularmente interessantes ou com acontecimentos significativos não cobertos noutro lugar.

Lembro-vos que cada sessão durava mais de uma hora e tínhamos sempre os nossos habituais seis, sete ou mais visitantes Espirituais, quer falando através da trombeta, quer materializando-se, geralmente trazendo flores aportadas para os seus parentes ou amigos. Não se enganem, cada sessão, cada semana, era sempre especial.

1 mar 1947 (44)

Sem convidados, apenas os seis participantes originais.

Sunrise prometeu-nos a todos que arranjaria para que cada um dos nossos guias principais nos falasse em breve e que ele se materializaria durante a Sessão 52 – no nosso primeiro Aniversário.

8 mar (45)

Convidada – Sra. Shipman (mãe de Syd).

Sunrise, o pai de Syd e Sam Hildred falaram todos claramente através da trombeta. Túlipas foram aportadas para Gladys e Sra. Shipman. Mimosas para Doris e Sydney.

A primeira materialização foi o guia de Syd, que se anunciou como John Evans, um Ministro Metodista de Cardiff em 1885. Tinha uma barba cheia, mas era calvo no topo. O Sr. Shipman veio a seguir e ficou um pouco para falar com a sua viúva. A Tia Agg construiu-se então com conselhos para Terry sobre o seu trabalho e casamento próximo.

22 mar (47)

A nossa primeira sessão usando um reostato, feito pelo Sr. Garrett, um amigo de Sydney, que eu conseguia usar para variar o brilho da luz rubi-vermelha para as materializações. Aquelas, como a Tia Agg, conseguiam suportar uma luz mais brilhante, enquanto os «primeiros-timers» precisavam de uma luz muito mais fraca. Nos anos seguintes, achámos este equipamento extremamente útil. O Pioneiro Espiritualista, Alfred Kitson, construiu-se. Uma ocasião tão especial que isso mereceu o seu próprio capítulo a seguir a este.

29 mar (48)

Convidado – Sam Ingham, cuja esposa Ethel se materializou e entregou-lhe um cravo branco com um túlipa branca/rosa. Ela pediu desculpa por não conseguir trazer exatamente as mesmas flores que tinha no seu ramo de noiva, que eram túlipas brancas: apenas outro exemplo da proximidade dos nossos amigos e parentes Espirituais. Quando a Tia Agg se construiu, fomos todos convidados a sentir as maravilhosas vestes que usava – vestes ectoplásmicas lindamente suaves, semelhantes a seda.

5 abr (49)

Através da trombeta, Sunrise disse-nos que havia uma senhora Espiritual com um nome como de homem – Samuel Davies, que desejava materializar-se mais tarde. Doris e eu reconhecemos imediatamente o nome como o da senhora com quem tínhamos vivido durante o meu tempo no Centro de Treino RE em Ruabon em 1942/3. Como Sargento, fora-me permitido viver fora e Doris viera com o bebé Colin para ficar alguns meses. Conhecíamo-la como Sra. Davies, mas ela fora anteriormente casada com um Sr. Samuels – daí a confusão com os nomes.

Todas as noites, durante a nossa breve estadia, ela pegava em Colin nos braços, embrulhava-o no seu xale galês e cantava-lhe canções de embalar galesas para o adormecer. Quando se construiu esta noite, chamou os nossos nomes próprios e deu a Doris dois túlipas. Um encontro muito evidential.

Esta noite foi o décimo Aniversário de Casamento de Sydney e Gladys, e quando o pai de Gladys, Sam Hildred, se construiu, entregou-lhe alguns cravos cor-de-rosa e um azul para memória. Como disse tantas vezes, os nossos amigos Espirituais não esquecem tais ocasiões importantes – como nós aqui tantas vezes fazemos.

Perto do fim, o guia principal de Gladys, uma senhora italiana, Carita Mirello, também se construiu e ficou brevemente.

12 abr (50)

O meu guia principal materializou-se primeiro – homem alto e ereto, com barba e bigode pretos, que falava bom inglês e deu o seu nome como Achelem E Achem, um antigo egípcio.

Quando a Tia Agg se construiu, perguntámos-lhe sobre cortar um pedaço das suas vestes ectoplásmicas alguma vez e ela disse que seria seguro com proteção Espiritual e que eles arranjariam isso. Depois espalhou as suas vestes pelo Círculo e pareciam quase infinitas, cobrindo toda a área do chão à frente da lareira.

19 abr (51)

Esta Sessão durou das 17h até às 21h50, cerca de 10 minutos mais do que as nossas sessões habituais e provou ser muito interessante. Sam Hildred falou através da trombeta, seguindo duas senhoras, e ficou mais de 10 minutos a contar-nos sobre a vida no mundo deles – muito semelhante a casas, edifícios de vários estilos, áreas de concertos, jardins com todo o tipo de flores e plantas, etc., mas tudo muito mais leve e brilhante, criado pelas mentes das pessoas Espirituais.

Aparentemente, pode-se ter exatamente o que se quer durante o tempo que se quer ou se sente necessidade disso. Parece que durante o período de adaptação nos agarramos ao nosso modo e estilo de vida terrestre, mas a grande maioria de nós gradualmente percebe que não precisamos de tais coisas na nossa nova vida sem um corpo físico, embora haja sempre uma pequena minoria que tende a agarrar-se às suas necessidades materiais e demora mais a progredir nos seus caminhos Espirituais.

26 abr (52)

O nosso Primeiro Aniversário, uma noite especial – ver Capítulo 14.

10 mai (54)

Como disse anteriormente, a minha mãe, estando num estado de transe profundo, estava completamente inconsciente dos visitantes Espirituais materializados que estavam na sala – exceto durante esta sessão particular. Enquanto a Tia Agg estava na sala a falar connosco, de repente ouvimos a minha mãe a arrastar os pés atrás da cortina. A Tia Agg assegurou-nos que

não havia nada com que nos preocupar e que em breve a acalmariam. O seu espírito deixara temporariamente o corpo e estava realmente a olhar de cima do canto da sala, vira a sua irmã e tentava chegar até ela enquanto ela estava de pé à frente da cortina. Num minuto, o arrastar parou e a sessão continuou.

Quando estávamos a tomar o nosso chá e sanduíches após o fecho da sessão, Mam anunciou de repente que se lembrava de ter estado no canto da sala e de ter visto a nossa Agg de pé na sala, por isso tentara chegar até ela, mas não conseguira. Isto confirmou o que a Tia Agg nos dissera durante a sessão, mas foi a única vez que a minha mãe viu algum dos nossos visitantes Espirituais. Daí o nosso pedido posterior de fotografias para ajudar a minha mãe a compreender o que tínhamos o privilégio de experimentar cada semana.

24 mai (56)

Outra novidade esta noite! Sunrise prometera ao Sr. Brittain Jones que, quando os cientistas Espirituais pusessem em prática a proteção necessária para o médium, ele poderia cortar um pedaço das vestes ectoplásmicas da Tia Agg. Essa promessa foi cumprida esta noite. A Tia Agg foi a primeira a materializar-se e perguntou imediatamente ao Sr. Jones se ele tinha as tesouras à mão. Ele tirou-as prontamente do bolso, onde as carregava sempre todos os sábados à noite pronto para tal ocasião. A Tia Agg estendeu então a borda das suas vestes para o Sr. Jones e disse-lhe que podia cortar um pedaço do tamanho de um lenço de senhora.

Enquanto ele fazia o corte, ouvimos um suspiro distinto tanto da minha mãe, atrás da cortina, como da Tia Agg de pé entre nós com uma boa luz vermelha, mas como a Tia Agg já nos dissera, a proteção necessária fora posta em prática e nenhum mal veio a nenhuma delas. Sunrise dissera previamente que isto era uma experiência e não tinha a certeza de que o pedaço de ectoplasma ainda lá estaria no final da sessão. Foi passado pelos participantes para sentir a textura e depois colocado na cornija da lareira. Era como uma voile de seda muito fina.

Infelizmente, não estava lá no final da sessão, mas Sunrise prometera que o Sr. Jones teria outra oportunidade na semana seguinte e pediu que um pequeno frasco fosse posto na cornija da lareira, e Swift, o nosso químico Espiritual, arranjaria para pôr algum líquido para manter o pedaço de ectoplasma o mais tempo possível.

Lembrete importante para todos os membros ou participantes num Círculo Caseiro Físico. Não façam nada indevido quando sentados num

círculo caseiro físico sem a permissão prévia dos vossos ajudantes e guias Espirituais. Como acabaram de ler, tanto o médium como a forma ectoplásmica da Tia Agg foram afetados pelo corte do ectoplasma, mesmo com a capa de proteção em prática. Sem essa proteção, num estado tão elevado de sensibilidade, o resultado poderia ter sido extremamente prejudicial e seriamente injurious para o médium. Pensem e perguntem antes de agir.

31 mai (57)

Gladys colocara um pequeno frasco vazio na cornija da lareira e o Sr. Jones teve outra oportunidade de cortar um pedaço de ectoplasma de tamanho semelhante. Este foi imediatamente posto no frasco e a tampa enroscada, mas notou-se que havia um odor semelhante a lixívia vindo do frasco. Quando a luz foi acesa no final da sessão, vimos o pedaço de ectoplasma, desta vez parecendo um pedaço de algodão muito fino, deitado em cerca de uma polegada de líquido no frasco.

Sydney decidiu deixá-lo na cornija da lareira e eu passava por lá todos os dias para ver o que acontecia. Observámos que se dissolvia gradualmente no líquido, e na quarta-feira seguinte dissolvera-se completamente, deixando apenas alguns fios muito pequenos no líquido amarelado.

O Sr. Jones levou o líquido para o laboratório do seu hospital para análise e reportou-nos no sábado seguinte. Cristalizara algum do líquido e descobrira que os cristais se assemelhavam muito a cristais de lixívia, o que não era inesperado considerando o odor do líquido, mas não havia nada significativamente diferente para indicar a presença do ectoplasma, o que todos achámos um pouco dececionante de uma forma estranha.

Ainda assim, foi muito intrigante descobrir algo sobre o líquido que Swift aportara para o frasco – uma façanha notável em si mesma.

Nota: Tínhamos participantes convidados para ambas estas sessões e tive uma carta confirmatória, que está incluída no capítulo das cartas, do Sr. Bill Lennie, que esteve connosco a 24 de maio e se lembrava da experiência em grande detalhe.

26 jul (65)

O nosso filho mais novo, Derek, nascera dois dias antes, por isso Doris não pôde sentar-se connosco esta noite. Granny Lumsden materializou-se, entregou-me um cravo para a sua lass, Doris, e disse-nos

que também levara algumas rosas para a nossa casa em Lambeth Road. Disse que as pusera no carrinho que estava no corredor debaixo da escada, onde os «bairns» punham as roupas. Quando cheguei a casa, levantei cuidadosamente as roupas no topo do carrinho e encontrei as rosas como prometido por Granny. Aportes maravilhosos fora da sala do Círculo, e ainda tenho uma delas.

Finalmente, a Tia Agg construiu-se, sentou-se na cadeira vazia e conversou connosco durante cerca de 10 minutos tão real e sólida como nós. Trouxe também flores para Gladys, Sydney e o Sr. Jones.

Na semana seguinte, tivemos o prazer da Tia Mary, de férias vinda de Bristol, como participante convidada. A Tia Mary era uma das irmãs da minha mãe, nascida em 1888, dois anos antes da Tia Agg e 12 anos antes da minha mãe. Como toda a família Bessant, era muito mediúnica, mas devido aos laços próximos do marido com a Igreja de Inglaterra, não mantivera uma ligação Espiritual próxima desde o casamento. Por isso, foi particularmente interessante para ela sentar-se connosco e encontrar alguns da família do Mundo Espiritual.

O pai dela (o meu Avô) veio primeiro e deu-lhe um cravo. Albert Ernest, o primeiro filho da Tia Mary que passara para o outro lado como bebé, construiu-se a seguir como um jovem alto para mostrar à mãe como progredira. A mãe dela, que falou muito claramente, seguiu-se então – um Espírito muito brilhante que progredira muito, segundo Sunrise. Finalmente, a Tia Agg pôde sentar-se na cadeira vazia ao lado da irmã e conversar sobre assuntos familiares durante cerca de 10 minutos. A Tia Agg entregou-lhe também um cravo para o filho da Tia Mary, Tom, a quem disse que devia ter vindo buscá-lo.

Foi uma reunião familiar maravilhosa, que continuou na sessão seguinte quando a Tia Mary e Tom foram os nossos participantes convidados. Sentimos que estas sessões exemplificavam o que tínhamos acordado como o propósito do nosso Clube de Sábado à Noite – uma reunião regular de amigos e parentes de ambos os mundos.

4 out 1947 (73)

Esta sessão foi de grande interesse pessoal para mim.

Os meus nomes próprios são Thomas William. Thomas é um nome de família de longa data, mas o meu pai também me deu o William. Ele disse-me que, enquanto servia em Ypres durante a «Grande Guerra», se tornara como um pai para um jovem soldado de 17 anos chamado Billy Earle, que

infelizmente fora morto durante um dos confrontos. O Pai sentira-se tão próximo dele que quisera recordá-lo dando-me o nome de William. Nunca imaginei que alguma vez encontraria o meu homónimo, mas, juntamente com outro companheiro soldado do Pai, Jack Seaton, Billy falou connosco, através da trombeta, esta noite.

O aspeto particularmente evidential foi que Billy chamou ao meu Pai «Fatha» como sempre fizera em França. A partir desta noite em diante, pude relacionar-me de perto com «William», e penso nele muitas vezes.

18 out 1947 (75)

Fora previamente arranjado para Jim McKenzie tirar as primeiras das nossas fotografias com a sua câmara de placa. Isto foi muito uma experiência usando a luz vermelha montada na sala. Tirou uma de cada das formas ectoplásmicas de Granny Lumsden e da Tia Agg. Granny ficou ao lado da cortina durante cerca de quatro ou cinco minutos. A Tia Agg sentou-se na cadeira vazia à frente da cortina e ficou a falar connosco durante cerca de oito minutos.

Nos primeiros dias das nossas sessões, tínhamos tido numerosas luzes Espirituais do tamanho de um xelim, mas a 22 de novembro (Sessão 80), Douglas trouxe-nos algo bastante diferente enquanto tínhamos a luz vermelha habitual ligada para as materializações. De forma bastante inesperada, houve um flash intenso de luz brilhante de trás da cortina do gabinete, seguido por três ou quatro mais em intervalos curtos. A luz era tão brilhante vindo por cima da cortina, que estava ao nível do varão dos quadros, que iluminou toda a sala. Porque a luz era criada pelos nossos ajudantes Espirituais, não teve efeito negativo no médium ou no ectoplasma – enquanto uma luz de lanterna brilhante comum teria tido efeitos negativos graves.

Douglas fez o seu truque de festa nas três semanas seguintes, muito excitante e uplifting, mas durante a Sessão 84 foi um passo mais além e iluminou o rosto da Tia Agg exatamente quando ela saiu do gabinete. Esperávamos que ele pudesse desenvolver e estender esta forma de iluminação para outras formas ectoplásmicas, mas infelizmente não aconteceu regularmente, embora tenha iluminado o rosto de Granny durante a Sessão 90.

Esta noite tivemos a nossa resposta sobre o distintivo de «Cruzado» que viera como aporte dois anos antes. Pertencia a um rapaz cuja mãe é uma boa médium e viu o Cavaleiro Cruzado duas vezes na sua casa. Ela pôde confirmar isto. Excelente evidência.

3 jan 1948 (89)

A nossa primeira sessão de Festa de Natal. Os detalhes estão no capítulo intitulado Festas de Natal.

10 jan (90)

Outra noite muito especial registada no Capítulo 17 A Estrada para Casa.

24 jan (92)

O Sr. Jones trouxe a sua câmara de placa para tirar mais duas fotografias. A câmara foi montada apontando para o fim da lareira na borda da cortina do gabinete onde as formas materializadas geralmente ficavam.

Granny Lumsden materializou-se primeiro e ficou imóvel para uma exposição de 90 segundos com uma luz vermelha razoavelmente brilhante e a Tia Agg para cerca de uma exposição de dois minutos. Quando foram reveladas, a de Granny estava perfeitamente clara, mas a Tia Agg deve ter-se mexido ligeiramente. Antes de a Tia Agg vir, o Avô Bessant construiu-se e disse que estava a praticar para a sua foto ser tirada noutra ocasião. Ficou cerca de 3+ minutos.

7 fev (94)

Terry Abbott, o filho mais novo da Tia Agg, trouxe a sua câmara usando filme super-rápido, para tirar fotografias das formas materializadas do Avô Bessant e depois da sua própria mãe, que ficou vários minutos a conversar com ele. Terry não tinha dúvida de que era a sua própria mãe de pé à frente dele. O pai dele, Bob Abbott, também se construiu apenas por um minuto, mas disse que estava a ficar mais forte.

Como Terry não usara todo o rolo de filme, regressou a 21 de fev para tirar a mãe novamente e algumas fotografias de grupo de todos nós, para fins de registo – todas com excelentes resultados.

Tínhamos agora estado a fazer sessões há quase dois anos e desfrutado de uma tremenda gama de fenómenos físicos, mas com a deterioração gradual da saúde da minha mãe devido ao cancro, achámos que seria uma boa ideia, quando não tínhamos participantes convidados, ter sessões regulares dedicadas ao desenvolvimento da mediunidade de outros membros do SNC com a minha mãe a atuar como líder do Círculo. A primeira destas sessões realizou-se a 17 de março e duas semanas depois

havia sinais de desenvolvimento de transe leve com Doris e eu mesmo. As minhas últimas notas registadas foram feitas a 5 de abril de 1948, mas lembro-me de que o nosso desenvolvimento foi extremamente lento e aleatório, e não tivemos sinais encorajadores de mediunidade física como a da minha mãe.

Continuámos a ter as nossas sessões semanais em casa de Syd e Gladys durante os quatro anos seguintes até eles se mudarem em agosto de 1952. As sessões foram então realizadas na nossa casa em Oxford Road. Ainda desfrutávamos das vozes de trombeta e materializações ectoplásmicas como antes, mas devido à diminuição de energia, não tantas pessoas Espirituais conseguiam.

Durante todas estas sessões, como já disse, a minha mãe recebia muita energia de cura.

Durante vários anos nos anos 1950, também tivemos um Círculo de cura em Oxford Road, onde conseguimos ajudar muitas pessoas necessitadas, o mesmo que a minha atual esposa, Ann, e eu temos feito desde que nos conhecemos em 1993. Nunca esqueçam que o Mundo Espiritual precisa de tantos canais quanto possível por várias razões e propósitos – estejam prontos para aceitar e responder às suas abordagens, como e quando elas baterem à vossa porta. Sereis ricamente recompensados.

As Fotografias

Todas as fotografias das pessoas Espirituais que se materializaram foram tiradas principalmente para benefício da minha mãe, que estava sempre em transe completo quando o ectoplasma era tirado dela. Ela nunca viu nenhuma das pessoas ectoplásmicas que se materializavam cada semana, nem estava consciente do movimento da trombeta e do ectoplasma, e esperávamos que esforços fotográficos experimentais pudessem produzir resultados que todos pudéssemos desfrutar. Ficámos encantados quando conseguimos resultados tão esplêndidos quanto nos diz respeito. Espero que os desfruteis, mas apreciem que foram todos esforços amadores simples, quotidianos, ao acaso e não ao nível de «investigação científica».

Tia Agg no seu jardim em Londres pouco antes do seu passamento em nov. 1942.

Granny Lumsden à porta da frente pouco antes de passar para o outro lado em 1930. (comparem com o rosto espiritual em 4).

Um dos nossos primeiros esforços a 18 out. 1947 com uma luz vermelha fraca. Agnes Abbott (Tia Agg) sentada numa cadeira, a falar connosco durante cerca de oito minutos. A exposição de placa foi de 2 minutos, daí o movimento da cabeça enquanto falava.

Granny Lumsden tirada a 24 jan. 1948 com a câmara de placa do Sr. Brittain Jones – numa exposição de 90 segundos.

Tia Agg tirada a 24 jan. 1948, com uma luz vermelha mais brilhante, exposição de 2 minutos. O foco deve ter estado ligeiramente fora.

Avô Bessant tirado a 7 fev. Devido à luz vermelha, a barba, que também é ectoplasma, parece muito escura e bastante falsa, mas asseguro-vos que era parte dele.

Tia Agg tirada a 21 fev. 1948 com uma luz vermelha brilhante – exposição de 2 minutos com um filme super-rápido. Notem atrás da Tia Agg a cortina preta, atrás da qual a minha mãe estava sentada em transe profundo. À esquerda está o meu pai, que obviamente se mexeu durante a exposição.

Tivemos de esperar mais 10 meses antes de a proteção necessária da minha mãe poder ser construída contra os efeitos de um flash para fotografias infravermelhas. Mesmo então, disseram-nos que ela se sentiria como se tivesse sido socada no estômago quando saísse do transe. O Sr. Brittain Jones forneceu o equipamento infravermelho e as duas fotografias restantes foram tiradas em dezembro de 1948.

As placas, para fins científicos, foram colocadas na câmara de placa do Sr. Brittain Jones, e expostas em escuridão completa por meio de uma lâmpada Sashalight encerrada numa caixa à prova de luz, feita por Sydney, com um filtro rubi-vermelho Wratten colocado na tampa da frente, que está na minha memorabilia – bastante arcaico pelos padrões de hoje, mas os resultados encantaram-nos. Como estas foram tiradas em escuridão completa e o flash rubi-vermelho profundo através do filtro foi apenas por uma fração de segundo, não vimos nada do ectoplasma ou da trombeta no momento da exposição – ao contrário das fotografias anteriores, tiradas com luz vermelha onde víamos as pessoas Espirituais ectoplásmicas enquanto eram fotografadas.

(Uma Sashalight era o precursor de uma pistola de flash e usada principalmente em fotografia de retrato. Era uma lâmpada grande cheia de papel de prata para aumentar a saída de luz.) Eu tinha a bateria e fiz a ligação para disparar a pistola de flash e expor a placa.

Ectoplasma emanando da boca do médium. A minha mãe está sentada no canto do gabinete com a cortina preta enrolada. Para fins de materialização, a cortina estaria pendurada até ao chão e as pessoas Espirituais usariam o ectoplasma atrás da cortina para «construir» os seus corpos e depois sair para a luz vermelha na sala.

Mostra como a trombeta, por meio de uma vara ectoplásmica, é operada pelos ajudantes Espirituais. A minha mãe está novamente em transe profundo, completamente inconsciente do que está a acontecer. Note a sombra da trombeta de alumínio e a vara ectoplásmica sólida na lareira de azulejos.

Uma Oportunidade Perdida

Dr. J. B. Rhine – renomado psicólogo dos EUA, estava numa visita ao Reino Unido no final dos anos 1940 e ficava na área de Middlesbrough. Um bom amigo de Sydney, Sr. Waddington, era o agente do Dr. Rhine naquela altura e foram feitos arranjos para o Sr. Brittain Jones e o Sr. W. W. Fletcher, Diretor da Middlesbrough High School, se encontrarem com o Dr. Rhine e lhe contarem sobre o nosso Círculo.

O Sr. Fletcher fora um participante convidado e ficara impressionado ao ponto de, na segunda-feira após a sua sessão, ter todos os alunos do Sixth Form no seu gabinete para relatar o que experimentara. Soube disto por outro bom amigo de Sydney, Ernie Lowe, um construtor local, cujo filho era um dos alunos. O Sr. e Sra. Lowe também haviam sido participantes convidados a 5 de julho de 1947, Sessão 62, por isso sabiam do que o Sr. Fletcher falava.

O encontro com o Dr. Rhine foi numa quarta-feira e ele devia partir de volta para os EUA no fim de semana no Queen Mary. Após várias chamadas telefónicas entre nós, a minha mãe concordou em sentar-se na sexta-feira à noite, a única noite disponível para todos nós, incluindo o Sr. Fletcher. Tínhamos entendido que isso seria adequado para o Dr. Rhine, apenas para sermos informados de que ele tinha uma reunião em Glasgow naquela noite, por isso nunca assistiu ao Círculo.

Foi muito interessante ouvir mais tarde do Sr. Waddington que o Dr. Rhine lhe dissera que, se pudesse acreditar no que o Sr. Jones e o Sr. Fletcher lhe haviam contado, teria adiado a sua viagem de regresso! Era muito difícil compreender a sua atitude quando a informação lhe fora dada por dois dos profissionais mais reputados e altamente considerados na área. Sentimos que ele desperdiçara uma oportunidade única de testemunhar em primeira mão tais fenómenos raros, que o interessavam.

13

ALFRED (PAI) KITSON

Alfred Kitson, natural de Gawthorpe em West Yorkshire, foi um dos pioneiros iniciais do Espiritualismo desde meados dos anos 1880. Em toda a União Nacional, era afetuosamente conhecido como «Dad Kitson» – uma verdadeira figura paterna, particularmente no norte de Inglaterra. Com a sua filha Nellie, outra trabalhadora dedicada ao Movimento, visitara a Igreja de Middlesbrough em algumas ocasiões. Como rapaz, lembrava-me vagamente dele – especialmente da sua barba branca, mas Sydney, a minha mãe e pai, e os pais de Doris, como trabalhadores da igreja, todos o conheciam bastante bem. Por isso, a Sessão 47 a 22 de março de 1947 provou ser uma ocasião muito especial.

Os nossos convidados naquela noite foram por acaso os pais de Doris, Mam e Dad Hudson, a quem Sunrise convidava com frequência porque adicionavam muito poder ao ambiente do Círculo. Tínhamos tido luz vermelha para as materializações há três meses, mas esta noite estávamos a experimentar com um reostato/dimmer feito por um dos amigos de Sydney. Isso permitia-nos controlar a intensidade da luz dependendo da experiência das formas Espirituais, e provou ser extremamente útil nos anos seguintes.

A sessão começou como habitual com os fenómenos da trombeta e May e Ivy, duas da família Hudson, falaram ambas aos pais. Sunrise disse então que era tempo para materialização, por isso a mãe moveu-se para trás no gabinete no canto junto à lareira, e em poucos minutos anunciou o nosso primeiro visitante como «um senhor – Dad Kitson» – uma surpresa muito agradável para nós, mas não tínhamos ideia de quão agradável ia provar ser.

Ele construiu-se extremamente bem, completo com barba e ficou ereto. Todos o podíamos ver bastante claramente na luz vermelha mais brilhante e ficou cerca de quatro minutos. Disse que estava muito satisfeito por estar connosco e encorajou-nos a continuar o seu trabalho pela Verdade do Espiritualismo, mas viera aquela noite por uma razão muito especial. Hoje, disse, era uma ocasião significativa, pois exatamente 25 anos antes, no sábado 22 de março de 1922, fora honrado em abrir oficialmente a nova igreja de Middlesbrough, evento no qual Mam e Dad Hudson eram oficiais da igreja.

Ficámos todos encantados por sentir o seu aperto forte quando lhe apertámos a mão, especialmente Mam e Dad Hudson, que disseram que teriam de verificar os registos da igreja para a data de abertura – certamente

não se lembravam após tantos anos. Mas Dad Kitson lembrava-se e, desnecessário dizer, provou-se absolutamente correto! Como outra peça de evidência, deu a sua data de nascimento como 15 de fevereiro de 1855, que nenhum de nós sabia – e novamente provou-se correto quando verificámos na sua autobiografia. Disse-nos que a sua filha Nellie o acompanhara e que ela também estava satisfeita por estar connosco.

Como terão percebido, esta fora uma sessão muito especial e única, por isso enviei um relatório a Ernest Thompson, o editor do jornal Two Worlds, que o publicou a 25 de abril. Dois meses depois, recebi uma carta, ainda na minha posse, datada de 25 de junho, de George Luck, que vivia perto de Warrington, na qual escreveu:

«Fiquei muito interessado no registo da sessão que realizaram em Middlesbrough na qual reportam que Dad Kitson se materializou. Sei que Dad estava muito interessado em Middlesbrough e é provavelmente um dos lugares que tentaria contactar após o seu passamento.

«Houve tantos relatos dele a manifestar-se em lugares diferentes, alguns dos quais tenho graves dúvidas. Isso levou-me a fazer inquéritos para detalhes de sessões para tentar confirmar a sua presença nessas sessões. Posso dizer que fui contado como um dos amigos íntimos de Dad Kitson. Ele era uma das pessoas privilegiadas, que podiam ser contadas numa mão, que se sentavam no nosso Círculo Caseiro sempre que pagava visitas à nossa casa. Bem! Ele e eu fizemos um pacto, que não é conhecido por outros, para que quando ele regressasse eu pudesse confirmar a sua identidade. Estou em contacto com ele através do nosso próprio Círculo e ele manifesta-se através de controlo de transe, mas dá sempre e confirma os sinais secretos.

«Poderia prevalecer sobre vós alguma vez, se não for pôr-vos em demasiado inconveniente, para me deixar saber de quaisquer outras sessões que realizem nas quais ele se manifeste. Faço este pedido tanto no vosso interesse como no meu. Desejo ao vosso Círculo todo o sucesso. É maravilhoso o que pode ser feito com sessões harmoniosas, constantes, regulares e de auto-sacrifício. Vosso, muito sinceramente. Geo. A. Luck.»

Ficámos muito satisfeitos e interessados em receber a carta do Sr. Luck e concordámos que tentaríamos ajudá-lo caso Dad Kitson se manifestasse novamente. Como ele disse, era tanto para o nosso benefício como para o dele, e embora ele não se tenha manifestado novamente, tivemos uma mensagem via Sunrise na Sessão 63 a 12 de julho de 1947. No final da sessão, após as materializações terem terminado, Sunrise falou connosco e disse: «Alfred Kitson está aqui e dá esta mensagem – "Mão

direita símbolo de Boa Vontade. Mão esquerda símbolo de Amor Fraternal.»

Escrevi imediatamente ao George Luck e fiquei encantado por receber a sua confirmação de que este era o seu sinal secreto.

Sinto-me certo de que concordareis que não poderíamos ter tido prova mais conclusiva da visita naquela noite, 22 de março de 1947, de Alfred Dad Kitson, porque recebemos a seguinte informação:

Duas datas das quais nenhum de nós na sala estava ciente, assim nenhuma acusação de «leitura da mente».

Um sinal secreto conhecido apenas pelos dois amigos íntimos.

Como disse tantas vezes, os nossos amigos Espirituais nunca nos esquecem e frequentemente avivam as nossas memórias se tendermos a esquecê-los. Muito obrigado, Dad e Nellie, pela vossa visita pensativa e memorável a Middlesbrough.

Dizendo uma Oração

"Não há noite que passe
sem que alguém diga uma oração
Que aquele que amam profundamente
seja ajudado a suportar sua dor;
Que a manhã traga força e a esperança
dissipe todos os medos.
Esta oração está sendo dita esta noite
por milhares de corações em lágrimas.

Não há aurora como quando
os nossos sonhos se concretizam;
Talvez tenha acontecido assim
por aquele que amam - e por vós-
Mas lembrem-se daqueles que ainda choram
e cujas orações vos parecem tão vãs
Então, do vosso coração agradecido,
digam a oração que oraram novamente."

14

PRIMEIRO ANIVERSÁRIO –

SUNRISE MATERIALIZA-SE

26 abr 1947 – Sessão N.o 52

Sunrise pedira especialmente para Mam e Dad Hudson serem convidados esta noite, pois prometera tentar materializar-se e precisava do poder extra; de resto éramos os habituais oito. Começámos 15 minutos mais cedo e a sensação do poder na sala era bastante forte. O primeiro orador através da trombeta foi a Sra. Puckrin, uma antiga membro da igreja de Middlesbrough, que falou bastante claramente. Sunrise falou então e disse que as condições eram muito boas mesmo. Sam Hildred veio então para a sua conversa habitual, bastante clara e instrutiva, e disse que trouxera flores para a Sra. Hildred para o Aniversário de Casamento deles.

Encontrámo-las na lareira no final da sessão – cinco lindos cravos. Perguntámos-lhe se conseguia descobrir se eram as flores que eram desmaterializadas ou parte da parede para as trazer. Ele disse que tentaria deixar-nos saber mais tarde. Teve uma longa conversa e ficou nove minutos – não fácil através da trombeta. Sunrise sugeriu então que passássemos para a materialização, por isso a minha mãe moveu-se para trás no gabinete e ligámos a luz vermelha.

A primeira materialização foi o guia Espiritual do Sr. Brittain Jones chamado Ali Bey Ahtum, mas não conseguiu ficar muito tempo. Pelo menos o Sr. Jones teve a oportunidade de o conhecer. O Tio Tom de Dad Hudson construiu-se então, bem formado com barba. Falou claramente, mas não pôde ficar muito tempo, o que não é invulgar para aqueles que se constroem pela primeira vez. A prática normal era Sunrise tomar conta entre materializações e apresentar o visitante seguinte, mas esta noite foi diferente. Assim que Tom Hudson se foi, ouvimos uma voz no gabinete a chamar «Annie. Annie.» O nome próprio de Mam Hudson, Annie, respondeu e a mãe dela, Granny Lumsden, saiu imediatamente do gabinete. Ambas ficaram encantadas por se encontrar novamente.

Durante uma sessão anterior, Sunrise dissera que quando se construísse tentaria trazer-nos uma das suas penas, bem como uma ectoplásmica, por isso fomos pedidos para pôr na cornija da lareira um pequeno frasco com cerca de meia polegada de água no fundo. Para ter a certeza, em caso de acidentes, Gladys pôs dois frascos de tamanho médio

de Sandwich Spread, cada um com meia polegada de água e as tampas separadamente na cornija da lareira.

Veio então o que tínhamos esperado ansiosamente durante muitos meses – Sunrise anunciou, bastante simplesmente: «Vamos construir-nos.» Antes de vir, no entanto, disse-nos para não deixar os nossos lugares e não seríamos capazes de apertar mãos, pois o controlo não seria tão forte como habitual, o que compreendíamos perfeitamente. Ele obviamente examinara os frascos na cornija da lareira e disse-nos que não havia exatamente o suficiente, mas para não nos preocuparmos, eles tratariam disso.

Ele materializou-se então, bastante alto, nas suas vestes ectoplásmicas, completo com toucado de penas e ficou um ou dois minutos mesmo à frente da cortina do gabinete, em plena vista na luz vermelha – uma figura mais imponente que se tornara um amigo e protetor muito próximo durante os 12 meses das nossas sessões. Um momento maravilhoso para todos nós, e antes de ir disse-nos que a senhora seguiria com.

A Tia Agg, conhecida por Sunrise como «a senhora», seguiu imediatamente, segurando uma pena em cada mão. Uma era uma pena aportada comum de cor laranja, que colocou na cornija da lareira e é agora parte da minha memorabilia preciosa. A outra era uma pena ectoplásmica branca que entregou ao meu pai para ser passada pelos participantes. Estávamos todos naturalmente muito excitados com isto, tanto que a meio caminho foi caída no chão. Imediatamente ajoelhei-me para a recuperar e deixar que continuasse a sua jornada, que terminou comigo. Parecia uma pena de quilha, não fofinha, bastante rígida mas flexível – nada como a pena aportada que examinámos mais tarde.

Após eu a examinar, passei-a de volta a Doris, sentada ao meu lado, para entregar de volta à Tia Agg que estivera calmamente de pé na sala a testemunhar a nossa excitação. Em vez de pegar na pena, pediu a Doris para a pôr no frasco que a Tia Agg acabara de pegar da cornija da lareira, após o que pegou na tampa e ficámos todos intrigados a vê-la enroscar a tampa no frasco contendo a pena ectoplásmica.

Além de trazer as penas, a Tia Agg ficou cerca de nove minutos e teve uma boa conversa. Estava muito satisfeita por todos nós, em ambos os mundos, termos tido um ano tão agradável juntos e disse que estavam bastante espantados com o progresso que fora feito. Respondemos que estávamos igualmente espantados, mas era todo o trabalho deles e estávamos apenas felizes por fornecer as condições necessárias. Após a Tia Agg ir embora, o Tio Jack apenas espreitou a cabeça pela cortina do gabinete para dizer: «Como está toda a gente?» e foi-se.

Sunrise fechou pedindo-nos para nos lembrarmos sempre da intenção original do Clube de Sábado à Noite – manter uma data e reunião regular com velhos amigos e parentes do Mundo Espiritual. Quando estávamos a experimentar era difícil para eles vir e embora quisesse que continuássemos com o lado científico, não queria que nos tornássemos demasiado absorvidos e esquecêssemos os nossos amigos. Assegurou ao Sr. Jones que ainda poderia cortar um pedaço das vestes da Tia Agg no futuro – o Sr. Jones estava ansioso por examiná-lo. Uma sessão excelente e espantosa de uma hora e meia, que fechou às 21h20. Uma verdadeira celebração de Aniversário.

Ao examinar após a sessão, viu-se que havia pelo menos o dobro de líquido no frasco contendo a pena, pelo menos uma polegada, mas nenhum fora tirado do outro frasco. Não havia sinal de fluido em mais nenhum lugar. Todos demos uma boa olhada na pena ectoplásmica usando o vidro de aumento para reparar relógios de Sydney, com a minha mãe particularmente interessada, claro.

Parecera um pouco como plástico e também parecia sob o vidro. Sunrise dissera-nos que em breve desapareceria e de facto pudemos testemunhar isso enquanto nos sentávamos a tomar o chá. A parte acima do nível do fluido parecia derreter gradualmente em gotículas e escorrer para o fundo do frasco. A pena fora posta no frasco cerca das 21h e pelas 23h30 desaparecera completamente, deixando apenas o fluido amarelado. Retirámos a tampa para cheirar o conteúdo, que emitia um odor acre semelhante a lixívia, não diferente do odor nos primeiros minutos quando os Espíritos se materializam na sua forma ectoplásmica.

No final da sessão da semana seguinte (53), Sunrise passou as desculpas do químico Espiritual (chamado Swift) pelo cheiro estranho com a pena na semana passada. Explicou que o caule era um aporte comum para suportar a plumagem ectoplásmica, e o líquido que adicionara ao frasco ajudava a preservar o ectoplasma, mas destruía o caule aportado. Todos demos uma risadinha ao pensar no químico Espiritual a desculpar-se connosco após o trabalho notável que realizara. Pedimos a Sunrise para passar os nossos sinceros agradecimentos pelos seus grandes esforços. Uma relação verdadeiramente harmoniosa, amorosa e confiável desenvolvera-se de facto entre os dois mundos, e assim continuou durante os muitos anos à frente.

15

JACK GRAHAM

Conheci Jack durante 1947 quando ele tinha uma loja de peixe e batatas fritas no outro extremo de Garnet Street de onde Mam e eu tínhamos a nossa loja. Quando terminava o meu trabalho de preparação, ia ajudar Jack, cujos horários de abertura não coincidiam com os nossos. Punhamo-nos a arrumar o mundo enquanto nos sentávamos em caixas de peixe viradas e assim chegávamos a discutir a vida após a morte e o nosso notável Círculo Caseiro.

Jack fora criado como Irmão de Plymouth, que aparentemente acreditam que não há nada após a morte. Como ele diria: «Quando estamos mortos, estamos mortos para sempre.»

Era um jovem muito percetivo e, quando chegou aos vinte anos, começou a questionar as crenças deles e nunca ficava satisfeito com o que ouvia. Tinha de haver algo mais, pensava ele. O nosso Círculo Caseiro em casa de Syd e Gladys Shipman, com vozes de trombeta e materializações ectoplásmicas, realizava-se todos os sábados à noite e tínhamos chegado ao estágio em que tínhamos permissão dos nossos ajudantes Espirituais para ter convidados. Eu contara a Jack sobre as nossas experiências maravilhosas e ele ficou intensamente interessado e perguntou se podia ser posto na lista de espera de potenciais convidados. Podia ser muitos meses, o que ele aceitava plenamente, mas esperava que não demorasse muito.

Pouco depois de o nome de Jack ter sido posto na lista, Syd telefonou-me num sábado a dizer que a senhora que devia ser a nossa convidada naquela noite não podia comparecer, e se havia mais alguém que pudesse vir com tão pouca antecedência. Pensei imediatamente em Jack e fui à loja dele de imediato. Embora devesse estar na loja aquela noite, aceitou excitadamente e disse que arranjaria definitivamente para o filho Albert tomar o seu lugar, independentemente dos arranjos anteriores de Albert – e assim fez. De modo nenhum ia perder tal oportunidade única.

Como sempre, começámos no escuro como aconselhado pelos nossos ajudantes Espirituais, e várias pessoas Espirituais vieram e falaram através da trombeta. Após cerca de 20 minutos, os fenómenos da trombeta foram terminados por Sunrise e ligámos a luz vermelha para os fenómenos de materialização e tivemos várias materializações ectoplásmicas Espirituais aquela noite.

A Tia Edna de Jack veio e falou com ele sobre os velhos tempos «quando costumávamos brincar juntos», o que naturalmente o agradou imenso, e após a sessão terminar, conversámos durante o chá até depois das 23h. Jack estava claramente tão impressionado com o que acontecera aquela noite e tão excitado por ele pessoalmente, naquela noite de sábado muito especial, ter testemunhado muitas pessoas espirituais materializadas a andar pela sala, a falar connosco, com luz vermelha. Foi para casa com uma perspetiva completamente diferente sobre a vida após a morte. Encontrara por fim o que procurara durante tantos anos.

Cerca das 10h da manhã seguinte, tive uma chamada telefónica do filho dele, Albert, que tomara conta da loja na noite anterior, para me contar o que acontecera quando o pai chegara a casa cerca da meia-noite – muito passado da sua hora habitual de deitar. Jack fora imediatamente para cima e acordara os dois filhos e a filha com a ordem para descerem e ouvirem o que tinha para lhes contar. Jack era geralmente um homem quieto, mas quando nesse humor ninguém ousava opor-se-lhe – por isso desceram todos e sentaram-se no sofá.

Aparentemente, Jack falou com muita força e grande ênfase: «Sentem-se aí – ouçam o que tenho para vos contar – é tudo verdade e nunca o esqueçam.» Continuou durante mais de uma hora a descrever em grande detalhe todos os fenómenos notáveis que testemunhara. Albert achou muito difícil de acreditar e estava realmente a ligar-me para obter confirmação de que o pai não estava a inventar tudo, embora percebesse que isso era altamente improvável de um homem tão prático como Jack a falar com a família.

Exatamente uma semana depois, no domingo seguinte de manhã, tive outra chamada de Albert com uma mensagem bastante diferente. Ligava para me dizer que o pai passara para o outro lado durante a noite, apenas uma semana após a sua visita inesperada ao nosso Círculo Caseiro! Parecia que Jack tivera de vir ao Círculo no sábado anterior para encontrar o que procurara, e que o preparara para a sua transição inesperada para o Mundo Espiritual.

Dentro de cinco semanas do seu passamento, sendo o caráter forte que era, e sem dúvida ainda é, falou connosco através da trombeta. Agradeceu-nos pelo que tínhamos feito por ele, o que lhe permitira compreender o que acontecera quando passara para o outro lado. Continuou a vir e falar connosco com bastante frequência e repetia regularmente os seus agradecimentos.

Durante as nossas conversas na loja de peixe, mencionara um velho amigo dos Irmãos de Plymouth, um Sr. Matheson, que se revelou ser um vizinho nosso em Lambeth Road. O Sr. Matheson aparentemente permanecera membro dos Irmãos de Plymouth e vivia com as duas filhas solteiras duas portas ao lado de Doris e eu. Algum tempo após Jack ter passado para o outro lado, o Sr. Matheson colapsou na paragem de autocarro próxima e passou para o outro lado através de um ataque cardíaco.

A primeira vez que Jack nos falou após o passamento do Sr. Matheson, perguntei-lhe se talvez conseguira contactar o Sr. M. «Oh sim», respondeu – «mas temos um problema. Ele não acredita que está morto.» A sua crença de que não havia nada após a vida na terra era tão forte que tinha a certeza de que ainda estava na terra. Aparentemente, costumava regressar à sua casa e falar com as filhas que o ignoravam! Isso deixava-o extremamente frustrado e simplesmente não conseguia compreender.

Sem dúvida, é assim que alguns Poltergeists se sentem antes de perderem o autocontrolo e usarem a energia latente para mover objetos materiais apenas para atrair atenção. Felizmente, o Sr. Matheson, um homem maduro nos seus sessenta anos, deve ter retido o autocontrolo e, tanto quanto sabíamos, nenhum fenómeno desse ocorreu na sua casa.

Jack tentou explicar-lhe as coisas, mas o seu único comentário era que não podia estar morto, caso contrário não haveria nada e não conseguiria falar com Jack.

O facto de Jack explicar que ele também estava morto não teve efeito imediato. Obviamente, Jack nunca desistiu, porque muitos meses depois, quando veio falar connosco, ficou encantado por poder reportar que eventualmente o fizera compreender e o Sr. Matheson agora sentia-se muito mais relaxado. Se ao menos todos estivessem cientes desta grande Verdade – que simplesmente continuamos a viver, mas numa vibração mais alta, como Jack Graham descobrira exatamente nessa semana vital antes do seu passamento.

“E sempre perto de nós, embora invisíveis,
Nossos Queridos Espíritos Imortais pisam.
Pois todo o Universo Ilimitado é vida –
Não há mortos.”

16

ROY DIXON SMITH

O Clube de Sábado à Noite realizava sessões há mais de dois anos quando Sydney viu uma carta na sua cópia do Psychic News, um jornal semanal Espiritualista, de Roy Dixon Smith que vivia em Londres. Dizia que estava a investigar o Espiritualismo e estava especialmente interessado, juntamente com muitos centenas de outros, em «experimentar materialização genuína». Como a segurança da minha mãe, o nosso médium, era de primordial importância em todos os momentos, todos os nossos participantes convidados até então eram ou conhecidos por nós pessoalmente ou garantidos por contactos fiáveis, como sendo pessoas genuínas e confiáveis.

Roy Dixon Smith não se enquadrava em nenhuma categoria – Sydney sentiu-se suficientemente forte para chamar a nossa atenção para a carta dele. Após discutir seriamente, todos sentimos tão fortemente como Sydney, por isso decidimos prosseguir e oferecer-lhe a oportunidade de se sentar connosco. Mais importante, a minha mãe concordava plenamente, mas se houvesse a mínima dúvida na mente dela, o convite nunca teria sido enviado. Ela tinha a certeza de que os nossos amigos Espirituais nos guiavam na direção certa.

Era um completo estranho para todos nós, como perceberão da sua escrita, mas desde então resumi a seguinte informação biográfica breve do seu livro New Light on Survival, publicado em 1952. Um Tenente-Coronel no Exército Indiano, era um homem de alguma posição.

Enquanto servia na Índia em 1934, conheceu Betty e o marido dela, Stuart. Após ouvir da morte de Stuart em 1937, contactou Betty e casaram-se em 1939.

A vida deles juntos foi muito breve, pois Betty morreu de uma doença cardíaca em 1944. Então começou a sua busca determinada por evidência de Sobrevivência para além da morte, através do Espiritualismo. Tendo-se reformado do Exército, contactou a Marylebone Spiritualist Association (mais tarde para se tornar The Spiritualist Association of Great Britain) em Londres em 1945. Aí recebeu evidência impressionante através de uma leitura de psicometria, incluindo os nomes de Betty e Ethel, que era o nome real de Betty mas nunca usado. A partir daí viajou longe e largo na sua busca e sentou-se com muitos médiuns bem conhecidos, mas nunca testemunhara materialização ectoplásmica. Daí a sua carta no Psychic

News. Ficou tão impressionado com a evidência que recebeu no nosso Círculo que incluiu as suas experiências no seu livro, como segue –

«Na tarde de 9 de outubro (1948), fui recebido na estação pelo Sr. Shipman. Levou-me no seu carro para a casa dele, onde descobri que um quarto fora posto à minha disposição, e fui entretido livremente e de forma mais hospitaleira para o fim de semana.

Eles nada sabiam sobre mim e nunca tinham ouvido falar de mim (e vice-versa) até após a minha carta aparecer no jornal. A casa era do mesmo tipo geral que a de Buckie, o meu anfitrião e os seus amigos igualmente pessoas de negócios e profissionais do mesmo ponto de vista e fundo social. O círculo que conheci aquela noite consistia no Sr. e Sra. Shipman, os pais da Sra. Shipman, a Sra. Harrison, o médium, que é uma amiga íntima dos Shipman, e uma senhora baixa e algo rechonchuda de meia-idade que não tinha a mínima semelhança com Betty, o filho e nora dela, e um médico local bem conhecido. Menciono todos estes detalhes para mostrar quão completamente absurdo e ridículo seria qualquer sugestão de fraude, mesmo que fosse possível produzir assim os resultados descritos.

A minha carta no Psychic News dizia que queria estas experiências para incluir num livro, e assim quem mas desse estaria, de certa forma, a prestar um serviço público, e é por isso que responderam ao meu pedido, mas insistiram, bastante naturalmente, em que não divulgasse o endereço deles para evitar serem importunados por curiosos e outros. Por razões evidential, não revelei detalhes da minha vida privada antes da sessão terminar, e pela mesma razão teriam recusado ouvir, pois estavam tão ansiosos como eu por evidência genuína.

A sala em que a sessão se realizou é muito a mesma que a de Buckie, exceto que há apenas uma porta, estando esta na mesma posição relativa ao gabinete e participantes que a janela está na casa de Buckie, enquanto a cornija da lareira está ao lado e à direita do canto que continha o gabinete. O gabinete neste caso consistia numa única cortina preta, que ajudei a pendurar eu mesmo através do canto da sala; encerrava um espaço mal suficiente para conter o médium na cadeira dela.

A luz durante a sessão era uma lâmpada elétrica vermelha brilhante numa taça suspensa do centro do teto. A sala durante as materializações estava assim iluminada brilhantemente e as formas e os seus rostos vistos claramente. O círculo de cadeiras foi arranjado perto e bloqueando a porta, e assim um pouco mais longe do gabinete do que em Buckie. A porta foi trancada e a sessão então começou.

A primeira fase foi «voz direta» no escuro através de uma trombeta com bandas luminosas – melhor chamada megafone – que voava pela sala, às vezes alto no ar, e muitas vezes acompanhando o canto como uma batuta de maestro. A trombeta pairava à frente do participante a ser endereçado, e as vozes vinham através, todas bastante altas, mas algumas difíceis de compreender enquanto outras perfeitamente claras. O guia do círculo, falando através da trombeta, deu então uma excelente descrição de Betty, comentando a sua altura, magreza e beleza; todos factos desconhecidos por qualquer um presente exceto eu mesmo. Betty tentou então falar-me: após esforço prolongado e aparentemente doloroso e algumas exclamações no sentido de que não conseguia, conseguiu dizer: «Eu sou a tua Betty.»

Durante esta fase, grandes cravos cor-de-rosa foram aportados para a sala, um sendo largado no colo de cada participante, incluindo o meu. Estavam bastante frescos e húmidos como se com orvalho. Não havia flores deste tipo previamente na sala ou, como o meu anfitrião me disse, em mais nenhum lugar na casa. O médium entretanto sentara-se com o resto de nós no círculo e não estava em transe.

No fecho desta fase, que me pareceu durar cerca de um quarto de hora, a luz vermelha foi ligada, o médium tomou o seu lugar atrás da cortina, e as materializações começaram, das quais houve cerca de meia dúzia no total.

Fui apresentado a cada uma delas por sua vez, todas sendo amigos falecidos e parentes próximos dos participantes e assim perfeitamente conhecidos por eles. Levantei-me da cadeira, andei até elas e apertei-lhes a mão e fizemos comentários convencionais uns aos outros exatamente como toda a gente faz quando conhece um estranho pela primeira vez. Estavam envoltas em drapejados e capuzes semelhantes a musselina branca que eram as réplicas exatas dos usados pelas formas na sessão de Buckie.

Eram sólidas, naturais e, exceto pelo vestuário, exatamente como pessoas vivas comuns. De facto, se todos estivessem vestidos de forma semelhante, teria sido impossível distinguir estas formas materializadas do resto da companhia. As mãos delas pareciam perfeitamente naturais e semelhantes à vida em todos os aspetos e os apertos de mão eram muito firmes. Sorriam, riam e conversavam comigo e com os outros, todos os traços, tez e expressões sendo perfeitamente claros naquela luz ampla.

Repito (e seguramente não posso ser mais explícito) eram exatamente como tu ou eu em drapejados de musselina, e comportavam-se como nos comportaríamos se passássemos por um círculo de amigos e parentes mais um estranho para uma visita de alguns minutos, e eram recebidas em

conformidade e tão naturalmente e sem emoção como seríamos. Havia adeuses alegres mútuos enquanto partiam, afundando aparentemente através do chão precisamente da mesma maneira que as formas em Buckie.

A minha apresentação à primeira delas foi: «Venha conhecer a Tia Gladys, a irmã do médium», e ela foi mais encantadora e vivaz enquanto me oferecia a mão e sorria e conversava comigo. Depois veio «Avó», e enquanto me apresentavam a ela, o médico disse-me: «Sinta-lhe o pulso.» A velha senhora riu-se, estendeu o braço, fez algum comentário humorístico sobre «estragá-la» ou algo do género, e pressionei os meus dedos no pulso dela. Todos os tendões estavam lá e o pulso parecia e sentia-se absolutamente natural, o batimento do pulso era forte e regular.

«Agora sinta-lhe os pés», disse o médico, e curvei-me e senti o pé que a velha senhora risonha estendeu dos seus longos drapejados. Parecia um pouco esponjoso ou lanoso e aparentemente prestes a dissolver-se, pois logo após isso a velha senhora desejou-nos adeus e desapareceu. Depois veio um homem com o rosto torcido puxado de forma bastante grotesca para o lado direito, como consequência do qual só conseguia murmurar incoerentemente. Fui apresentado a ele pelo nome, e enquanto lhe apertava a mão, o meu anfitrião explicou: «Ele vem sempre assim. Morreu de um derrame.»

Não me recordo muito claramente dos dois ou três visitantes seguintes, mas o que disse dos outros aplica-se igualmente a eles; e por então o ligeiro sentimento de estranheza nesta experiência espantosa deixara-me, pois era tudo absolutamente natural. Diferiam drasticamente em rosto, figura, voz e maneirismos, e em todos os casos os olhos estavam abertos; enquanto, claro, os movimentos dos traços enquanto riam e falavam por si só dispõe da sugestão de um conjunto de máscaras, caso o mais irracional dos céticos tivesse tal ideia em mente, e caso também tivesse uma opinião tão estranha da natureza humana a ponto de imaginar que alguém gastaria hospitalidade gratuita num estranho pela única satisfação de o enganar.

O guia anunciou então a vinda de Betty e pediu-nos para cantar uma das suas canções favoritas. Cantámos «I Walk Beside You», a meio da qual uma figura alta e magra emergiu da cortina e ficou silenciosamente à vista.

Levantei-me da cadeira e andei até à figura, pegando na mão estendida na minha. Examinei a mão, e era exatamente como a de Betty e bastante diferente da do médium. Olhei fixamente para o rosto, e reconheci a minha esposa. Falámos um com o outro, embora o que dissemos não me recorde,

pois estava profundamente emocionado e ela também e a voz dela era incoerente com emoção.

«Pode beijá-la?», murmurei. «Sim.» Então beijei-a nos lábios, que estavam quentes, suaves e naturais. Em seguida, ela baixou a cabeça e chorou, e num momento ou dois afundou-se. Vi a forma dela até ao nível do chão aos meus pés onde se dissolveu, o último fiapo sendo puxado para dentro do gabinete.

Após eu retomar o meu lugar, houve uma pausa, talvez para me permitir recuperar alguma da compostura perdida, e então o guia do círculo anunciou outro visitante para mim, dando o nome John Fletcher, e dizendo que era um clérigo que estivera a ajudar a inspirar o meu livro – talvez o guia clérigo referido pelo médium masculino no Capítulo III, mas da cuja autenticidade eu era bastante duvidoso.

Uma figura alta de barba preta apareceu então, e quando o alcancei deu à minha mão um aperto muito poderoso e caloroso, expressou a sua delícia neste encontro entre nós e a minha realização, por fim, da sua própria realidade, discutiu o livro comigo, declarou que o trabalho estava agora completo, desejou-me um adeus cordial, e desapareceu da maneira habitual.

Se alguma vez duvidei da existência de guias, como posso fazê-lo agora?

Contei a minha história de forma crua, sem qualquer dramatização ou enfeites sentimentais; seguramente deve ser uma mente pateticamente deformada que não consegue suprir tais omissões da sua própria imaginação. (fim de citação)»

Há um par de identidades erradas neste extrato. Porque fomos apresentados en masse apenas minutos antes da sessão começar, o meu pai foi erroneamente recordado como um dos pais da Sra. Shipman, enquanto apenas a mãe dela, Sra. Hildred, estava presente e o pai dela, Sam Hildred, era um comunicador regular do Mundo Espiritual.

A Tia Gladys devia, claro, ser «Tia Agg», a nossa comunicadora principal. Gladys é o nome próprio da Sra. Shipman.

Buckie é o nome de uma cidade na Escócia onde ele tivera previamente uma sessão com uma Sra. D.

Olhando para a frente!

"Toma o caminho que se estende à tua frente
Cai no crepúsculo e sabe que o fim é luminoso
Toma o que vem e encontra o caminho para a glória
Muito pode correr mal – mas ainda mais corre bem.

Enfrenta o dia, por mais duro que seja à tua frente
E com as lágrimas ainda molhadas na tua face
Aprende a sorrir e continua a olhar em frente –
A vida não acaba porque o sol se pôs."

17

O CAMINHO DE VOLTA A CASA

Durante a nossa sessão de festa de Natal para crianças, a 3 de janeiro de 1948, um jovem falou calmamente através da trombeta. Deu o seu nome como Andrew, tinha vivido em Haverton Hill, tinha morrido em 1941, mas não se lembrava de muito mais. Prometeu voltar com mais informações.

Ele cumpriu a promessa no sábado seguinte, durante o qual, na sessão, falou novamente através da trombeta e, através de uma série de perguntas e respostas, disse-nos que o seu nome era James Andrew Fleming, que tinha passado para o outro lado quando tinha cerca de 12 anos, a 6 de junho de 1941, que não tinha irmãos nem irmãs, mas tinha um cão de estimação de que gostava muito.

Tinha sido atraído para o nosso Círculo pela luz brilhante que dele emanava. Ainda se sentia um pouco inseguro, disse, mas achava que tinha vivido em Coniston Avenue, ou algo parecido, em Haverton Hill. Tinha tentado visitar a sua casa, disse, mas parecia haver uma névoa que não conseguia atravessar. Ficava perto de nós e podíamos ajudá-lo?

Haverton Hill era uma aldeia, perto de Middlesbrough, construída para alojar os trabalhadores da vasta fábrica da Imperial Chemical Industries em Billingham. Eu estava livre na tarde de quarta-feira seguinte e disse-lhe que iria lá para ver se conseguia encontrar a sua casa, e convidei-o a acompanhar-me – com a ajuda talvez da Tia Agg ou de outras pessoas do Espírito familiares para ele. Tentaríamos penetrar essa barreira nebulosa e ligá-lo novamente à mãe e ao pai – e ao seu cão de estimação, se ainda lá estivesse.

Não conhecendo bem Haverton Hill, parei o carro na loja do talho local. Sabiam onde ficava Coniston Avenue? Não, desculpe, mas há uma Collinson Road mesmo ali ao virar da esquina. Agradeci-lhes e dirigi-me para lá. À minha frente estava uma longa estrada de casas municipais, quatro ou cinco por bloco, com pequenos jardins frontais – semelhantes às milhares construídas nos anos 1930. Eram três horas da tarde de uma quarta-feira muito fria – não se via vivalma. Sentei-me a pensar onde começar as minhas averiguações – que eram invulgares, para dizer o mínimo. «Collinson... Coniston... eram muito semelhantes, por isso tinha de tentar, pelo bem de James, e eu tinha-lhe prometido que o faria, mas a que porta bato?» A resposta apresentou-se-me rapidamente quando vi uma senhora a sair de outra casa a cerca de três blocos de distância.

Saí imediatamente do carro e aproximei-me dela, reunindo toda a confiança que pude: «Desculpe, mas poderia dizer-me onde vivem os Fleming, por favor?» Imagine a minha surpresa quando ela respondeu prontamente: «Oh sim, mesmo ali na esquina, no n.º 20.» Seria possível ser assim tão fácil?, pensei.

Dirigi-me para lá e toquei à campainha no n.º 20. Nenhuma resposta. Toquei novamente. Ainda nenhuma resposta, mas uma mulher apareceu à porta da casa adjacente. Poderia ajudar, talvez? «Sim, por favor», respondi. «Queria falar com a Sra. Fleming.»

A mãe veio-me automaticamente à mente, pois pensei que era mais provável estar em casa àquela hora do dia. O marido estaria sem dúvida ainda no trabalho.

«Não», disse ela, «está fora neste momento – trabalha na cantina da ICI e só chega a casa por volta das 5.30.» Agradeci-lhe e disse que tentaria voltar por volta das 7.30 e talvez ela pudesse mencionar isso à Sra. Fleming quando ela regressasse a casa.

Voltei por volta das 7.30 – uma noite de janeiro escura como breu e ainda extremamente fria, com uma iluminação de rua a gás muito fraca, como era habitual naqueles dias. Toquei novamente à campainha no n.º 20, talvez com mais apreensão desta vez, perguntando-me o que me esperava. Desta vez houve uma resposta, bastante rápida, na verdade, e deparei-me com um homem de aspeto muito severo.

«É o senhor que veio à procura da minha mulher esta tarde?», ladrava ele antes que eu tivesse tempo de falar! Oh céus, pensei – o que fiz eu! Será esta a casa que procuro mesmo? «Sim, senhor», respondi, o mais

amigavelmente possível, «mas também gostaria de falar consigo, se possível.»

«Bem, o que quer?», rebateu ele. Como eu disse, as minhas averiguações eram bastante invulgares, mesmo sem tal confronto inicial. «Ah bem», pensei, «aqui vai – faz perguntas simples e improvisa.»

«Sim.» «Tinha um filho chamado James Andrew?», veio a resposta. «Tinha ele cerca de 12 anos quando morreu?» Veio outra «Sim» curta. «Morreu ele a 6 de junho de 1941?», perguntei, sentindo-me agora bastante excitado por dentro.

«Sim», disse ele novamente, não tão agressivamente desta vez, mas acrescentou rapidamente: «Como é que sabe, e de que se trata tudo isto?» Uma pergunta muito razoável a fazer a um completo estranho que bate à porta numa noite escura de inverno.

«Estou a investigar algumas informações sobre fenómenos psíquicos e esperava que pudesse ajudar-me», respondi. Mal ele imaginava o quanto já tinha ajudado. Três perguntas – três afirmativas. Tudo isto, ainda à porta da frente, no espaço de três ou quatro minutos – e confirmei que o apelido deles era Fleming.

Teria eu encontrado mesmo a casa de James Andrew, que nos tinha falado do Mundo dos Espíritos pela primeira vez apenas quatro dias antes? Parecia certamente que sim – mas ainda havia mais por vir. Nesta altura, uma senhora também tinha aparecido à porta.

«O que se passa? O que quer ele?», perguntou ela apreensivamente. O Sr. Fleming explicou rapidamente, mas com uma voz muito mais moderada, e sem a agressão inicial. «Bem, gostaria de entrar e falar?», disse a senhora, e pareceu-me detetar um tom de expectativa na sua voz. «Muito obrigado – está mesmo frio esta noite aqui fora.»

A partir do momento em que entrámos na sala de estar, a atmosfera pareceu mudar – muito mais amigável, embora ainda um pouco apreensiva. Uma lareira aberta e alegre recebeu-nos e sentei-me numa poltrona ao lado do aparador, sobre o qual estava uma fotografia emoldurada de um rapaz bem-parecido – certamente James, pensei.

O Sr. e a Sra. Fleming sentaram-se no sofá do outro lado da lareira, virados para mim – ainda um completo estranho a fazer perguntas sobre o filho morto deles. Mas a amabilidade continuou. «Gostaria de uma chávena de chá?», perguntou a Sra. Fleming. «Muito obrigado», respondi.

Enquanto a Sra. Fleming ia à cozinha, um terrier de pelo áspero saltou para fora e sentou-se imediatamente à minha frente, com a cauda a abanar vigorosamente, as orelhas eriçadas e a ganir em vez de ladrar. «Muito invulgar», comentou o Sr. Fleming, «ele não costuma ser tão amigável com estranhos.»

Mas, como lhes expliquei, ele não estava a olhar diretamente para mim, mas sim por cima do meu ombro direito, onde sem dúvida James estava atrás de mim. Sim, este era o cão de James, Rags, e estava a dar-lhe as boas-vindas a casa! Senti-me verdadeiramente satisfeito por James estar de volta com os pais.

Missão cumprida, pensei, e partiria depois de desfrutar da minha chávena de chá. Mas não foi assim. Enquanto a Sra. Fleming me entregava a chávena de chá, disse um pouco hesitante: «Somos católicos, sabe», com todas as implicações associadas. Ofereci-me imediatamente para partir e garanti-lhes que não tinha intenção de ofender as suas crenças ou princípios religiosos.

«Oh não», disse ela, «gostaríamos de falar consigo», e o marido acenou em concordância. A partir daí, a Sra. Fleming falou a maior parte do tempo – o amor natural de uma mãe pelo seu único filho era muito evidente.

Expliquei brevemente sobre o nosso pequeno grupo e como tínhamos ouvido a voz do filho deles no sábado à noite anterior. Ouviram atentamente e com óbvio interesse. Não havia certamente qualquer indício de descrença. Senti-me certo de que aceitavam que James estava com eles.

Embora tivessem passado alguns dias desde a Noite de Reis, reparei que ainda havia algumas decorações de Natal na sala. O que era invulgar, no entanto, era o facto de estarem lá de todo. Durante a nossa conversa, a Sra. Fleming contou-me que tinha tido uma sensação estranha por volta do Natal de que devia arranjar uma árvore e decorar a sala como sempre faziam quando James era vivo. A sensação era tão forte, embora não tivesse ideia do porquê, que desempacotou todas as decorações, que tinham guardado e nunca mais usado desde que James morrera – mais de seis anos antes. Agora percebia, disse ela, por que razão a sensação era tão forte nesse ano em particular e sentia-se tão contente por o ter feito!

Agora sentia que a minha visita não só tinha sido instrumental para trazer James de volta a casa, mas igualmente importante, os pais dele estavam cientes da sua presença e aceitavam felizmente a situação. A «névoa» que James não conseguira penetrar tinha agora sido dissipada e a

família Fleming estava novamente completa. A minha visita breve antecipada transformou-se numa visita de duas horas, muito interessante e satisfatória.

Outro incidente muito interessante ocorreu durante a minha visita. Naqueles dias, as portas da frente nunca eram trancadas até os ocupantes irem para a cama, por isso não foi surpresa quando ouvimos a porta da frente abrir e uma jovem anunciou a sua chegada. Perguntei-me como iriam explicar a minha presença em circunstâncias tão invulgares, mas todo o crédito para a Sra. Fleming, católica ou não, explicou calmamente à jovem o propósito exato da minha visita, que percebi pela conversa ser também católica.

Tenho a certeza de que a Sra. Fleming nunca poderia ter pensado, quanto mais esperado, na resposta que recebeu. De forma um pouco envergonhada, a jovem contou-lhes rapidamente que agora estava tão contente por poder dizer-lhes que tinha estado a frequentar a igreja espiritualista local em Norton nos últimos seis meses – mas simplesmente não conseguira contar-lhes até aquela noite! Assim, a minha visita serviu dois propósitos muito úteis.

A alegria de James e a dos pais igualava a nossa por podermos ajudá-los a todos de uma forma tão positiva. Deixei um convite aberto para os Fleming virem como convidados às sessões, mas infelizmente, como seria de esperar, nunca mais soubemos deles.

A luz brilhante que James vira emanar do nosso Círculo naquela noite de sábado fora como um farol para ele, e veio agradecer-nos no sábado seguinte – desta vez com uma voz muito mais forte e clara!

Essa mesma luz espiritual e psíquica brilhante foi também um farol para muitos outros Espíritos frustrados, confusos ou simplesmente perdidos, que tivemos o prazer de ajudar ao longo dos anos das nossas sessões.

Tenho o prazer de dizer agora que James voltou todos os anos durante as nossas sessões de festa de Natal para nos agradecer pela nossa ajuda.

Tenho a certeza de que apreciarão que esta é uma evidência de sobrevivência do Espírito da mais alta qualidade, porque James veio até nós naquela noite como um completo estranho, e nenhum de nós sabia nada sobre ele ou a sua família. No entanto, consegui seguir as informações vagas que nos deu e provar conclusivamente que eram 100 por cento precisas.

A desculpa/motivo tão usado pelos céticos, de que os médiuns obtêm as suas informações das mentes dos participantes sem que estes se apercebam, simplesmente não se podia aplicar neste caso.

Dei a este capítulo o título do poema escrito pela minha mãe, que expressa os sentimentos de tantos como o Sr. e a Sra. Fleming. Numerosas pessoas usaram-no como leitura durante serviços fúnebres. Muitos deles não eram espiritualistas, mas apreciavam o verdadeiro significado das palavras.

O Caminho de Volta a Casa

"Você passou para além da nossa vista ao longo do caminho de casa
Que todos devemos tomar um dia
No coração e em casa deixa um vazio
que ninguém mais pode preencher
Oh dor – no entanto parece que você está perto de nós ainda.

Você está apenas um passo à frente, ao virar da curva escondida –
No caminho que nos leva de volta a casa para o nosso descanso
Embora as tristezas do luto permaneçam nos nossos dias
Feliz é a memória que deixou para trás."

M.R.L.

18

18 AS FESTAS DE NATAL

Cada ano, quando a condição de saúde da mãe permitia, realizávamos durante o período de Natal uma sessão especial de Festa de Natal para as crianças do Espírito, e gostaria de contar-vos sobre alguns dos acontecimentos emocionantes durante duas dessas sessões. A nossa primeira festa foi a 5 de janeiro de 1948, e tenho as minhas notas sobre ela à minha frente. A outra, realizada a 5 de janeiro de 1951, foi de facto muito especial, na medida em que toda a hora e meia foi gravada, num gravador de bobina a bobina, pelo nosso bom amigo Jim McKenzie. Ainda guardo a minha cópia da gravação original, mas tais fitas, infelizmente, são bastante efémeras e após 50 anos é provável que percam a clareza da fala e se desintegrem. Felizmente, a nossa ainda está em condições razoáveis, e graças a um produtor de rádio da BBC muito amigável e solidário, temos

uma cópia ainda melhor e permanente num Disco Compacto. Os nossos agradecimentos Chris.

Como uma família com cinco crianças pequenas, naturalmente tínhamos uma árvore de Natal todos os anos, que redecorávamos especialmente para estas sessões com pequenos brinquedos baratos como chocalhos, carros, aviões, bonecas, navios, fios de contas, bolas, etc., e dizíamos sempre às crianças do Espírito que podiam retirá-los da árvore, brincar com eles na sala e levar quantos quisessem – se conseguissem.

Escusado será dizer que todos os anos eles nos levavam à letra e, quando a luz se acendia no final de cada sessão, víamos que alguns dos brinquedos tinham sido retirados da árvore e não estavam na sala. A Tia Agg disse-nos que as crianças costumavam retirá-los da árvore, brincar com eles no chão e depois desmaterializá-los para os levarem para fora de casa. Nunca soubemos o destino exato de cada brinquedo, mas disseram-nos que as crianças do Espírito os levavam para áreas onde viviam crianças muito pobres e carenciadas e simplesmente os rematerializavam ao lado de tal criança, que ficava radiante por encontrar um novo brinquedo – partilhando assim alegria e felicidade em ambos os mundos!

Durante a festa de 1948 recebemos quatro tulipas e um ramo de violetas como apports. Os pais de Doris, Mam e Dad Hudson, eram os nossos convidados nessa noite e o nosso bom ajudante do Espírito, Brownie, falou através da trombeta e disse que tinha ido à casa deles e aportado um pequeno cão de pote deles, que encontraríamos mais tarde. Encontrámo-lo no final da sessão no balde que segurava a árvore, e Mam Hudson ficou encantada por levá-lo de volta para casa como memória da festa.

Sunrise disse-nos que um pequeno rapaz africano queria comunicar assobiando Swanee River através da trombeta. A melodia foi muito clara e alegre e todos nos juntámos cantando baixinho – um momento bastante comovente. Quatro outros falaram através da trombeta, incluindo Sam Hildred, um comunicador regular, e um jovem chamado Andrew, que passou para o outro lado quando tinha 12 anos, mas não se lembrava de muito mais nessa noite. Prometeu voltar, o que fez na semana seguinte e deu-nos muito mais informações, que levaram à história que escrevi no capítulo anterior.

Pouco antes de a minha mãe entrar no gabinete para a materialização, tivemos uma surpresa encantadora. Todos sentimos algo cair nos nossos joelhos, no escuro, o que criou muita excitação e riso (sempre benéfico num Círculo). Descobrimos que Sydney, Dad Hudson, Sr. Jones e o meu

pai tinham cada um recebido um charuto e o resto de nós recebeu alguns rebuçados embrulhados. Como não-fumador, fiquei satisfeito por receber os rebuçados, claro. Brownie disse-nos que tinha aportado os charutos de uma grande festa só para homens em Londres, e as crianças tinham trazido os rebuçados de outra grande festa, também em Londres.

Havia um par de pontos intrigantes e interessantes sobre estes apports em particular. Brownie disse que tinha tirado três dos charutos de uma grande caixa e comentou que nunca seriam notados como faltando, pois havia muitos mais do que os membros lá presentes, e provavelmente muitos seriam desperdiçados. O quarto, tinha-o obtido, nas suas próprias palavras, «arrancado dos dedos de um tipo mesmo quando ele estava prestes a acendê-lo e ele ainda andava à procura dele, culpando um dos companheiros». Quando a luz se acendeu, descobrimos que três charutos estavam embrulhados, mas o quarto tinha a ponta cortada – pronto a acender – confirmando as palavras de Brownie. Conseguimos imaginar a confusão na festa e rimo-nos bastante com isso – diversão típica de um vendedor de rua.

No entanto, havia algo de maior interesse sobre os rebuçados. Sydney e Gladys vendiam confeitaria na loja, mas ficaram completamente intrigados com a marca indicada nos embrulhos. Não registei, mas acho que era Vanity Fair, mas era claramente uma marca completamente desconhecida em Middlesbrough. Devo mencionar aqui que as vendas de confeitaria em 1948 ainda eram regionalizadas e estritamente racionadas.

Sydney estava muito interessado em saber mais, por isso mostrou alguns deles ao representante de vendas de confeitaria deles, sem revelar a origem. O representante desconhecia completamente o nome e possivelmente pensou que tinham sido trazidos por visitantes de outra área no Reino Unido. Prometeu fazer mais averiguações, que eventualmente revelaram que esta marca particular de doces era limitada à venda na área de Londres. Isto foi uma confirmação adicional das palavras de Brownie e, como sabemos, a distância não cria problemas para os apports do Espírito.

As minhas notas mostram que tivemos sete materializações durante esta sessão de festa. Primeiro, a Avó Lumsden, que veio dar saudações à filha e ao genro, Mam e Dad Hudson. A Avó foi seguida por May – uma das filhas de Dad Hudson do seu primeiro casamento com Hannah, depois a própria Hannah seguiu-se imediatamente e ficou bastante tempo a conversar. Agradeceu carinhosamente a Mam Hudson por cuidar da família de cinco filhos que Mam herdara, como uma jovem noiva de 23 anos, quando casou com Dad Hudson.

Foi um encontro familiar muito emocional e único, ligando os dois mundos, e Hannah descansou o rosto no ombro de Dad antes de o beijar ao partir. Ainda consigo sentir essa emoção mais de 50 anos depois.

Charles Roeder, antigo Presidente da Igreja de Middlesbrough, materializou-se em seguida (um termo que usamos para «materializado»), completo com barba, e trouxe consigo um apport muito especial, que me entregou pessoalmente. Era o seu próprio crachá do Lyceum para a lapela, com uma fotografia incrustada de Andrew Jackson Davis, um dos primeiros pioneiros americanos do Espiritualismo, que ele usava sempre no casaco. Onde o encontrou, nunca soubemos, mas durante todos os anos do nosso círculo, esteve sempre preso à frente da cortina do gabinete e é agora outro item precioso na minha memorabilia (ver fotografia dos apports).

Dois outros velhos amigos Lyceumistas materializaram-se e conversaram: Ernie Buckingham e Ronnie Lofthouse, e finalmente a Tia Agg veio para a sua conversa semanal habitual, claro. Durante a sessão, Douglas Hildred esteve a exibir as suas luzes do Espírito à volta da árvore e quase conseguiu uma junto à fada no topo da árvore. Uma noite maravilhosa que durou mais de duas horas e entusiasmou toda a gente. Quando acendemos a luz, descobrimos que as crianças tinham levado três brinquedos – um carro de plástico, um cão de celuloide e um avião de lata, para passar a algumas crianças carenciadas. Como gesto de amizade, o Sr. Jones pediu que o seu charuto fosse enviado a Jim McKenzie, que tinha tirado o nosso primeiro grupo de fotografias de materializações apenas alguns meses antes e, sem que soubéssemos na altura, claro, gravaria a nossa festa de Natal seis anos depois, a 5 de janeiro de 1954.

Naqueles dias, os gravadores eram grandes aparelhos de bobina a bobina, volumosos e caros, peças de equipamento áudio altamente técnico – muito além das nossas possibilidades, por isso ficámos entusiasmados por aceitar a oferta generosa de Jim de gravar um círculo especial. Os dias dos gravadores de cassete estavam muitos anos distantes. Naturalmente, convidámos a mulher dele e o filho mais novo, Donald, então nos finais da adolescência, juntamente com a grande amiga deles, a Sra. Harrison, sem parentesco connosco, mas uma Espiritualista de longa data, por quem Jim se responsabilizava. Infelizmente, nessa altura, o Sr. Brittain Jones e Dad Hudson já tinham ambos falecido, em 1955, caso contrário teríamos todos os nossos regulares mais Mam Hudson – um grupo muito animado de 11 participantes.

Jim, com a ajuda do filho de 19 anos, Don, instalou o equipamento no canto da nossa sala do meio em Oxford Road, com um ecrã à volta para limitar os efeitos adversos da luz dos mostradores. Um cabo de microfone

foi colocado através da sala até à minha cadeira, para que eu pudesse dar um comentário contínuo sobre os procedimentos de hora e meia, cuja gravação é a fonte deste relatório.

A nossa árvore tinha sido decorada e estava no canto à esquerda da lareira. Sentei-me ao lado da minha mãe, ambos perto da árvore. Os outros sentaram-se no semicírculo habitual à volta da lareira, com Don a ocupar a minha posição habitual na outra extremidade do semicírculo, à direita da lareira. Após a nossa oração e canto harmonioso, tanto Doris como a Sra. Harrison tendo vozes encantadoras, os fenómenos da trombeta começaram. Sunrise deu as suas boas-vindas habituais e disse-nos que os nossos amigos do Espírito estavam plenamente cientes do que estava a acontecer esta noite. Tínhamos, claro, recebido a permissão deles uma ou duas semanas antes. Durante esta parte inicial dos fenómenos, todos sentimos algo como confetti a cair sobre nós, que se revelou serem pequenas violetas aportadas – uma receção encantadora.

Para acompanhar o nosso canto, os nossos amigos do Espírito pegaram num pequeno sino de estilo indiano tipo templo, que estava na prateleira da lareira, e tocaram-no vigorosamente em todas as áreas da sala. Tive alguma dificuldade em seguir o som com o microfone, mas consegui gravar algum do toque. Após alguns minutos, ouvi o sino cair no tapete e comentei que aparentemente tinham terminado com ele.

Para minha grande surpresa, cerca de 30 segundos depois, o toque começou novamente por um minuto ou assim, e pensei que tinham pegado no mesmo sino. Mas não – e foi Ivy Hudson, a nossa primeira comunicadora pela trombeta, que nos disse que nos tinham trazido outro sino. Disse que poderia contar-nos quem o trouxera, mas que descobriríamos mais tarde.

Quando acendemos a luz no final da sessão, com efeito, lá no tapete estavam dois sinos, ambos do mesmo estilo, mas o aportado (à direita na imagem no final deste capítulo) era ligeiramente maior do que o nosso – e essa não é a única diferença. O nosso sino original, que provavelmente foi comprado na Woolworth's no final dos anos 1940, escureceu bastante, como seria de esperar. O sino aportado, no entanto, mesmo 50 anos depois, permaneceu quase tão brilhante como no dia em que foi feito! Talvez a desmaterialização tenha afetado beneficamente a estrutura molecular para reter a cor? Não é realmente importante, mas é uma observação interessante. O tom também é diferente e isso pode ser ouvido na gravação.

Como disse, Ivy Hudson foi a primeira a falar através da trombeta, seguida por um William Harrison, um tio do marido da Sra. Harrison.

Margaret McKenzie, avó de Jim McKenzie, veio a seguir e falou bastante bem. A mãe da Sra. McKenzie também veio, seguida por Sam e a filha dele, Mona. Sam estava particularmente satisfeito porque não tínhamos tido vozes através da trombeta há alguns meses, tendo apenas fenómenos de materialização, o que não era do agrado de Sam, e embora ele se materializasse ocasionalmente, preferia apenas falar.

James Andrew Fleming também fez a sua visita anual de Natal para repetir os seus agradecimentos pela forma como o tínhamos ajudado. Confirmou que agora conseguia entrar na casa da família e acreditava que a mãe dele sabia que ele estava lá – felicidade e alegria para mãe e filho.

Sunrise disse-nos então para nos prepararmos para a materialização, por isso acendemos a luz vermelha e Mam foi movida para trás, para o canto atrás da cortina do gabinete. Permaneci onde estava, ao lado da árvore, bastante perto da cortina – tão perto, na verdade, que ocasionalmente conseguia ouvir as formas materializadas a moverem-se atrás dela antes de saírem para a sala. Cantámos durante alguns minutos antes de Sunrise nos falar de trás da cortina, usando uma caixa de voz ectoplásmica – não a trombeta. Numa sessão anterior, ele tinha-nos mostrado a caixa de voz ectoplásmica que estava a usar. Assemelhava-se de perto a uma pequena rosa com as pétalas a moverem-se enquanto falava – muito interessante.

A sua primeira mensagem foi no sentido de que «a senhora pode ir às crianças». Ficámos um pouco intrigados e perguntei-lhe o que queria dizer. Ele simplesmente repetiu a mensagem, por isso assumimos que tinha algo a ver com a nossa família que estava na cama. Obtivemos a sua permissão para abrir a porta da sala para ouvir qualquer perturbação e imediatamente ouvimos Wendy a chorar – o que não era invulgar para a nossa filha de 15 meses. Doris pediu permissão para ir ver dela e foi-lhe dito que podia regressar quando Wendy tivesse sido acalmada. Infelizmente, demorou demasiado tempo e Doris teve de perder o resto da sessão.

Após seis anos, tínhamo-nos habituado a ter a Avó Lumsden como a nossa primeira materialização nas sessões semanais, e ela não nos desiludiu esta noite. Puxou a cortina do gabinete para trás com a mão e deu rapidamente alguns passos para ficar no centro da sala, imediatamente à frente da luz vermelha, que estava pendurada num gancho no teto. Inclinei-me para a frente para segurar o microfone o mais perto possível do rosto dela para gravar a voz exatamente da mesma forma que um entrevistador de rádio. Ela era o seu eu habitual alegre e risonho, com as suas palavras de abertura surpreendentes: «Olá a todos – como estão?

Eu disse-lhes que a criança estava a chorar – sim, eu disse-lhes, e não teriam querido que ela chorasse durante tudo isto, pois não?» Ela referia-se obviamente aos comentários de Sunrise sobre Wendy e agradecemos-lhe por nos ter avisado. «Bem, sabem que nós cuidamos dela, não sabem?» É extremamente difícil dar uma transcrição verdadeira de uma voz gravada com o sotaque local e o ritmo, mas mesmo que não tivéssemos visto a Avó ali na luz vermelha, certamente tê-la-íamos reconhecido pelo seu sotaque cortado habitual de Middlesbrough na voz típica aguda.

Continuou a conversar com a filha, Mam Hudson, dizendo-lhe que «o Charlie está aqui, sabes» – significando que Dad Hudson também se juntara à festa. Como já disse nos meus relatórios das sessões semanais, alguns de nós íamos sempre dar as boas-vindas aos nossos visitantes do Espírito, mas tínhamos concordado que, por causa do cabo do microfone no chão, ficaríamos nos nossos lugares esta noite, o que a Avó comentou: «Parece que ninguém vem cá esta noite», mas acrescentou que todos sabiam porquê e tinham sido informados sobre a gravação! Concordámos, portanto, em deixar a nossa visitante, a Sra. Harrison, ir ao encontro da Avó, que estava ansiosa por garantir que o seu rosto era visto claramente na luz vermelha enquanto apertava a mão à Sra. H. – uma ocasião bastante memorável para ela.

A Avó ficou a conversar mais alguns minutos e despediu-se com o seu habitual «Vejo-vos de novo, tchau então, tchau» e voltou para o gabinete ao meu lado. Enquanto leio isto, percebo que a palavra impressa a frio não dá ideia alguma do sentimento maravilhoso, caseiro e amoroso trazido por todos os nossos amigos do Espírito e lamento não poder fazer nada para melhorar tal situação frustrante.

A Avó foi seguida por uma materialização completa de Douglas Hildred, o jovem que proporcionava todas as nossas luzes do Espírito – especialmente esta noite com numerosas luzes brilhantes e cintilantes na árvore de Natal ao meu lado, fora do gabinete. Compreendemos que ele tentara obter luzes coloridas nessa noite, mas infelizmente não conseguira. Posso dizer-vos, no entanto, que ele conseguiu algumas luzes coloridas em sessões posteriores. Após alguns minutos, descobriu que não conseguia suportar mais a luz, mas continuou a falar-nos de trás da cortina, dando-nos esta mensagem: «Gostaria de dizer às pessoas do vosso mundo. Mãe, nós do Mundo do Espírito enviamos as nossas saudações a toda a humanidade na vossa terra. Quase 2000 anos atrás nasceu um bebé. Se as pessoas desta terra seguissem o Princípio de Cristo, haveria muito mais felicidade. Nós do Mundo do Espírito trazemos-vos todo o nosso amor e desejamos-vos a

todos boa viagem. Boa noite. Mãe, boa noite Gladys, que Deus vos abençoe.»

Foi seguido por Bruce McKenzie, um dos filhos de Jim, que passara para o outro lado ainda bebé devido a um acidente na hora do banho. Agora, como um jovem no Mundo do Espírito, queria assegurar ao pai que não fora culpa dele. A avó de Bruce, Margaret McKenzie, também se materializou por um momento ou dois e falou com a filha, a Sra. McKenzie.

A nossa materialização final foi, como sempre, a Tia Agg, com a sua presença composta e serena, falando-nos na sua voz clara, refinada mas caseira. Após passar mensagens de muitos amigos do Espírito presentes, assegurou-nos que...

Vocês deram-nos muito prazer a nós no Mundo do Espírito. Gostamos mesmo de vir e falar convosco e passar as nossas mensagens do nosso lado da vida – e espero que aqueles que possam estar a ouvir isto em qualquer momento possam ser ajudados e guiados pelos seus amigos do Espírito, tal como vós neste pequeno Círculo sois ajudados e guiados pelos vossos. Dos vossos entes queridos que partiram apenas um passo mais à frente, dizem que estarão sempre perto de vós, vigiando-vos e ajudando-vos neste vosso trabalho pela verdade do Espiritualismo. Ide para o mundo e dai a vossa mensagem – uma mensagem de Vida após a Morte. Boa noite e que Deus vos abençoe a todos – Boa noite.

Infelizmente, não sois capazes de ouvir a sua voz culta como ela esperava, mas sinto que as palavras faladas e fielmente registadas serão de grande ajuda para vós, tal como foram para nós nessa noite. Como tereis percebido, eles anseiam por poder vir e falar connosco – não os «trazemos de volta», como os críticos do Espiritualismo querem fazer crer.

Após a Tia Agg ter regressado, Sunrise falou-nos e deixou uma mensagem gravada especial para a sua «Meedy», como chamava à minha mãe, expressando o seu prazer em trabalhar com ela e em mantê-la em boa condição física para continuar com o seu trabalho. Após Sunrise deixar de nos falar, levantei a cortina do gabinete e a minha mãe saiu em breve do seu transe profundo. Depois, todos gravámos as nossas mensagens de despedida de «Boa noite», incluindo a minha mãe, quando subitamente e de forma bastante inesperada, ela entrou novamente em transe. Em menos de um minuto, Brownie estava a falar-nos – rápida e claramente, dizendo: «Fui eu que vos trouxe o sino!» Disse que tinha tentado «entrar mais cedo, mas não conseguiu, por isso aproveitou a oportunidade no final sem

qualquer desconforto para a minha mãe. Uma sessão verdadeiramente maravilhosa para o benefício de ambos os mundos.

Sinos de templo indianos. O da esquerda estava na sala o tempo todo e tinha sido danificado pelas nossas crianças a brincar com ele. O maior, à direita, foi o que foi trazido como apport durante a Festa.

19

ANIVERSÁRIOS JUBILOSOS

Recentemente, estava a folhear o esplêndido livro de Neville Randall, Life after Death, no qual ele relata algumas das histórias contadas por pessoas no Mundo do Espírito através da mediunidade de voz direta de Leslie Flint. Fiquei interessado em ler que algumas delas tinham perdido o contacto com aniversários e datas terrestres, e só se lembravam deles ao receberem os pensamentos dos seus entes queridos ainda na terra. Isto aplica-se sem dúvida àqueles que progrediram para planos superiores, mas pelas experiências no nosso Círculo Doméstico, aqueles que ainda têm laços próximos com a Terra continuam a gostar de partilhar tais celebrações queridas. Este capítulo trata de dois desses casos – o primeiro envolvendo a minha mãe enquanto ainda estava na Terra, e o outro a Tia Agg no Mundo do Espírito.

O apport mais invulgar e certamente o maior recebido através da mediunidade da minha mãe ocorreu durante uma sessão de Círculo Doméstico, mas na casa da minha mãe, no seu 55.º aniversário, a 17 de março de 1948.

Esta foi a época em que Mam e Dad tinham a loja de peixe e batatas fritas e viviam atrás da loja. A pequena cozinha tinha uma despensa do tipo walk-in sem janela, com uma rede de zinco para ventilação, o que era normal naqueles dias. Foi nesta despensa semiescura que ocorreu o apport excecional. Doris e eu, com os nossos cinco filhos, vivíamos a cerca de 10 minutos de carro da loja. Tendo já ido lá de manhã para preparar o peixe e desejar à Mãe um Feliz Aniversário, fiquei bastante surpreendido ao receber um telefonema dela por volta das quatro da tarde.

Poderia ir lá imediatamente, pois havia algo invulgar que ela queria que eu visse? Nada mais foi dito e assumi que tinha a ver com a loja, por isso fui logo. Encontrei Mam e Dad a tomar uma chávena de chá na cozinha. Mam tinha geralmente um sorriso acolhedor no rosto, mas nesta ocasião parecia um pouco mais amplo. Percebeu que eu estaria ansioso por

ver por que razão tinha telefonado, por isso saudou-me com... «Abre a porta da despensa, filho, mas tem muito cuidado.»

Naturalmente, isto deixou-me bastante curioso e não pouco apreensivo, mas fiz exatamente como pedido. Abri-a muito devagar, mas devido à falta de luz, nos primeiros momentos não consegui ver nada invulgar. Depois, ao abri-la mais para poder entrar, parei abruptamente!

Ali aos meus pés, no chão da despensa, estava uma massa de flores de lilás – enchendo toda a área do chão e até à altura da primeira prateleira – cerca de um metro acima do solo.

Virei-me para olhar para Mam que, com um sorriso ainda maior, disse: «Pensei que ficarias surpreendido» – um eufemismo, se é que houve algum. Mas a explicação foi ainda mais surpreendente. Mam tinha feito o costumeiro bule de chá à tarde, tirado o jarro de leite da despensa, fechado a porta e sentado-se na cadeira adjacente à porta, que então não podia ser aberta. Rapidamente percebeu que se tinha esquecido do açúcar, levantou-se, moveu a cadeira e abriu novamente a porta para se deparar com esta visão incrível no chão da despensa. Alguns segundos antes, quando pegara no leite, o chão estava absolutamente limpo. Agora estava repleto de flores de lilás. Naturalmente, ambos ficaram estupefactos e o primeiro pensamento de Mam foi ligar-me. Eu estava tão espantado como eles. Mas de onde viera aquilo?

Instintivamente, soube que não era uma brincadeira. Mam e Dad não faziam tais coisas e, de qualquer forma, onde poderiam eles, ou qualquer outra pessoa, ter recolhido tal quantidade de flores de lilás em meados de março? Não tinham carro e, quando as removi, a quantidade quase encheu o banco traseiro do nosso carro Austin de tamanho médio. Depois, entreguei-as em ramos a muitos dos nossos amigos encantados, onde duraram duas ou três semanas.

Como tínhamos tido alguns casos de apports individuais de flores a ocorrerem fora da sala do Círculo enquanto estávamos em sessão, perguntámo-nos se o lilás poderia ser um apport verdadeiramente excecional enquanto não estávamos em sessão. Intrigou-nos a todos, mas não parecia haver outra explicação e dissemos que perguntaríamos aos nossos amigos do Espírito durante a nossa sessão três dias depois, no sábado.

Tínhamos naturalmente contado a Sydney e Gladys quando entreguei o lilás, e eles estavam tão ansiosos como nós para fazer a pergunta. A Tia Agg materializou-se, como habitual, mas antes de podermos dizer algo,

antecipou-se à nossa pergunta ao pedir-nos para «Dizer à nossa Min (como sempre chamava à minha mãe) que ficámos encantados por poder trazer-lhe um presente de aniversário tão especial dos seus muitos amigos do Espírito que estão tão próximos dela.» Mam, claro, ficou igualmente encantada quando lhe contámos no final da sessão.

A Tia Agg explicou que a escuridão da despensa e a proximidade da minha mãe tinham proporcionado condições ideais para tal apport invulgar. Foi apenas mais um exemplo da sua mediunidade notável – mas por acaso, desta vez, ela fora a primeira a testemunhá-lo. Na nossa excitação, nunca pensámos em perguntar de onde viera, por isso ainda não sabemos – mas o lilás certamente não floresce no Nordeste de Inglaterra a 17 de março.

O segundo evento de celebração de aniversário foi para a própria Tia Agg no sábado, 14 de junho de 1947, que teria sido o seu 62.º aniversário (ela passou para o outro lado em novembro de 1942). Neste dia, o seu filho mais novo, Terry, casou-se com Ruby Hudson, uma das irmãs de Doris, na Igreja Espiritualista de Middlesbrough. Jim McKenzie, conhecido por todos como Mac, um amigo de longa data de ambas as famílias, conduziu a cerimónia. O organista foi outro bom amigo, o Sr. Todd, por isso era apropriado que os McKenzie e os Todd tivessem sido convidados como hóspedes para a nossa sessão de Círculo Doméstico nessa noite em particular. Os fenómenos para ambos os casais revelaram-se muito emocionantes e probatórios.

Tiveram amigos e parentes do Espírito a falar através da Trombeta, seguidos por outros membros da família a materializarem-se – todos os quais foram reconhecidos e trouxeram mensagens de grande conforto. Finalmente, a Tia Agg materializou-se, como sempre, para encerrar a sessão da noite com a sua presença alegre e amigável. Ao sair do gabinete, todos pudemos ver na luz vermelha bastante brilhante que ela segurava cinco cravos, que distribuiu alegremente com as suas palavras bem escolhidas e adequadas.

Um para Mac – «por conduzir a cerimónia hoje, que significou tanto.»

Um para a Sra. Mac – «uma velha amiga querida.»

Um para a minha mulher Doris, para passar à sua irmã Ruby, a noiva de hoje, com todo o meu amor e os melhores votos.

Um para o Sr. Todd – por tocar o órgão tão bem.

Um para a Sra. Todd – a quem disse: «Acho que a conheci como Effie, não foi, lá em St Paul's Road» – com o que a Sra. Todd concordou imediatamente. Ela disse-nos após a sessão que isso fora há mais de 15 anos, quando a Tia Agg vivia em St Paul's Road em Middlesbrough, e ainda mais significativo – só a Sra. Todd sabia disso, nem mesmo o marido.

A Tia Agg expressou então o prazer de uma mãe pelo seu filho mais novo casar com uma rapariga tão adorável que cuidaria dele e que ele se juntara a uma família tão boa e unida. Mesmo antes de partir, desejei-lhe muitos anos felizes e ela respondeu que era o aniversário mais feliz que alguma vez tivera. Uma noite maravilhosa, tão apreciada pelos nossos hóspedes, por isso não se esqueçam de enviar os vossos pensamentos aos vossos entes queridos nos seus dias especiais, que ainda podem significar tanto para tantos deles.

20

CARTAS DE CONVIDADOS DAS SESSÕES

De Dorothy Mattock em Middlesbrough, datada de 16 de outubro de 1947, que foi convidada na Sessão 84, a 11 de outubro de 1947.

«Posso expressar os meus agradecimentos pela noite maravilhosa que passei convosco no sábado passado. Tenho pensado em tudo o que aconteceu todos os dias desde então, e percebo que fui muito afortunada por ter tal experiência. As minhas crenças foram confirmadas de uma forma muito natural e feliz, para além de que realmente desfrutei da vossa companhia agradável.»

De John Mattock, pai de Dorothy, que se sentou com ela. «Por favor, exprima aos membros do vosso Círculo os sinceros agradecimentos da minha filha e meus pela maravilhosa manifestação que fomos honrados em testemunhar na nossa visita ao vosso Círculo Doméstico. As minhas palavras não podem expressar a alegria e o prazer que recebi ao obter prova positiva da vida futura de uma forma tão convincente. Espero sinceramente que o sucesso do vosso Círculo continue e que recebais muitos mais visitantes e que cada um receba uma prova tão definitiva como a que nós verdadeiramente recebemos.»

Da Sra. Lab Dresdale, uma médium em Middlesbrough que realizava o seu próprio Círculo Doméstico, carta datada de 5.11.53.

«Gostaria de expressar a minha profunda apreciação por permitirem que a Sra. Johnson e eu participássemos no vosso Círculo. Foi um grande prazer apertar a mão e falar com o meu 'presidente' do Círculo, que faz um trabalho grandioso em ambos os lados do véu. A Sra. Johnson ficou radiante por ver o marido e por receber o seu poema e flor.»

De Mary Hastie, maio de 1996 Já recounti em Living Proof partes da carta seguinte da Sra. Mary Hastie de Darlington, que estava na audiência para a minha palestra na Igreja de Billingham, em maio de 1996, e recordava vividamente o que a mãe dela, Emily Nicholson, lhe contara das suas experiências como convidada no nosso Círculo em 1948, mas a carta de Mary continua a dizer –

«Foi um prazer tão grande conhecê-lo em Billingham e aprender mais sobre o Círculo de que a minha Mãe falara tanto. Ela está no Espírito há nove anos agora, por isso só posso dar-lhe os factos como me lembro deles. Ela disse-me que era um grande privilégio ser convidada para participar no Círculo da sua mãe e todos os que tiveram esse privilégio estavam muito conscientes disso.

«Por volta da mesma altura, o Presidente da nossa igreja, Frank Myers, foi convidado e ficou estupefacto com as materializações. Teve um apport de uma tulipa cor-de-rosa que pediu à Mãe para guardar por ele, pois não sabia como explicá-lo à mulher. Frank passou para o Espírito em 1955. Temos uma foto da forma materializada da sua Tia Agg há muito tempo, que foi dada à minha mãe e ela prezava-a. Obrigada novamente por uma noite muito interessante e agradável.»

Os meus registos confirmam que Frank Myers foi convidado a 15 de fevereiro de 1948, Sessão 95, juntamente com Edward Nellist, Presidente da Igreja de Middlesbrough.

Bill Leune de Middlesbrough, um primo de Gladys Shipman, foi convidado para duas sessões sucessivas, 55 e 56, a 17 e 28 de maio de 1947, juntamente com a mãe dele, Maud, e a irmã Mildred. Ele escrevera-me em dezembro de 1989, após ler um artigo sobre o nosso Círculo no jornal local Evening Gazette, pedindo outra cópia do meu primeiro livro para um amigo. Quando enviei o livro, pedi-lhe que me enviasse amavelmente uma declaração escrita contando o que se lembrava das suas sessões mais de 40 anos antes. Aqui estão os extratos significativos:

«A razão pela qual participámos foi porque numa reunião anterior houvera um pedido de um dos Espíritos para a minha mãe participar... o que antes fora um megafone estacionário (a trombeta) começou

subitamente a rodopiar e foi o meio de comunicação áudio antes da materialização subsequente.

Lembro-me vividamente de dois eventos. Primeiro, a aparição da Tia Fanny, que era a mulher do Tio Frank, o irmão mais velho do Tio Sam (Sam Hildred). O filho deles, Billie Hildred, estava a servir na Marinha Real e corriam rumores de que estava envolvido em várias escapadelas. Quando mencionei isso à Tia Fanny, ela respondeu claramente: 'Estou a vigiá-lo.' Segundo, foi a experiência realizada pelo Dr. Brittain Jones. Foi pedido e concedido permissão para cortar um pedaço do ectoplasma para exame posterior. Lembro-me do som como uma inspiração brusca enquanto o doutor fazia o corte, como qualquer pessoa faria se subitamente picada por um instrumento afiado.

Testemunhar a aparição em forma humana de almas que haviam partido desta vida mundana era quase inacreditável, se não se estivesse presente. Foi uma experiência sensacional, no entanto, toda a atmosfera era de uma reunião familiar cordial. Não havia sensação de presságio, apenas trocas amigáveis. Demonstrou-me que há a continuação de outra forma de vida após a existência mortal. Mostrou como, dadas as condições certas, é possível estabelecer contacto e comunicar com o Mundo do Espírito e não há nada a temer dessa experiência. Para mim, isto foi verdadeiramente maravilhoso.»

Após uma das minhas palestras em Middlesbrough em abril de 1993, Gwen Schlegel e a irmã dela, Cora Walker, foram entrevistadas e filmadas para inclusão no vídeo feito sobre o nosso Círculo Doméstico. Pedi-lhes que me enviassem um registo escrito das suas memórias da sessão como convidadas em 1951, quando participaram com a mãe delas, a Sra. Pearson, e o marido de Cora, Arnold. Aqui está o que Gwen escreveu –

«A sessão de materialização foi uma experiência que nunca esqueceremos e sentimos-nos muito privilegiados por nos ter sido dada a oportunidade de participar. Um jovem do Espírito veio e demonstrou luzes maravilhosas. A avó de Doris materializou-se, uma senhora muito alegre que pôs toda a gente à vontade e na verdade apertou a mão a cada um de nós – absolutamente maravilhoso. A irmã de Mam, Jane, materializou-se, mas como era a primeira vez, achou difícil ficar ereta. Disse a Cora: 'Amo-te', que era o seu termo habitual de carinho quando estava com ela, mas só conseguia mexer os lábios quando estava no corpo. Ficou muito excitada ao descobrir que conseguia falar e chamou a irmã pelo nome – Phoebe. Não pôde ficar muito tempo, mas esta experiência foi absolutamente maravilhosa. Também tivemos uma visita de uma amiga mútua chamada Nora, que morrera enquanto estava grávida. Apertou-nos as mãos e disse-

nos que estava muito feliz e tinha o bebé consigo, uma menina. Foi maravilhoso conseguir sentir as suas mãos esguias e juvenis. A avó de Arnold também veio e deu-lhe algumas violetas.

Estas experiências foram inesquecíveis e fizeram uma diferença tremenda nas nossas vidas, pois temos a certeza do conhecimento de que há de facto vida após esta vida. Simplesmente não sei como as pessoas sobrevivem à perda de entes queridos sem o conhecimento que temos a sorte de partilhar.»

Os meus comentários adicionais. O jovem que proporcionava as luzes era, claro, Douglas Hildred, o nosso visitante regular do Espírito. Como já foi dito, Jane fora surda-muda quando na terra, daí a sua excitação ao descobrir que conseguia falar quando no corpo materializado. Eu também me lembro claramente da forma especial como pronunciou o nome da irmã – acentuando ambas as sílabas: Pheeeeebeeeeee.

Durante uma das suas visitas ocasionais à minha casa no final de 1988, quando eu estava a escrever o meu primeiro livro, conversei sobre isso com Tony Carr, um dos meus cunhados. O meu bloco de notas mostrava que ele fora convidado na sessão n.º 97, a 28 de fevereiro de 1948, quando era um jovem de dezoito anos bastante cético. Passou a vida profissional nos campos científicos e técnicos aliados à indústria automóvel. Criou a sua própria empresa de fabrico bem-sucedida e é meticuloso na atenção aos detalhes.

Ele contou algumas das suas memórias ainda vívidas e mais tarde escreveu-me uma carta, da qual gostaria agora de citar:

«Achei a nossa conversa muito interessante, mas também chocante que tenha sido há cerca de 40 anos! Algumas das coisas eu esquecera, mas havia dois fatores importantes que acredito valerem a pena registar.

Primeiro – antes de começar, Syd aconselhou-me a verificar toda a sala para garantir que o único meio de acesso era a porta; que a janela estava fechada e tapada e não podia ser aberta do exterior; e para me certificar de que não havia alçapões no chão ou no teto! Ainda me lembro dele a dizer: ‘As pessoas dir-te-ão que havia formas de entrada na sala. Oh, dirão, sim! Devo admitir que relutei em fazê-lo, mas fi-lo para satisfazer Syd, e escusado será dizer que, uma vez a porta fechada, não havia meio de entrada.

Segundo, a forma materializada do meu parente tinha uma barba bastante forte e ele insistiu que eu a puxasse com força para provar que não

era falsa. Fi-lo e não havia forma de a desprender do rosto dele! Não me ocorreu na altura que as minhas ações poderiam ter-lhe causado alguma dor – o vigor do meu puxão certamente faria com que você ou eu gritássemos. Mas não houve reação dele.

Mas para mim, a parte mais significativa da noite foi o movimento da Trombeta antes do início das vozes do Espírito. Os membros do Círculo sentavam-se à volta da Trombeta e relativamente perto dela. Numa sala tão pequena, era impossível alguém mover-se sem que alguns dos restantes membros se apercebessem de tal movimento.

Lembro-me vividamente da Trombeta a erguer-se lentamente do chão (a tinta fluorescente nela dava um leve brilho no escuro e, portanto, 'posicionava-a' para nós) e a começar a mover-se à volta do Círculo. Movia-se para cima e para baixo à frente de cada um de nós, indo cada vez mais rápido, mas sem nunca tocar no chão ou nos nossos pés. Depois subia até ao teto, sem nunca tocá-lo. Não havia forma possível de qualquer participante mover aquele objeto físico tão rapidamente e de forma tão diversificada, no escuro.

Como sabe, Tom, passei a minha vida profissional nos campos científicos e técnicos e este evento permanece como a experiência excecional para a qual não consigo encontrar, ou mesmo imaginar, uma explicação em termos físicos.»

Obrigado a todos por partilharem estas memórias connosco.

21

A VIDA CONTINUA

Em 1958, a minha mãe perdeu tristemente a batalha contra o cancro, pondo assim fim àqueles anos maravilhosos do SNC.

Nesse mesmo ano, após alguns anos como vendedor na Northern Gas Board, fui nomeado representante técnico da área para uma empresa de engenharia sediada em Slough, a Ronald Trist Ltd. Em 1959, promoveram-me a Gestor Nacional de Serviço, o que significou uma mudança para a área de Slough, e encontrámos uma casa na encantadora aldeia de Eton Wick, mesmo do outro lado do Tamisa de Windsor. Tal mudança importante não foi uma decisão fácil de tomar com seis filhos, mas parecia ser vantajosa para a família como um todo e assim se provou, com Colin e

Mavis a conhecerem os seus futuros cônjuges. Infelizmente, após quatro anos, movimentações de pessoal dentro da Empresa deixaram-me bastante inquieto e, após discussões amigáveis com o meu Diretor de Vendas, decidimos seguir em frente novamente.

Desta vez, Doris e eu decidimos arriscar por conta própria e comprámos uma grande propriedade na frente de mar em Perranporth, Cornwall, onde um ex-colega do Exército gerenciava a loja local de ferragens. Passámos os meses de inverno de 63/64 a alterar completamente a construção interior para transformá-la num restaurante de 40 lugares. Chamando-lhe The Cornish Venture, abrimos em abril de 1965. Durante o período de inverno seguinte, frequentei o Redruth College para um curso de catering e fiquei encantado por obter um Diploma com Distinção como o melhor aluno no Reino Unido.

Um dos pontos altos do nosso tempo no restaurante, que foi bastante bem-sucedido, foi o dia em julho de 1966 quando, como resultado indireto de ter ganho um concurso de jornal em Middlesbrough treze anos antes, Mollie e Jack Warner (Dixon of Dock Green) nos visitaram e desfrutaram de uma refeição connosco. Entre servir clientes nessa noite, tivemos uma longa discussão sobre assuntos psíquicos. Jack era um amigo próximo de Michael Bentine e ambos os homens estavam extremamente interessados. Aparentemente, Mollie era uma médium muito boa e Jack disse-nos que não aceitava nenhum papel em filme ou TV sem primeiro consultar o 'homenzinho' de Mollie – obviamente o seu ajudante do Espírito próximo. Foi um prazer real conhecer um casal tão genuíno e amigável e recebemos cartões de Natal deles todos os anos até ele partir. Tipicamente, ele fez o dia de uma senhora idosa ao assinar o cartão do menu dela e dar-lhe um beijo, quando ela estava a sair do restaurante, ao aproximar-se dele calmamente e dizer hesitante: «É Dixon, não é? Vejo todos os seus programas», depois virou-se para a filha ao saírem pela porta e disse triunfante: «Eu disse-te que era.»

Provavelmente teríamos mantido o restaurante por muitos anos, exceto pelo facto de a minha atenção ter sido atraída por um anúncio no jornal Psychic News que procurava um Gestor para o Arthur Findlay College for Psychic Science em Stansted Hall, que em breve seria aberto. Arthur Findlay legara o Hall ao SNU no seu testamento. Um Colégio para o estudo da Ciência Psíquica – que ideia esplêndida! Algo de que precisávamos há muitos anos. Após uma longa entrevista, ofereceram-me o cargo e, no final da temporada de verão em Perranporth, em outubro de 1966, vendemos o negócio a dois amigos e mudámo-nos, com três dos nossos filhos, para Stansted Hall, para eu assumir a posição de Gestor

fundador do Colégio. Senti que tal posição chave, num Colégio que ajudava centenas de pessoas a desenvolver a sua consciência Espiritual, nos daria uma tremenda satisfação profissional por muitos anos.

Seguiram-se dois anos muito árduos, muitas vezes frustrantes, a preparar o terreno para um Colégio bem-sucedido. Conhecemos dezenas de pessoas amigáveis, incluindo muitas personalidades bem conhecidas, como Bertha Harris, Ena Twigg, Harry Edwards e muitos outros excelentes oradores e médiuns. Infelizmente, como tantas vezes acontece entre administradores voluntários, uma intriga política muito desagradável causou grandes problemas de gestão e, pelo bem da felicidade da nossa família, eu estava pronto para partir após o primeiro ano. No entanto, a pedido do Guia principal de Bertha, que a controlava em transe, pediram-me para dar mais um ano para ver se os nossos ajudantes do Espírito conseguiam resolver as coisas.

Na altura da visita anual seguinte dela, no entanto, as coisas não tinham melhorado e o controlo do Espírito dela agradeceu-me por cumprir a minha parte do acordo, mas disse-me que agora estava livre para tomar a minha decisão. Tristemente, por isso, demiti-me e mudámo-nos de volta para Eton Wick em 1968 – terrivelmente desapontados, claro, mas sentindo-nos muito mais felizes e confortáveis longe de toda a desagradabilidade no Colégio naquela altura. Mais tarde, soube que a situação continuou por muito tempo depois.

Um resultado significativo da nossa estadia em Stansted foi o facto de, a pedido – não, «ordem» é uma palavra melhor – de Fanny Higginson, a mãe muito mediúnica de Gordon, eu ter começado as minhas palestras ilustradas sobre os fenómenos físicos do Saturday Night Club, o que levou a dezenas de visitas a igrejas e centros por todo o Reino Unido. Foi durante novembro de 1966, antes de o Colégio estar oficialmente aberto, enquanto desfrutávamos de uma noite de relaxamento na sala de estar com alguns hóspedes. Entre eles estava Gordon Higginson, o médium excecional que, alguns anos mais tarde, se tornou Diretor do Colégio, e a mãe dele, Fanny, também uma médium notável que desenvolvera o dom de Gordon como médium menino na Igreja de Longton, nas Potteries. Gordon e eu tínhamos a mesma idade, cerca de 48 anos, e Fanny estaria nos finais dos sessenta.

Estávamos a conversar sobre coisas em geral, com referência particular ao futuro do Colégio, que devia receber os seus primeiros alunos antes do final do ano, quando Fanny, que estava sentada ao meu lado, virou-se subitamente e disse: «Há aqui um cheiro forte a peixe e batatas fritas. Isso significa algo para ti, Tom?» «Sim», disse eu, «consigo entender

isso.» Depois, continuou, apontando a mão no ar acima de onde Doris estava sentada: «Há ali um belo arco com as letras M.I.N. à volta.»

«Sim», disse eu novamente, «o nome da minha mãe era Minnie, muitas vezes chamada Min, e ela tinha uma loja de peixe e batatas fritas antes de passar para a vida superior há cerca de oito anos.»

Pensei que isto era uma evidência muito boa de que a minha mãe estava connosco no Colégio e comecei a contar a Fanny sobre o nosso maravilhoso Círculo Doméstico em Middlesbrough. Contei-lhe sobre a mediunidade física notável da minha mãe, que nos permitiu experienciar tantas formas de fenómenos físicos, os apports, luzes do Espírito, escrita do Espírito, telecinesia, vozes do Espírito através da Trombeta, culminando em materializações ectoplásmicas de espíritos de tamanho completo.

O seu entusiasmo, quando viu as fotografias que tínhamos tirado no Círculo, não conheceu limites. A diminuta Fanny, no seu modo mais matriarcal, que Gordon conhecia muito bem, disse-me para ir a um fotógrafo e mandar fazer diapositivos a partir das fotografias. «Depois», disse ela, «vai pelo país a dar palestras sobre as tuas experiências maravilhosas. Manténs isto para ti, mas deve ser espalhado o mais longe possível para que todos saibam.» E quando Fanny, com os seus 1,57 metros, ordenava, tinhas mesmo de obedecer.

Na manhã seguinte, tive de ir a Bishop's Stortford em negócios, por isso aproveitei a oportunidade para passar na loja fotográfica local gerida por um jovem Sr. Harris. Perguntei-lhe se podia fazer diapositivos a partir de impressões fotográficas, que tinham quase 20 anos. Ele respondeu que sim, mas obviamente gostaria de examiná-las. Por isso, com alguma apreensão, entreguei-lhe as impressões a preto e branco de fenómenos ectoplásmicos (como as incluídas neste livro), perguntando-me qual seria a reação dele. Imagine a minha surpresa completa quando ele simplesmente disse: «Oh, materializações ectoplásmicas. É do Spook Hall?»

«Sim», respondi, sentindo-me grandemente aliviado pela resposta dele. «Sou o Gestor do Arthur Findlay College em Stansted Hall (o Hall depressa se tornara conhecido localmente como Spook Hall – por razões óbvias), mas como sabe sobre tais assuntos?», perguntei-lhe. «Oh, a minha avó era médium e sempre me interessei por essas coisas.» Uma resposta bastante inesperada, mas estabeleceu-se imediatamente uma relação amigável, e ele fez-me dois conjuntos de excelentes diapositivos, que ainda estão em uso hoje, quase 30 anos depois. Serviram-me para mais de 150 palestras pelas Ilhas Britânicas, Portugal e Espanha, com audiências variando de 10 a 120. Fanny organizou uma das minhas primeiras palestras

em Leicester, e graças à sua «ordem», milhares de pessoas interessadas partilharam comigo aquelas experiências notáveis de fenómenos físicos através da mediunidade muito especial da minha mãe.

Mudámo-nos de volta para Eton Wick. A minha antiga Empresa em Slough soube que eu estava na área e ofereceu-me o cargo de Gestor do Escritório de Exportações. Desfrutei disso por cerca de 18 meses antes de me pedirem para me tornar Gestor do Escritório de Contas, um cargo que também desfrutei naqueles dias pré-computadorização. A minha formação e filiação no British Institute of Management estavam a revelar-se muito úteis, especialmente quando havia problemas de «resolução de problemas».

Assim que decidiram computadorizar as contas, trouxeram um «especialista» e eu parti para operar como contabilista «independente». Este caminho agradável continuei até à minha reforma gradual por volta de 1988. O trabalho independente para pequenas empresas também me permitiu passar mais tempo «de qualidade» com Doris. Viajámos amplamente pela Europa graças à maioria da família trabalhar na British Airways. Doris foi atingida pelo cancro e passou para o outro lado em 1976, com 59 anos – uma perda física triste para toda a família após 36 anos de casamento feliz.

Nessa altura, eu ainda desfrutava de viajar pelo país a dar as minhas palestras ilustradas. Muitas vezes perguntavam-me no final das palestras se eu tinha escrito um livro, que pudessem levar consigo. Eu continuava a prometer a mim mesmo, e às minhas audiências, que faria algo sobre isso, mas infelizmente, devido às rotinas habituais das atividades quotidianas, passaram cerca de 20 anos antes de finalmente agir.

Como resolução de Ano Novo, a 1 de janeiro de 1988, comecei a primeira página. Eu atingiria os meus setenta anos em agosto, e o meu prazo de validade aproximava-se depressa, ou como outro amigo disse, «agora estás no tempo extra». Demorei mais de um ano a completar o livro, que cobria, muito brevemente, alguns dos acontecimentos notáveis no nosso Círculo Doméstico, e incluía quatro das fotografias.

A minha filha mais nova, Wendy, uma tutora de informática, veio ao meu escritório uma hora de almoço e encontrou-me a datilografar e a corrigir com tippex na minha velha máquina de escrever. Ela disse-me prontamente que eu devia usar o processador de texto dela em casa. Estremeci um pouco só de pensar nisso, mas fui persuadido a ir ter uma lição introdutória, o que resultou em eu ir a casa dela todos os dias durante muitos meses para escrever mais de 20 capítulos curtos sobre as nossas experiências no Saturday Night Club.

O livro terminado, Visits by Our Friends from the Other Side, foi impresso para mim por um amigo em abril de 1989, na mesma semana em que fui convidado, como Gestor Fundador do Arthur Findlay College, para dar três palestras durante as celebrações do 25.º Aniversário do Colégio. Fiquei encantado por vender 100 cópias durante essa primeira semana, o que deu um começo esplêndido ao meu Fundo para o Cancro.

Cerca de cinco anos após a publicação do livro e muitas palestras depois, a minha filha do meio, Joyce, disse-me: «Não podes continuar a dar as tuas palestras pelo país, Pai.» Perguntei rapidamente: «Porquê não?» «Bem, estás a ficar um pouco velho agora.» Eu era um ativo de setenta e cinco anos, «por isso é melhor mandares fazer um vídeo.» Um vídeo! Que ideia louca! Como o abordarias? Quem contactas? Quanto custaria? Sim, uma ideia esplêndida, Joyce, mas não – pensámos.

Em junho de 1993, fui convidado pelo sociólogo e escritor Joe Cooper para dar a minha palestra num Dia de Escola que ele organizava em Wakefield. Fiquei hospedado durante a noite com um casal muito amigável, Antony e Patricia Hamblin, nos arredores de Wakefield. Tony, com um doutoramento em Química Orgânica, reformara-se do seu cargo superior no Leeds Polytechnic, agora Leeds Metropolitan University, enquanto Pat fora Organizadora de Educação de Adultos na área de Wakefield. Damo-nos muito bem e eles foram comigo à minha palestra sobre fenómenos físicos, sobre os quais nada sabiam.

Na manhã após a palestra, estávamos a tomar café no jardim deles quando Pat mencionou que parte do seu trabalho envolvia fazer vídeos de formação para o Wakefield College – e, como se diz, o resto é história. A ideia louca agora não era tão louca. Com a perícia de Pat no lado da produção e edição, e o excelente trabalho de câmara de Tony, a maior parte do trabalho foi feita em 12 meses. Filmarem e gravarem cinco das minhas palestras em diferentes locais por todo o Reino Unido e fizeram entrevistas pessoais com Sydney e Gladys Shipman em Robin Hood's Bay.

Após a minha palestra em Middlesbrough, entrevistaram as irmãs Gwen Schlegel e Cora Walker, ambas as quais tinham sido convidadas no nosso Círculo Doméstico cerca de 40 anos antes e garantiram-nos que mudara as suas vidas. Mais entrevistas comigo como o «homem de ligação» significaram um número bastante agitado de meses para Pat e Tony, mas eles nunca se queixaram – na verdade, disseram que realmente desfrutaram de tudo, e não consigo agradecer-lhes o suficiente por todo o trabalho esplêndido que fizeram.

Após algum excelente trabalho profissional de pós-produção com Howard Garton em Kirkella, perto de Hull, o vídeo de 60 minutos final saiu à venda em outubro de 1993 e o sonho impossível de Joyce tornara-se realidade.

Depois, ajudaram-nos a mandar produzir profissionalmente 200 cassetes áudio da nossa sessão de Festa de Natal em janeiro de 1954. Extratos desta cassete foram agora transformados num programa de meia hora por Chris Eldon Lee, um produtor de programas de rádio, para uma emissão da BBC Radio na Véspera de Natal em 2005, intitulada «Christmas Spirits».

Desde que comecei, graças principalmente às minhas palestras, vendi mais de 5.000 livros, quase 1.000 vídeos e angariai muito dinheiro para vítimas de cancro. Todos os proveitos das vendas foram sempre para o meu fundo pessoal de apoio ao cancro, através do qual fiquei tão satisfeito por poder ajudar diretamente tantos doentes no que chamo «nível de base», onde, digamos, 100 libras diretamente para os indivíduos, ou para os pequenos Grupos de Apoio, melhorou de alguma pequena forma a qualidade e a dignidade das suas vidas destruídas. Para além do meu fundo para o cancro ter beneficiado grandemente, a Verdade foi espalhada a centenas de pessoas que não puderam assistir às minhas palestras, graças ao grande apoio que recebemos dos nossos amigos do Espírito, que nos mantêm em andamento.

Após a viagem a Wakefield, visitei um novo Centro Espiritual perto de Howden, em East Yorkshire, o que resultou em conhecer Ann, que tem sido um tremendo apoio amoroso, quando ainda percorríamos o Reino Unido a dar as minhas palestras e especialmente agora nos meus anos seniores. Casámo-nos em 1998 e demos as boas-vindas ao novo Milénio mudando-nos para Espanha em janeiro de 2000. Para além de desfrutarmos do sol, continuámos o nosso desenvolvimento Espiritual com muitos amigos, ainda dando a palestra ocasional e passando muito tempo a planear e a escrever este livro, que espero que desfrute.

Sinto-me um homem privilegiado por ter tido experiências tão maravilhosas, e estou muito ansioso por dar a conhecer ao mundo a Verdade da Vida após a Morte. Como disse Sir William Crookes, o renomado cientista, após os seus anos de sessões de teste – «Não digo que estas coisas sejam possíveis – apenas que ocorrem.»

E assim aconteceu para nós vezes e vezes e vezes sem conta e fui tão privilegiado por fazer parte disso.

22

AS SAUDAÇÕES DA SUSAN

O nosso filho mais velho, Colin, nascido em 1942, casou-se com a sua primeira mulher, Margaret, em outubro de 1965, numa bela igreja paroquial antiga na aldeia de Eton Wick, perto do Eton College, próximo de Windsor. Após vários anos a desejar um filho, foram abençoados com o nascimento de Susan em fevereiro de 1971. Ficaram, claro, encantados, e formaram uma família muito feliz e dedicada até dezembro de 1973, quando a tragédia atacou. Margaret, então uma jovem de 35 anos, teve de ir ao hospital de Windsor para uma pequena operação interna. Estava prevista a alta alguns dias antes do Natal, mas 12 horas antes de Colin a ir buscar, sofreu uma recaída grave e morreu nas primeiras horas de 22 de dezembro. Um choque traumático para todos nós – mas especialmente para Colin, que agora ficava com uma filha que ainda não tinha três anos.

Doris e eu convencemos Colin a vir ficar connosco durante alguns meses, para que a Avó Doris, que não só era enfermeira e parteira registada, mas já tinha criado uma família de seis, pudesse ajudar a cuidar de Susan enquanto ele lidava com uma perda tão súbita e devastadora. Felizmente, ele sempre teve uma visão madura e filosófica da vida e é o tipo de homem que consegue lidar com tais crises. Tendo sido criado numa família espiritualista, sabia que Margaret ainda vivia no Mundo do Espírito e, quando estivesse pronta, continuaria a ajudar a cuidar da filha deles – que era verdadeiramente a menina dos olhos dela.

Embora a família (Colin sendo o mais velho de seis) e muitos amigos tivessem sido incansáveis no seu apoio, Colin estava bem ciente de que a perda da mãe seria muito difícil para Susan, então com quase três anos – particularmente quando começasse a conviver com outras crianças acompanhadas pelas mães. Mas a fortuna sorriu novamente quando, após um ano ou assim, ele foi apresentado a outra Margaret que, alguns anos antes, perdera o marido com um ataque cardíaco, deixando-a com duas filhas pequenas com cerca de cinco e sete anos. A amizade floresceu rapidamente e ficámos encantados quando se casaram em março de 1975 e

se tornaram uma família verdadeiramente esplêndida. Susan agora tinha uma Mãe e Julie e Lorraine tinham um Pai. Dias felizes mais uma vez.

Em novembro de 1980, Colin, um engenheiro na British Airways no próximo Heathrow, teve a oportunidade de emigrar para a África do Sul, onde Margaret tinha uma irmã casada, Barbara, com família em Durban. Os novos empregadores de Colin, uma empresa de engenharia aeronáutica em Joanesburgo, arranjaram alojamento temporário para eles e os primeiros 12 meses foram preenchidos com a excitação de encontrar e mudar para a sua própria casa nos arredores de Boksburg, perto de Joanesburgo, com todas as mudanças acompanhantes relacionadas com uma cultura diferente, especialmente as escolas para as três raparigas. Das cartas e chamadas telefónicas deles, foi um tempo agitado, mas muito feliz e satisfatório.

Até que na sexta-feira de dezembro de 1981, apenas 12 meses após a chegada deles. Susan, agora com 10 anos, foi internada de manhã numa clínica local para a remoção das amígdalas – uma operação de rotina simples, entrar e sair no mesmo dia. Muito tristemente, algo correu mal no bloco operatório. A tragédia atacara novamente!

Recebi uma chamada de Colin, por volta da madrugada no horário do Reino Unido, dizendo-me que Susan falecera sob anestesia uma hora ou assim antes. Outro choque tremendo. Não só ele perdera a presença física da sua primeira mulher inesperadamente cerca de oito anos antes, mas agora perdera a única filha deles. Fiel ao seu caráter, no entanto, simplesmente comentou que pelo menos ainda tinha felizmente a sua segunda mulher, Margaret, e as duas filhas dela, enquanto a sua primeira mulher, Margaret, agora tinha a filha deles no Mundo do Espírito.

Uma visão verdadeiramente Espiritual em circunstâncias tão devastadoras, mas uma que seria de grande ajuda para outros que sofrem da mesma forma. Posso também acrescentar que, para além da mãe, Susan seria recebida pela mãe de Colin, a minha falecida mulher carinhosamente conhecida como Avó Doris, que passou para o outro lado em abril de 1976.

Passaram algumas semanas antes de eu poder voar para os ver, mas mantivemos contacto telefónico próximo, e agora junto um breve resumo, como registado por Colin todos os dias, de alguns acontecimentos notáveis que ocorreram no bungalow deles em Beyer's Park durante um período de 16 dias, começando dois dias após o falecimento de Susan. Colin, Margaret e as duas raparigas, então nos meados da adolescência, são pessoas muito práticas – não dadas a fantasias ou a inventar histórias. Ambas as raparigas ocuparam desde então posições de gestão sénior no setor bancário e no

mundo da informática – por isso estou bastante certo de que o que Colin me contou aconteceu mesmo... por mais estranho que possa parecer!

Ele costumava ligar-me todos os dias para relatar e, após a segunda chamada, impressionei-o para que escrevesse imediatamente os factos tal como aconteciam, pois a memória pode pregar partidas. Este relato baseia-se nessas notas escritas.

Domingo, 6 de dez. de 1981, dois dias após o falecimento de Susan. Durante a noite, enquanto relaxavam na sala de estar, Colin e Margaret notaram um pêssego meio comido atrás de um grande vaso vidrado na lareira da área da sala de estar. Isto obviamente intrigou-os e suspeitaram que pudesse ter sido causado por um rato, pois tinham encontrado um ninho na cozinha nessa manhã. No entanto, nem então nem depois, houve quaisquer sinais de rato ou excrementos de rato no bungalow.

Além disso, a fruta era sempre guardada numa grande taça numa mesa na área de jantar – a cerca de 3,5 metros da lareira – uma longa distância para um rato mover um pêssego. Devo explicar que a sala de estar é uma área aberta com cerca de 10,5 metros de comprimento, com a área de jantar de cerca de 3 metros numa extremidade. A porta para o corredor e os quartos fica na junção entre a área de jantar e a sala de estar e fica em frente à lareira, a cerca de 4,5 metros de distância.

Segunda-feira, 7 de dez. A irmã de Margaret, Barbara, como Margaret uma mulher nos quarenta, chegara de Durban e ficou até segunda-feira, 21, quando todos foram para casa de Barbara para umas férias de duas a três semanas. Por isso, Barbara também foi testemunha desses acontecimentos invulgares.

Os acontecimentos ocorreram durante a noite, quando todos dormiam, e os resultados eram vistos quando entravam na sala de estar na manhã seguinte. Nesta manhã em particular, encontraram um pêssego meio comido e um pêssego inteiro na lareira. Nenhum mostrava sinais de nódoas negras, o que teria ocorrido se tivessem sido largados ou caídos. Novamente, ficaram muito intrigados, mas recordaram que, embora Susan gostasse de todos os tipos de fruta, os pêssegos eram os seus favoritos. Naturalmente, as raparigas foram questionadas, mas garantiram aos pais que nada sabiam sobre a fruta ter sido movida.

Terça-feira, 8 de dez. Nada a relatar.

Quarta-feira, 9 de dez. Outro pêssego meio comido na lareira – e devo enfatizar que, após uma exame próximo da área, a evidência era removida todas as manhãs.

A esta altura, estavam a ficar muito intrigados e verificaram entre si que ninguém se levantara durante a noite, e ninguém era sonâmbulo. Havia dois cães de guarda mantidos numa parte separada do jardim e nunca eram permitidos na casa. Porque estavam todos tão intrigados e intrigados, deixaram especialmente três pêssegos na taça na mesa de jantar antes de irem para a cama e concordaram que todos esperariam uns pelos outros e entrariam na sala juntos na manhã seguinte.

Quinta-feira, 10 de dez. – Ao entrarem na sala juntos, encontraram dois dos pêssegos meio comidos na lareira e não havia sinal do terceiro nesse momento. Foi só mais tarde nesse dia que Margaret o encontrou no chão atrás de uma das poltronas na área da sala de estar, a cerca de 4 metros da mesa.

Sexta-feira, 11 de dez. – Margaret comprara algumas cerejas e colocara-as na taça de fruta na mesa de jantar. Também comprara uma pequena árvore de Natal, removera o vaso vidrado da lareira na área da sala de estar e colocara a árvore no seu lugar. Nada aconteceu nesse dia ou no dia seguinte – sábado, 12.

Domingo, 13 de dez. – Nesta manhã, encontraram duas cerejas inteiras e um caroço de cereja na lareira perto da árvore.

Segunda-feira, 14 de dez. – A árvore fora decorada no domingo e nesta manhã encontraram duas bolas, intactas, na lareira. Estavam bastante certos de que as bolas não poderiam simplesmente ter caído da árvore, pois tinham sido fixadas com bastante segurança, e se tivessem caído, muito provavelmente teriam partido.

Terça-feira, 15 de dez. Nada a relatar.

Quarta-feira, 16 de dez. – Nada a relatar, mas antes de irem para a cama nessa noite, deixaram especialmente meio figo fresco do seu próprio jardim na mesa de jantar.

Quinta-feira, 17 de dez. – Nesta manhã, o figo desaparecera e havia apenas alguns pedaços na mesa onde fora colocado. Mais espanto – por isso, antes de irem para a cama nessa noite, encheram a taça com nove ameixas, quatro laranjas e uma maçã – uma mudança em relação aos pêssegos, cerejas e figos.

Sexta-feira, 18 de dez. – Ao entrarem na sala, ficaram estupefactos ao ver que as quatro laranjas e a maçã ainda lá estavam – mas as nove ameixas tinham desaparecido completamente, e após uma busca muito minuciosa, não encontraram nem ameixas nem caroços – nem então nem desde então!

Por isso, antes de irem para a cama, Colin sugeriu que deixassem outro dos seus figos e desta vez disse especificamente «Para Susan» – ao que Margaret o cortou ao meio e o colocou num prato na mesa de jantar.

Sábado, 19 de dez. – Desta vez, uma metade do figo desaparecera e a outra metade estava no chão ao lado da mesa. A esta altura, a excitação deles era difícil de conter, especialmente das duas raparigas, por isso à noite Julie descascou uma laranja, separou-a em oito gomos e colocou-os num prato na mesa de jantar. Novamente, disseram «Para Susan.» Como ainda estavam todos preocupados com o aspeto do rato em todos estes acontecimentos, colocaram alguma isca para ratos e uma das raparigas foi ouvida a dizer: «Tem cuidado, Susan, não comas isso ou matam-te.» Ao que, claro, todos se riram bastante.

Domingo, 20 de dez. – Nesta manhã, encontraram cinco gomos ainda no prato, um na mesa, um na lareira e um completamente desaparecido – nunca encontrado.

Infelizmente, não puderam continuar com as suas observações, pois tinham previamente combinado ir para Durban com Barbara – compreensivelmente um pouco desapontados após tanta excitação. Nada de semelhante ocorreu em Durban – mas ao entrarem na entrada da garagem ao regressarem, ficaram bastante assustados e apreensivos ao ver que o portão de segurança de ferro forjado instalado na fachada da porta de vidro trancada da frente (um acessório padrão na África do Sul) estava entreaberto!! Estavam bastante certos de que o tinham trancado com segurança antes de partirem para Durban, algo que sempre verificavam duas vezes.

Pensaram imediatamente que houvera uma invasão e aproximaram-se da casa com muita cautela. Mas, para o seu espanto e grande alívio, não encontraram nada de errado. Após muito questionamento e discussão séria entre si, chegaram finalmente à conclusão feliz de que era a forma de Susan dizer «Bem-vindos a Casa.» O pensamento de que poderiam ter sido intrusos assustou tanto Margaret que ela pediu a Susan para não o fazer novamente e essa foi a última dos acontecimentos invulgares em Beyer's Park.

Os céticos oferecerão todo o tipo de razões para tais acontecimentos, que geralmente são muito mais difíceis de aceitar do que a simples Verdade sobre a qual Colin e a sua família estão bastante certos – que Susan e a mãe dela, Margaret, estavam a deixar-lhes saber que estavam muito vivas e a partilhar o Natal com eles.

Talvez possa acrescentar que, como Avós, a minha mulher, Doris, e eu tínhamos sentido que ao longo da sua curta vida aqui Susan sempre parecera ter uma cabeça velha em ombros jovens e, quando sentada calmamente sozinha, muitas vezes parecia estar noutro mundo – talvez o mundo que agora desfruta.

Agora, 20 anos depois, tive outro acontecimento espantoso ligado a Susan. Nessa altura, Ann e eu éramos membros de um pequeno grupo espiritual aqui em Espanha, onde um dos membros do grupo era um médium de transe. Durante a reunião, no início de dezembro de 2001, mesmo antes de partirmos para uma visita a Colin e Margaret na África do Sul, uma jovem comunicadora falou-nos através do nosso médium e pediu-nos para cantar um cântico de Natal – com o qual obedecemos devidamente.

Estávamos sentados numa sala escurecida, por isso quase não conseguíamos ver nada dos arredores, mas durante o canto senti algo cair no meu pé esquerdo (eu sempre tiro os sapatos quando participo em tal grupo). Comentei isso com a comunicadora do Espírito e ela simplesmente disse que quando cantamos cânticos recebemos dinheiro para presentes – por isso trouxera-me algum dinheiro! Tudo o que posso dizer é que não pareceu uma moeda quando atingiu o meu pé, mas provavelmente estava num «bolso psíquico» para a proteger.

A comunicadora acrescentou que, na verdade, fora trazida pela menina ligada a mim que agora crescera no Mundo do Espírito – Susan. Maravilhoso! Quando acendemos a luz no final da reunião, havia uma pequena moeda de cor prateada no chão entre os meus pés. Quando a examinámos, descobrimos que era uma moeda de 10 Sen da Malásia datada de 1981.

Não só isto foi um apport maravilhoso para nós, mas pensem nestes factos.

A data da nossa reunião foi 4 de dezembro – a data em que Susan passou.

O ano na moeda era 1981 – o ano em que Susan passou. O valor da moeda era 10 sen e Susan tinha 10 anos quando passou – data de nascimento 26.2.71.

Não temos ideia de onde veio esta moeda, mas é agora uma posse prezada entre os nossos outros apports e memorabilia interessantes, uma memória especial de Susan.

Lamparinas de Felicidade

Acenda de novo para alguém
Com todas as coisas amáveis que pensa e faz
Pois há muitos meses mais frios do que dezembro
Que precisam de alguém exatamente como você.
Corações que outrora estavam iluminados
com as velas brilhantes da Esperança
Que brilhavam com riso como uma canção dourada –
Pode dar-lhes algo para recordar
Porque o seu Amor veio por último.
Por isso, envie os seus pensamentos
para brilhar através da escuridão da Vida
E eles chegarão muito mais longe do que imagina
Não há nenhum crédito em recordar
Acenda de novo as Lâmpadas de Felicidade.

23
OUTROS «ENCONTROS PRÓXIMOS»

Fenómenos físicos podem ocorrer em qualquer lugar, a qualquer momento, quando as condições são adequadas. É provável que estejam a ocorrer nas vossas próprias casas ou arredores sem que o percebam na altura. Quantas vezes encontraram coisas movidas do lugar onde sabiam que as tinham colocado, para talvez outro quarto da casa – como chaves do carro, canetas, escovas de cabelo, óculos, etc.? Pode ser apenas crianças do Espírito amigáveis a divertirem-se convosco ou entes queridos a deixarem-vos saber que estão próximos, mas tenham a certeza de que, numa casa normal amigável, não vos causarão dano ou preocupação conscientemente. Claro, há Espíritos travessos por aí, mas as suas travessuras são poucas e espaçadas e a história seguinte mostra como somos cuidados pelos nossos entes queridos à nossa volta.

Em 1950, Doris e eu vivíamos numa casa geminada em Oxford Road, Middlesbrough, com a nossa família de cinco filhos com idades entre três e nove anos, e tínhamos pouco dinheiro de sobra. Doris, na verdade, tornara-se muito hábil em fazer pouco durar muito.

Ela sempre dobrava as poucas notas de libra individualmente na carteira e sempre sabia quantas tinha. Quando em casa, deixava a carteira numa prateleira alta no aparador galês na sala de estar. Cheguei a casa uma noite e encontrei-a muito perturbada porque estava bastante certa de que faltava uma nota de uma libra da carteira.

Ela questionara todas as crianças e elas tinham-lhe garantido que não estavam envolvidas. Dúvidas de todo o tipo passam pela mente dos pais em momentos como este, mas não tínhamos razão para não acreditar nelas e deixámos assim.

Naturalmente, ainda estávamos preocupados por termos perdido cerca de um sexto do nosso rendimento semanal e ainda bastante intrigados. Doris verificou e reverificou os seus gastos e ainda estava bastante certa de que faltava uma libra – mas não dissemos nada a mais ninguém.

No entanto, no domingo seguinte à noite, tivemos uma surpresa mais inesperada e agradável – embora, a esta altura, após quatro anos dos fenómenos notáveis no nosso Círculo Doméstico, não devêssemos ter ficado tão surpreendidos. Mas esta ocasião foi ligeiramente diferente e não foi durante uma das nossas sessões.

Mam e Dad costumavam visitar-nos para o chá na maioria dos domingos e ficar para ver a peça semanal regular na televisão. Havia sempre um Intervalo durante a peça (os cavalos a arar, o gatinho brincalhão, etc.) quando Doris fazia a habitual chávena de chá. Neste domingo em particular, Doris foi à cozinha e eu estava sentado ao lado de Mam, pronto para uma pequena conversa. Em 30 segundos, antes de eu poder dizer algo, no entanto, ela entrou em transe, olhos fechados, e a Tia Agg estava a falar-nos. As irmãs tinham uma ligação psíquica tão próxima que era assim tão simples.

Ela disse-me que estava plenamente ciente da nossa preocupação com a nota de uma libra desaparecida e primeiro garantiu-nos que nenhuma das nossas crianças estava envolvida. Chamei Doris de volta da cozinha e a Tia Agg procedeu então a contar-nos o que realmente acontecera. Devido à força do poder psíquico na nossa casa, as pessoas do Espírito podiam usá-lo facilmente para mover coisas, como muitas vezes tínhamos notado. Diversão inofensiva pelas crianças do Espírito, que nunca

desencorajávamos e geralmente ríamos bastante. Mas nesta ocasião, as coisas foram diferentes.

Desta vez, foi um rapaz jovem, recentemente passado, que não fora avesso a «roubar» o item ocasional quando na terra e a sua visão não tivera tempo de mudar desde a sua passagem. Isto é bastante normal e os poltergeists são um exemplo extremo desta incapacidade de compreender a sua mudança de estado de seres terrestres para seres do Espírito.

Ele tirara a nota da carteira de Doris com a intenção de a guardar, mas devido à «aura psíquica» protetora proporcionada pelos nossos ajudantes do Espírito próximos, descobriu que não conseguia levá-la para fora de casa e, por isso, simplesmente a deixara. A Tia Agg disse-nos então que ele a deixara debaixo do frigorífico na cozinha – provavelmente pensando que a estava a esconder e não seria «descoberto».

Agradeci muito à Tia Agg e disse que a recuperaria imediatamente. Ela disse que esperaria até termos efetivamente recuperado e que ficara mais do que satisfeita por poder ajudar – especialmente para ilibar as crianças, como lhes chamava.

Com certeza, ao vasculhar debaixo da fresta de dois centímetros e meio abaixo do frigorífico com uma longa cana de jardim, a nota encontrada saiu!! juntamente com muito pó e penugem, claro! E ainda estava dobrada à maneira habitual de Doris. A Tia Agg riu-se então à sua maneira inimitável, disse «Adeus» e, em mais 30 segundos, a mãe saiu do transe. Ainda tivemos tempo para a nossa chávena de chá antes do fim do intervalo de 15 minutos, e depois pudemos contar tudo à Mam. Lembrem-se, ela nada sabia sobre o assunto até lhe contarmos após a Tia Agg ter partido e ficou tão contente como nós ao ouvir o final feliz. Apenas mais um exemplo da proximidade deles, sempre entre nós e a mostrar o seu cuidado quando é necessário. Eles ainda fazem parte da nossa família e agem da mesma forma que as famílias – ajudando sempre que possível. Mas não interferem e não gerem as nossas vidas por nós; isso é sempre a nossa responsabilidade pessoal.

Noutra ocasião, a peça de domingo era sobre França e, enquanto assistíamos, a minha mãe não parava de dizer: «Conheço este lugar.» «Não podes», dissemos-lhe, «nunca saíste de Inglaterra!» Mas ela insistia que conhecia e continuava a dizer-nos o que havia ao virar da esquina.

Quando veio o «Intervalo» e a Roda do Oleiro começou a girar, Doris foi à cozinha pôr a chaleira ao lume e nós ficámos sentados a conversar.

Em poucos segundos, os olhos da minha mãe fecharam-se e um sorriso familiar apareceu nos seus lábios. «Olá, Tia Agg», disse eu.

«Acabei de passar por aqui para vos dizer por que razão a Nossa Min acha que conhece o lugar da peça», disse ela.

«Estão a ver a televisão?», perguntei eu, incrédulo.

«Oh sim», disse ela, «vemos quando é interessante e um dos guias de Min que trabalha com ela é um médico chamado Jean Dupré, que viveu naquela aldeia. Ele está aqui agora a impressioná-la sobre a sua antiga cidade natal.» Uma explicação simples e mostra como impulsos do Mundo do Espírito podem ser interpretados como os nossos próprios pensamentos!

A história da nota de uma libra é bastante excecional, mas experienciei muitos outros «acontecimentos» de natureza semelhante, um dos quais ocorreu na África do Sul no Dia de Ano Novo de 1988. Ann e eu estávamos a visitar o meu filho mais velho, Colin, e a mulher dele, Margaret. Estávamos todos a passar uns dias de férias juntos num hotel de estilo rancho perto de Sun City, a cerca de duas horas de carro da casa deles. Planeávamos tomar o pequeno-almoço no Game Park Lodge, antes de fazermos um safari, e como isso significava começar às 6 da manhã, as malas foram arrumadas e fechadas no dia anterior.

Após um dia muito quente, passado a ver zebras e antílopes, etc., chegámos ao Hotel com pensamentos de mergulharmos diretamente na piscina do hotel. Imaginem a minha surpresa quando levantei as camisas e calções bem dobrados do topo da mala para ver uma moeda reluzente de 50 cêntimos (datada de 1986) pousada no saco de sapatos cinzento por baixo. Deixei a mala como estava e chamei Ann para lhe dizer que tinha tirado as camisas da mala, e pedi-lhe para trazer a máquina fotográfica. Ela veio buscar o seu fato de banho e, ao ver a moeda, disse: «Por que puseste isso aí?» «Não pus. Estava aí quando levantei as camisas», respondi. Uma fotografia foi tirada imediatamente para fins de registo e a moeda está na nossa memorabilia.

Nenhum dinheiro foi colocado na mala quando a arrumámos. As camisas e calções estavam todos limpos, por isso não havia dinheiro nos bolsos, e Ann certamente não a vira quando arrumou tudo com cuidado no dia anterior.

De onde veio, nunca descobrimos, mas aceitámo-la como simplesmente outro sinal de que os nossos entes queridos estavam connosco. Suponho que não fiquei demasiado surpreendido, especialmente

com a presença frequente e próxima de Susan, como perceberão do capítulo anterior, e todos tivemos umas férias muito agradáveis.

Que vós também estejais cientes e desfruteis da mesma proximidade dos vossos entes queridos, particularmente quando podeis estar a celebrar ou, talvez mais importante, quando sentis necessidade de conforto.

24

STEWART ALEXANDER 195?

Foi em 1989 que recebi uma carta de um senhor chamado Stewart Alexander que vivia perto de Hull. Ele já tinha conhecimento da minha cassete áudio da sessão de Festa de Natal, que fora gravada em 1954, e perguntava-se se poderia ter uma cópia para incluir na sua extensa biblioteca de fenómenos psíquicos, que recolhera ao longo de muitos anos de investigação. Expliquei a Stewart que (a) só tinha uma cópia das fitas «antiquadas» do tipo bobina a bobina, que não tinham sido transferidas para o tipo de cassete atual, e (b) não podia dar tal permissão sem o acordo dos dois membros sobreviventes do SNC – Sydney e Gladys Shipman, que viviam em Robin Hood's Bay, perto de Whitby.

Stewart estava tão interessado que, em poucas semanas, ele e o seu amigo próximo Ray Lister arranjaram para visitar os Shipman para obter a aprovação deles, que foi dada sem hesitação. Sydney e Gladys ficaram muito impressionados com a credibilidade de Stewart e Ray, que participavam num Círculo de fenómenos físicos há vários anos com resultados gradualmente melhorados. Por isso, agora cabia a mim tentar encontrar algum meio de transferir as fitas bobina a bobina para cassetes. Stewart ofereceu-se amavelmente para pagar o custo de tal trabalho, mas concordámos em partilhá-lo, pois seria de valor.

Após muitos meses de averiguações, acabei por encontrar uma «empresa de um só homem» em Bracknell que tinha o equipamento adequado para este tipo de transferência, o que resultou numa cópia de duas cassetes que ainda tenho.

Fiz prontamente uma segunda cópia e enviei-a a Stewart, pela qual ele ficou extremamente grato e tornámo-nos bons amigos, trocando correspondência regular. Encontrámo-nos pela primeira vez em janeiro de

1991 na reunião inaugural da Noah's Ark Society, onde dei a minha palestra ilustrada sobre materialização, que foi repetida na reunião de Leicester e novamente em Wimbledon alguns meses depois.

A minha mãe estava no Mundo do Espírito há mais de 30 anos, e eu sentira certamente a falta das nossas sessões semanais regulares – por isso, podem imaginar a minha alegria quando recebi o convite de Stewart para participar como convidado privilegiado no seu Círculo Doméstico em Hull. Disseram-me que tinham fenómenos de trombeta e comunicação de controlo em transe profundo através de Stewart, mas não tinham desenvolvido quaisquer materializações ectoplásmicas como as que tínhamos tido o privilégio de experienciar no nosso próprio Círculo Doméstico.

Nessa altura, vivia perto de High Wycombe em Bucks, por isso tinha cerca de 320 quilómetros de ida e volta, com uma estadia noturna amavelmente arranjada por Ray Lister. Estava mais do que disposto e feliz por empreender tal viagem pela oportunidade de renovar o meu contacto com os nossos amigos do Espírito num Círculo físico. Com as minhas experiências ao longo dos anos do Saturday Night Club, certamente não procurava prova pessoal, que já recebera em abundância. Para além do meu prazer e emoção pessoal por estar novamente envolvido num Círculo físico, esperava poder ter uma contribuição construtiva e contributiva para o benefício do Círculo como um todo. Sunrise sempre me dissera que eu era uma forte fonte de poder e energia psíquicos.

Stewart ficou encantado quando pedi permissão para levar a nossa trombeta. Por isso, a 19 de abril de 1993, juntei-me aos outros oito participantes regulares numa sala especialmente preparada na casa de Ray e June Lister em Hull. Estava interiormente excitado, claro, especialmente porque tínhamos a nossa trombeta ao lado da deles, ambas claramente distinguíveis por meio dos seus pontos luminosos, que tinham sido pintados nas extremidades em forma de sino. A sessão de hora e meia decorreu em escuridão completa, exatamente da mesma forma a que eu estava habituado nos primeiros dias das sessões do Saturday Night Club com fenómenos de trombeta apenas. Tenho uma transcrição de sete páginas da gravação áudio feita durante essa sessão, que para mim foi uma ocasião única para testemunhar novamente fenómenos de trombeta num Círculo Doméstico que não o nosso, quase 40 anos antes. Fui extremamente bem recebido tanto pelos participantes como pelos visitantes do Espírito que nos falaram, incluindo o Controlador do Círculo, o guia do Espírito de Stewart, White Feather, o jovem Christopher, cujo propósito era, e ainda é, fazer toda a gente rir para elevar as vibrações, com o robusto, assertivo, mas sempre

muito amigável Walter Stinson, todos os quais, juntamente com Freda Johnson, que se juntou ao Círculo mais tarde, se tornaram desde então amigos do Espírito muito próximos.

Seria impraticável relatar todos os eventos da noite, mas há alguns dignos de recordar. White Feather abriu a sessão com uma saudação muito calorosa, seguido por Christopher a conversar à sua maneira inimitável, e Walter apresentou-se brevemente dizendo que regressaria mais tarde. Foi seguido pela voz extremamente baixa de uma senhora pertencente àquela médium renomada e famosa, a Sra. Osborne Leonard, que se desculpou por demorar algum tempo a ter controlo total porque havia tanto a ser feito enquanto falava. Foi de facto um momento excitante encontrar uma senhora tão conhecida que depois se dirigiu a mim pessoalmente.

«Sr. Harrison, temos algo como uma surpresa que gostaríamos de trazer para si mais tarde, se pudermos. Sabemos que tem ansiado por esta noite e nós próprios temos ansiado pela sua visita. Há uma ou duas pessoas que estão particularmente ansiosas por falar consigo.» Ela continuou a comentar o meu background e o valor das minhas palestras pelo país, e esperava que de alguma pequena forma nessa noite pudessem recompensar-me. Certamente não procurava qualquer recompensa, mas ansiava pelo desenrolar dos eventos da noite. A Sra. Leonard deu então palavras de encorajamento a Denise Lister, a quem se tornara estreitamente ligada e esperava trabalhar através dela.

Christopher regressou e disse: «Há um tipo a correr para cima e para baixo aqui com um balde de água. Tom, isto significa algo para ti.» Eu tentava pensar em alguém que pudesse estar ligado aos serviços de incêndios quando Christopher acrescentou: «Ele diz que há algo no Círculo que lhe pertence.» Prontamente respondi: «A trombeta?», que a esta altura já estava suspensa no ar. «Quem é Running Water – ele não vem há muito tempo», disse Christopher. «Verdade», disse eu, «ele é o guia do Espírito principal da Tia Agg que usava esta trombeta no Círculo Doméstico dela nos anos 1930.»

Evidência esplêndida tão cedo na sessão.

Neste ponto, a nossa trombeta rodopiava pela sala, claramente visível pelos quatro pontos luminosos na extremidade em forma de sino. Sunrise, o guia do Espírito principal da minha mãe, deu então o seu sinal de um círculo, no sentido dos ponteiros do relógio e no sentido contrário, como sempre fazia, antes de a trombeta parar imediatamente à minha frente. Depois, acenou para cima e para baixo, empurrou-me gentilmente no estômago, rolou sobre as minhas duas mãos e finalmente sobre a minha

cabeça. Sem dúvida apreciarão que a esta altura eu estava muito excitado e só conseguia repetir «Excelente, brilhante, maravilhoso...» etc. Depois, ambas as trombetas moveram-se em uníssono muito rapidamente pela sala – e muito mais longe do médium do que nunca – de acordo com os comentários excitados de todos os participantes. Christopher acrescentou: «É porque o Tom trouxe algum poder.» «Obrigado, Christopher.»

A trombeta de Stewart estava agora suspensa à altura da cabeça do outro lado da sala, enquanto a nossa se encontrava logo acima da altura do joelho, apontando para mim e para Gaynor, a irmã de Stewart sentada à minha direita, que estava adjacente a Stewart. Gaynor e eu mal conseguíamos ouvir da nossa trombeta uma voz baixa que se revelou ser a da minha mãe a dizer "Meu rapaz" e o que soava como "Sonny". Era assim que ela me chamava até eu ter cerca de 10 anos, e mesmo em anos posteriores muitas vezes me chamava Sonner, o que era desconhecido para qualquer outra pessoa naquela sala. Ela terminou com um barulho de beijo muito alto – típico da minha mãe. O que não tínhamos percebido na altura era que a mesma mensagem estava a ser transmitida através da outra trombeta para os participantes do outro lado da sala – som estereofónico pela primeira vez no círculo de Stewart – algo um pouco especial desfrutado por todos os participantes! Como Christopher explicou excitadamente: "A caixa de voz estava ligada a ambas – isso não aconteceu antes, coisas excitantes, eu disse-vos que estávamos a experimentar algo diferente."

White Feather deu então o seu som de boas-vindas através da trombeta e, a esta altura, eu já tinha sido transportado de volta às maravilhosas sessões com o Saturday Night Club quase 50 anos antes. A voz seguinte, também bastante baixa, surpreendeu-me completamente – "Estou a fazer o meu melhor – não consigo pensar – já falei antes, não aqui Tom jovem Tom, não me reconheces – não me consegues ouvir (Sim) Willie (Willie Earle) Sim – há muito tempo eu não mudei, só envelheci – esperei 40 anos por isto!"

Outra voz especial do passado, sobre a qual vos falei na Sessão 73.

Quando o Tio Jack falou e me tocou na cabeça com a trombeta, eu estava verdadeiramente exaltado e a desfrutar plenamente de uma noite tão notável. As vozes continuaram a vir através de ambas as trombetas e, após mais três pessoas do Espírito terem falado, vimos, numa luz vermelha ténue, uma mão ectoplásmica a segurar uma placa, com Christopher a dizer: "Queríamos torná-lo memorável para ti."

Ao que respondi, não poderia ter sido mais memorável. Ele acrescentou então: "Envie o nosso amor a Sydney e Gladys, eles são simpáticos, não são?" "Sim, vou vê-los amanhã", respondi.

As trombetas regressaram então ao chão e tivemos um longo discurso de um senhor chamado Jack, que controlava Stewart com bastante frequência. Ele era muito próximo de Christopher e costumava levá-lo a pescar. Falou com muita clareza e, após me dar as boas-vindas, afirmou que estavam todos encantados com os resultados daquela noite. O meu poder extra tinha feito uma diferença tão grande. Christopher regressou então, controlando Stewart, para adicionar: "O poder baixou muito – fizemos o nosso melhor – Tom, podes vir outra vez (Gostaria) – bem, eu convidei-te (Obrigado) – acho que foi encantador – as pessoas aqui ficaram muito contentes – disseram que esperaste muito tempo (Sim) – A tua mãe é encantadora, ela fez muito trabalho quando estava do teu lado – é por isso que tentámos dar-lhe uma recompensa – não consigo aguentar mais – adeus, adeus."

White Feather regressou para dar a sua bênção... "Ireis todos daqui sabendo que tendes amor no nosso mundo. Boa noite." Um dos outros participantes encerrou com uma oração e a sessão terminou às 21h40.

Os comentários alegres de todos os participantes depois ecoavam simplesmente os meus próprios sentimentos mais profundos de uma maravilhosa conjunção de ambos os mundos – o propósito do Saturday Night Club, que eu tinha verdadeiramente sentido falta desde a passagem da minha mãe em novembro de 1958. Ofereci os meus sinceros agradecimentos a Stewart e a todos os participantes, esperando poder fazer outra visita a um Círculo Doméstico tão sincero e harmonioso – o que veio a acontecer cerca de oito semanas depois, a 15 de junho – outra noite maravilhosa.

Naquela altura, devido à preponderância das minhas palestras no norte de Inglaterra e na Escócia, o meu horário significava que eu estava na área de Hull cerca de cada quatro ou cinco semanas, e Ann e eu tivemos a sorte de sermos convidados para nos sentarmos com Stewart em janeiro de 1994 – a primeira sessão de Ann num círculo físico. O convite tornou-se aberto para nós sempre que eu estivesse na área e sentámo-nos pelo menos uma vez por mês durante 1994 e nos primeiros seis meses de 1995. Pouco depois de agosto de 1995, quando me mudei para viver com Ann em Swanland, perto da Ponte Humber, tornámo-nos membros regulares deste Círculo Doméstico único em Hull. Desfrutámos plenamente das sessões semanais até à nossa mudança para Espanha em janeiro de 2000, quando fomos agraciados com uma adesão honorária permanente para nos

juntarmos aos nossos amigos sempre que estivéssemos na área de Hull durante as nossas visitas ao Reino Unido – noites ansiosamente antecipadas – as joias da coroa! Os nossos sinceros agradecimentos e gratidão vão para Stewart e Ray por tornarem estas coisas possíveis, juntamente com os nossos queridos amigos em ambos os mundos.

O Círculo Doméstico de Stewart, com algumas mudanças nos membros, tem-se reunido há cerca de 30 anos e os fenómenos físicos estão a desenvolver-se progressivamente, como confirmado por todas as pessoas privilegiadas que se sentaram com ele tantas vezes nas suas demonstrações públicas ao longo da última década. Compreendo que, quando o Círculo começou, concentravam-se no irmão de Stewart, Michael, como o médium potencial, mas gradualmente tornou-se claro que as pessoas do Espírito queriam trabalhar através de Stewart, cuja mediunidade agora inclui telecinesia ruidosa com baquetas de bateria e pequenos sinos, movimentos giratórios de trombetas e vozes do Espírito através da trombeta, uma variedade de experiências realizadas pelo sempre ativo e visionário Walter Stinson, um dos principais ajudantes do Espírito de Stewart, incluindo a passagem de matéria através de matéria, envolvendo os laços de cabo de plástico inquebráveis que prendem os pulsos de Stewart às poltronas.

Contacto físico, em numerosas ocasiões, entre a mão ectoplásmica de Walter e a mão do participante – tudo visível em luz vermelha.

Pessoas do Espírito a falar sem usar a trombeta, mas usando uma caixa de voz independente – colocada psiquicamente ao lado de Stewart pelos cientistas do Espírito, e o mais impressionante de tudo: pessoas do Espírito em forma sólida, com passos audíveis enquanto andam pela sala, tocando e conversando com os participantes.

A intenção declarada de Walter é conseguir iluminar tais formas com as suas próprias luzes do Espírito, eliminando assim a necessidade de uma luz vermelha física, que usávamos no nosso Círculo Doméstico em Middlesbrough. Deve-se lembrar que uma luz física de qualquer tipo ou cor terá sempre, em graus variáveis, um efeito adverso nos fenómenos, independentemente do facto de a permissão ter sido dada pelos ajudantes do Espírito. Durante os períodos iniciais de blackout completo, há momentos em que Stewart, que está amarrado e preso à sua cadeira, sai inesperadamente do transe, para ver as trombetas a girar no ar acima dele e ouvir vozes do Espírito tanto através da trombeta como da caixa de voz independente – exatamente o mesmo que o renomado médium de voz Leslie Flint fazia. Isto é outro esplêndido indício do desenvolvimento da sua mediunidade. A primeira vez que isto aconteceu no Círculo Doméstico, Stewart ficou bastante surpreendido e fez uma exclamação excitada como

"O que é aquela luz a voar pela sala?", o que provocou muitas risadas dos participantes que tentaram explicar-lhe que era "apenas" as giratórias da trombeta – uma ocorrência regular que eles desfrutavam todas as semanas – mas era totalmente novo para Stewart. Tudo em boa diversão, comentávamos, altura em que ele já tinha partido novamente e a sessão continuava.

Compreendereis que este não é o lugar apropriado para escrever uma conta biográfica da notável mediunidade de Stewart. O seu irmão Michael é muito mais competente nesse aspeto, mas o meu propósito principal é informar-vos de que o tipo de mediunidade física que experimentámos nos anos 1940 não desapareceu completamente, mas, por razões pessoais, é geralmente mantido em segredo em Círculos Domésticos privados. Basta-me dizer que as demonstrações públicas de Stewart começaram em 1992, principalmente para ajudar a estabelecer a recém-formada Noah's Ark Society, que tinha sido iniciada em 1990, por instigação de Noah Zerlin do mundo do Espírito, para encorajar fenómenos psíquicos físicos e apoiar Círculos Domésticos que se reuniam para tais fenómenos.

O vasto conhecimento histórico de Stewart sobre este assunto, apoiado pela sua enorme biblioteca, tornava-o idealmente adequado para o cargo de Oficial de Arquivo, que ocupou durante muitos anos, além da sua Presidência, que ocupou mais tarde. As suas palestras nos seminários eram sempre interessantes e informativas, mas o seu desenvolvimento como médium físico era um assunto de estrita privacidade – até oferecer os seus serviços no final de 1991. Colin Fry, então a trabalhar sob o nome de Lincoln, já dava demonstrações públicas nos seminários, por isso Stewart, finalmente superando o seu nervosismo e abdicando da sua privacidade, deliciou os membros com a sua excelente mediunidade.

Como diz o ditado... o resto é história, e ele deu dezenas de demonstrações notáveis em todo o Reino Unido e no estrangeiro, mas permanece um homem muito calmo e privado que está profundamente comprometido com o seu Círculo Doméstico semanal, onde Walter Stinson e os cientistas do Espírito realizam as suas experiências – com as quais Ann e eu tivemos o prazer de nos envolver.

Outro aspeto importante dos Círculos Domésticos é a regularidade das sessões, independentemente de todos os membros estarem disponíveis. Normalmente há oito participantes no Círculo Doméstico de Stewart, mas devido a férias e compromissos de trabalho, os números podem por vezes ser reduzidos, como foi o caso a 30 de janeiro de 1996, quando as minhas notas gravadas mostram que tivemos uma sessão notável com apenas três participantes, Denise, Ann e eu próprio, além de Stewart, claro. Walter

Stinson logo controlou Stewart dizendo: "Há certas experiências que gostaríamos de tentar (os meus comentários com apenas quatro de nós?) o que perdemos em números mais do que compensamos em harmonia, claro que seria bom ver um círculo completo, mas compreendemos e agradecemos-vos a vós poucos por virdes permitir-nos esta noite avançar com os nossos desenvolvimentos, esperamos que levem algo convosco para tornar os outros invejosos (muitas risadas) – sem promessas, mas veremos."

Após mais alguns minutos a falar, Walter partiu e foi rapidamente seguido por uma voz de senhora muito clara e culta, que explicou que assistia a todas as nossas reuniões, mas tinha estado à espera nos bastidores há muito tempo, com grande paciência, para ser dada a oportunidade de tentar falar comigo. Explicou que o conteúdo da sua conversa naquela noite era muito menos importante do que a qualidade do seu discurso real durante este o seu discurso de estreia e identificar-se-ia quando se sentisse mais confiante. Continuou a falar com muita clareza, agradeceu-nos por a acolhermos e a escutarmos por estes poucos momentos. Isso provou ser a introdução a uma senhora que logo se tornou, e permanece, um membro importante da equipa do Espírito – a amigável Freda Johnson.

Dentro de um minuto após a senhora partir, um senhor falou com alguma dificuldade no início, mas logo melhorou e conversou de forma inteligente. "Tenho de perguntar onde está toda a gente esta noite?" Explicámos sobre férias e trabalho e os seus comentários seguintes, sinto, merecem nota: "Tudo o que realmente importa é que se reunam todas as semanas, que continuem o contacto. Eu próprio acho isto bastante espantoso, bastante espantoso que eu, num mundo removido do vosso, consiga fazer-me ouvir no vosso mundo, e o que é ainda mais surpreendente é que consigo ouvir-vos a falar também... Há tanto a ser feito na mediunidade... no círculo.

No vosso mundo, empurrando o barco para fora. Estendendo para a frente... alcançando para a frente... continuamente tentando alargar os nossos horizontes. É só dessa forma que podemos realizar tudo o que esperamos no tempo. Nada foi alguma vez ganho pela satisfação com o que foi alcançado até agora, as coisas só podem ser desenvolvidas mais ao empurrar todo o tempo, continuamente dentro dos limites de segurança, claro... isso é óbvio. Há muitas almas a rodear-vos esta noite, de pé atrás de vós, Sr. Harrison, não é a minha tarefa passar mensagens, mas há uma Minnie convosco... ela é tão insistente (obrigado, a minha mãe)."

Christopher seguiu imediatamente, queixando-se de que não tinha conseguido entrar, havia tantos outros a querer vir. Perguntou-me se eu conhecia o nome Tom Tompkinson (sim, um velho amigo de Sydney

Shipman) e quem era a Sra. Lumsden, e se Doris (a minha falecida esposa) a conhecia (sim, era a avó de Doris). Todos os três sentimos então pessoas do Espírito a tocarem-nos por trás – Denise a ser tocada no braço, o que podíamos ouvir claramente, eu senti alguém a tocar-me na cabeça muito gentilmente. Ann ouviu alguém a caminhar na sua direção soprando gentilmente, seguido por alguém a tocar-lhe gentilmente na cabeça e depois uma mão firme em cada um dos seus ombros, pressionando com muita força. O sino que tinha sido chutado para o chão foi então levantado e a tocar à nossa frente e foi finalmente deixado cair no joelho de Denise, juntamente com o bloco de notas e o lápis, que é sempre colocado ao lado de Stewart. Em mais de uma ocasião ouvimos a cadeira de Stewart a ser levantada e batida no chão, e de repente senti as cordas, que estavam ao lado de Stewart, a caírem nos meus joelhos.

Christopher pediu então para tentar um teste de livro comigo, que se revelou muito informativo. Descreveu brevemente a capa do livro e eu tinha de ler a página 11, que tinha um vinco. Pela sua descrição, logo encontrei o livro, um velho manual de educação Lyceum em papel que eu usava regularmente quando era rapaz, virei para a página 11, que tinha um vinco no meio e encontrei apenas nove linhas no topo da página, que agora cito:

"Círculos é a

Uma das características mais marcantes dos Círculos Domésticos regularmente realizados é a pontualidade dos convidados do Espírito. O compromisso parece-nos nunca esquecer. O retorno do Espírito é tão

natural que aconteceu e sempre acontecerá, enquanto o amor e a amizade forem encontrados no universo. Enquanto aqueles que cruzaram a ponte da morte quiserem provar que o amor e a amizade são do Espírito e nunca morrer."

Senti que isto era tão apropriado considerando o que nos tinha sido dito anteriormente nesta sessão.

No final da sessão, quando acendemos a luz, vimos os nossos sapatos, que sempre removemos durante uma sessão, tinham sido movidos pela sala e, mais importante, escrito no bloco no joelho de Denise estava – "Denise, Amor, G.O." Uma mensagem de Gladys Osborne Leonard que quer trabalhar através de Denise quando o momento for oportuno. Uma hora maravilhosa de sessão, com apenas quatro participantes em vez dos habituais oito. Para aqueles que se reúnem nos seus próprios Círculos Domésticos – mantenham a continuidade das sessões independentemente

do número de participantes – devem-no aos vossos trabalhadores do Espírito.

A menção ao teste de livro lembrou-me a Experiência Transatlântica a 1 de novembro de 1994, realizada em cada lado do Atlântico, à mesma hora (tendo em conta as diferenças de fusos horários). Foi proposta por Riley Heagerty, que residia em Oswego, Nova Iorque, EUA. Riley escreveu a Stewart para ver se os controlos do Espírito de Stewart podiam interligar-se com a sua vibração na sua casa, a partir de uma madeixa de cabelo e uma pequena foto dele próprio, que ele enviara a Stewart. O meu interesse pessoal nesta experiência diz respeito ao facto de eu ter-me sentado com Stewart na semana anterior, que era a data original fixada para a experiência, mas por várias razões teve de ser adiada, por isso não estive presente e não tive efeito nos acontecimentos. Um relatório detalhado está incluído no bem escrito livreto de Katie Halliwell sobre Experiências de Transe e Mediunidade Física ligadas ao Círculo de Stewart, mas gostaria de referir uma peça significativa de evidência dada através de Christopher nas palavras próprias de Riley, quando comentou após ouvir a gravação em fita feita durante a sessão em Hull!

"Vamos passar para a contribuição de Christopher: uma grande estante com muitos e muitos livros – perfeitamente correto, claro. Terceira prateleira de cima para baixo, décimo quarto livro da esquerda: panfleto... ao lado deste panfleto está um livro e a capa está rasgada. O panfleto de todas as coisas, meus amigos, é 'Visits by Our Friends from the Other Side', sobre Minnie Harrison, escrito por Tom Harrison, e ao lado do panfleto está um livro com capa rasgada – Wisdom of the Gods de Denis Bradley. Stewart mencionou que o Sr. Harrison poderia ser um participante convidado. Não sei se foi, mas de qualquer forma foi espantoso."

Apenas outro exemplo de quão próximos os nossos amigos do Espírito podem ficar, quando chamados com amor e harmonia.

Katie Halliwell tem-se sentado com bastante regularidade com Stewart desde 1999, principalmente para recolher informação para o seu livreto e fitas áudio sobre o Círculo de Stewart intitulado Experiences of Trance and Physical Mediumship, previsto para lançamento em outubro de 2003. Ela é profundamente surda desde o nascimento, mas porque a sua fala é bastante normal, as pessoas não se apercebem de quão surda ela é. Frequentou sessões de terapia da fala ao longo dos seus dias de escola na Odsal House School for the Deaf em Bradford.

Deixe Katie continuar – "De volta a 1999 e 2000, Freda, sabendo da minha deficiência auditiva, comentava frequentemente aos outros

participantes: Katie ouviu-me? Como eu estava sentada em total escuridão, não podia usar o meu outro sentido para me ajudar a lidar com isso. Não conseguia ler os lábios, não conseguia observar as expressões faciais das pessoas, não conseguia procurar sinais de que alguém estava a falar comigo, mas nunca fui deixada de fora. As pessoas do Espírito e os membros do Círculo faziam sempre o máximo para me ajudar a comunicar com o Outro Lado.

"Quando lia a transcrição de Ann das minhas fitas, só então percebia quantas palavras não tinha captado durante aqueles primeiros dois anos. Mas desde que as 'condições especiais' foram preparadas para mim pelos ajudantes do Espírito, Freda e Walter já não precisam de pedir constantemente ao Círculo para me perguntar se os ouvi. Embora por vezes seja lenta a responder e ainda precise de usar os meus aparelhos auditivos, agora não tenho dificuldade em receber comunicação oral do Mundo do Espírito.

"Em casa, ao escutar as fitas, tenho de me concentrar nas palavras – mas na sala de sessão, não parece haver esse problema. Há um elemento de clareza e, porque não preciso de me concentrar tanto, posso juntar-me à conversa. Também notei que, quando entro na sala, sinto sempre como se estivesse a usar algum tipo de chapéu. Há definitivamente uma leve pressão sobre e à volta da minha cabeça e orelhas, com uma forte sensação de formigueiro acima e à volta da cabeça.

"Com estas condições especiais, a única vez em que o Círculo teve de interpretar para mim foi quando John Sloan me falou com o seu forte sotaque escocês. Não era um problema de audição – simplesmente não conseguia entender o que ele estava a dizer! Katie não era a única!

Durante uma sessão em maio de 2000, Walter expressou o seu sincero desejo a Katie de que 'Nós no nosso mundo nada mais gostaríamos do que poder curar aquilo que está errado – mas isso não é assim – não é possível. Podemos fazer o que podemos, mas onde perdeste numa direção, ganhaste tanto noutra. (K. Sim, definitivamente) És uma alma querida. Podes sentir que és uma voz no deserto – mas deixa-me dizer-te, és amada no meu mundo. As tuas palavras, quer faladas quer escritas, transmitem tal importância e afetarão as mentes e os corações de mais pessoas do que podes começar a imaginar. O teu amor pelo nosso mundo é reconhecido no nosso mundo.'

Então, a 9 de abril de 2002, uma voz do Espírito foi ouvida via Voz Independente, dizendo que o mecanismo de fala tinha sido bem estabelecido e construído naquela noite. 'Estamos cientes do teu

impedimento auditivo, Katie, e fizemos tudo o que podíamos para construir tubos de fala a partir das orelhas esquerda e direita. Não temos a certeza de quanto tempo conseguiremos mantê-los, mas faremos o nosso melhor.'

Foram feitas em 27 de agosto, com o falante da Voz Independente a adicionar... 'A primeira parte do teu trabalho está agora quase completa. Sabemos que, através dos nossos esforços, através do teu amor pelo meu mundo, do teu amor por esta grande e maravilhosa Verdade, muitas pessoas serão tocadas pelas tuas palavras, serão tocadas por tudo o que fizeste e, portanto, trará grande conforto.'

Então, durante a nossa Sessão a 19 de agosto de 2003, Walter Stinson fez um pedido especial acerca da situação de Katie. Cito: 'Tom, Ann, pode ser de interesse apontar-vos a ambos aquilo que é tão óbvio, mas que podeis ter falhado em apreciar. Dizemos isto porque, no trabalho em que estais envolvidos no presente – as tuas memórias, Tom –, isto merecerá, e com razão, um lugar dentro delas.

'Sabeis que a nossa amiga Katie é, em muitos aspetos, profundamente surda. Quando ela entra nesta sala, onde os nossos dois mundos se encontram e se misturam, então, por causa do trabalho que ela fez e fará, é vitalmente importante e necessário garantir que a senhora consiga ouvir tudo o que transcorre. Por essa razão, as pessoas científicas no meu mundo ligadas a este Círculo começaram a trabalhar num método pelo qual, uma vez que ela esteja aqui dentro, e a luz tenha sido extinta, possam ser feitos arranjos para que ela não perca nada e consiga ouvir. Não é assim, Katie? (K. É, Walter).

'Isso em si demonstra novamente com clareza o poder do Espírito. Compreendes, Tom? (Sim) O poder do Espírito – por isso dizemos a todos aqueles que possam ter impedimentos auditivos que, dentro da nossa sala, serão sempre feitos arranjos para tentar garantir que aqueles que são assim afetados consigam apreciar e ouvir por si mesmos. Sabemos que há tantos no vosso mundo sem compreensão do nosso trabalho, que avançarão sempre teorias, por mais ridículas que sejam, por mais inadequadas, para explicar o que acontece aqui. Mas deixa-os explicar isso, Tom. Hmm?'"

Ann e eu temos sido, e ainda somos, privilegiados em desfrutar e testemunhar uma superabundância de tais fenómenos físicos genuínos através de um médium tão humilde, modesto e amigável, e deixarei Ann descrever algumas das suas experiências únicas acerca do Ectoplasma e de pessoas do Espírito totalmente materializadas a andar pela sala do Círculo.

"Enquanto transcrevia a fita para Katie, fiquei tão contente ao ouvir a descrição de Freda sobre o que é o ectoplasma. Ela deu a seguinte descrição: 'A vida em si é uma trindade. Há o corpo físico, o corpo espiritual e há a mente. Dentro do teu corpo espiritual está a tua mente. O cérebro físico dá expressão à tua mente. Compreende, portanto, que há matéria física e há matéria espiritual. Entre as duas há uma forma de energia dinâmica, à qual muitas vezes nos referimos como "ectoplasma", pois não é nem física nem espiritual na natureza. Situa-se entre os dois estados. É tanto espiritual como físico. Quando tentamos manifestar-nos de forma física, temos de tirar do médium a energia vital, o ectoplasma. O ectoplasma pode ser manipulado pelas pessoas científicas no meu mundo de tal maneira que a sua estrutura molecular pode ser alterada de algo que é quase como fumo na aparência para algo que é sólido ao toque. Faço com que pareça muito simples... mas é muito complexo e é por isso que o ectoplasma é extremamente sensível a qualquer forma de luz...'

Esta 'mudança de estrutura molecular' foi demonstrada para mim em agosto de 1998, quando, devido à ausência de Gaynor, pude sentar-me ao lado de Stewart no Círculo Doméstico. Já tínhamos tido vários visitantes do Espírito quando Freda regressou e pediu-nos para testar a luz vermelha sob a superfície da mesa, para que pudessem experimentar o brilho que o ectoplasma conseguiria suportar naquela noite. Como o ectoplasma era extraído via umbigo de Stewart, como nos foi dito, podíamos ouvi-lo a efervescer e a crepitar, e Michael brincou sobre ser o pano de queijo que os médiuns supostamente secretam para produzir as aparições. Comentei que soava mais como celofane enrugado e Tom disse-nos que era exatamente como se lembrava cinquenta anos antes. Naquela noite, conseguimos aumentar a luz mais do que nunca e ver a forma amorfa do ectoplasma, em silhueta, contra a luz. Foi então moldado numa pinça com a qual uma trombeta ou outros objetos poderiam ter sido apanhados.

Freda disse-nos então para apagarmos a luz e pediu-me a minha mão, mas para a virar com a palma para cima. Estendi a minha mão direita em direção a Stewart. O meu pulso foi agarrado por dedos fortes de modo que não conseguia movê-lo da posição que queriam. Stewart, como de costume, estava preso à sua cadeira com cordas, e os seus braços seguros aos braços da cadeira com fortes laços de cabo, por isso não poderia ter sido a sua mão a agarrar o meu pulso. Senti algo a mover-se pelos meus dedos. Na textura, era como um pequeno saco de plástico cheio de líquido. O saco foi movido para cima e para baixo pelos meus dedos e depois, de repente, desapareceu e o meu pulso foi solto. Coloquei a minha mão de volta no meu joelho.

Freda pediu 'Novamente, Ann.' Estendi a mão e novamente dedos agarraram o meu pulso. Desta vez, um pedaço de pano fino mas áspero foi colocado e puxado pelos meus dedos. Disse aos outros: 'Está deitado sobre a minha mão. É como pano.' Imediatamente veio a resposta de Freda: 'Como pano de queijo.' Sim, era! Era bastante diferente de uma sessão anterior, quando tinha sentido como seda. Tão rapidamente como veio, desapareceu. Freda falou novamente: 'Então, deixem-nos tentar no que, suponho, seria descrito como o seu estado desmaterializado. Ou seja, o estado antes de assumir uma forma sólida. Dá-me a tua mão novamente, Ann. Deves dizer a todos aqui se consegues sentir algo. Estou a pegar na tua mão com a minha outra mão.'

Desta vez, quando estendi a mão, além de ser segurada à volta do pulso, outros dedos agarraram as pontas dos meus dedos. Houve um leve som de regurgitação de Stewart, e então pela minha mão veio uma brisa fresca. Tão gentilmente, uma bela brisa fresca a fluir pela minha mão. A sensação é difícil de descrever porque não era nada como alguém a soprar na tua mão, mas mais como o ar frio que flui para ti quando abres o congelador. Continuou por alguns segundos antes de eu me aperceber de que a frescura estava a diminuir e a 'brisa' estava a tornar-se bastante quente. Os meus dedos foram soltos e baixei a mão.

Mais uma vez, tinha sido honrada. Tinham-me dado a oportunidade de experimentar o que tão poucas pessoas têm a chance de – conhecer o toque dessa substância raríssima – ectoplasma. Anteriormente, tinha-o sentido como carne quando Walter me convidou a sentir as costas da sua mão quando a materializou contra a mesa iluminada por baixo. Mas ser confiado e amado o suficiente para receber a experiência única daquela noite é humilhante e carrega uma responsabilidade. Recebi estes maravilhosos 'encontros próximos' por causa do contacto que tenho com as pessoas quando Tom dá as suas palestras, para transmitir quão perto os nossos amigos do Espírito realmente estão, e o que é possível entre nós quando há amor, harmonia e dedicação.

Todos os membros do círculo experimentam outros maravilhosos encontros próximos. Uma noite, quando Gaynor estava decididamente 'de baixa' e à espera de tratamento hospitalar, foi instruída a relaxar. Sentiu duas mãos sobre a sua cabeça e experimentou uma profunda sensação de paz e cura. À medida que as formas materializadas aumentaram a distância que podem afastar-se do médium, aqueles de nós no lado oposto da sala sentimos as suas mãos e, frequentemente agora, mais do que duas mãos são materializadas, tocando diferentes pessoas ao mesmo tempo. Num caso, novamente na fita transcrita para Katie, que está disponível com o seu

livro, pode-se ouvir a conversa enquanto Katie e Mike têm mãos a tocá-los simultaneamente. Várias vezes, June e Gaynor, sentadas a mais de seis pés uma da outra, descreveram mãos a serem colocadas nas suas cabeças e a brincar com o seu cabelo. Eu senti mãos grandes, mas Gaynor sentiu mãos pequenas como de criança.

As mãos não são apenas colocadas nas nossas cabeças. Tive a minha mão tirada do colo, batida com força, para mostrar quão sólidas são, e depois beijada. Tudo isto é feito infalivelmente, em completa escuridão. Podem segurar o teu ombro, beliscar uma orelha e acariciar a tua face, como aconteceu a Tom quando a sua mãe regressou uma noite. Mas não somos os únicos beneficiários destes encontros. Uma noite, tendo sido dito para nos mantermos perfeitamente imóveis, a forma materializada de pé à minha frente (sei que ele estava lá por causa da energia que era quase tangível) colocou as suas mãos muito grandes na minha cabeça e, enquanto movia os dedos pelo meu cabelo, que é muito ondulado, comentou que sensação estranha era para ele sentir o meu cabelo."

Obrigado, Katie e Ann, pela vossa contribuição.

Tudo isto acontece em total escuridão por enquanto, mas quando nos sentámos em agosto de 2003, Walter Stinson segurou uma bola de luz verde pirica numa mão e colocou a outra mão perto da luz para que Ann e eu a pudéssemos ver com clareza. Também podíamos ver os dedos da mão que segurava a luz em silhueta contra a bola enquanto a segurava. A sua determinação em provar ao mundo que não só existem, mas que estão tão perto, impulsiona a experimentação cada vez mais, mas sempre dentro de limites seguros para o médium e todos os participantes.

Estou convencido de que há muito mais por vir com os esforços combinados de Walter, Christopher, Freda e, acima de tudo, claro, de Stewart e do seu guardião vitalício White Feather, com a multidão de trabalhadores do Espírito nos bastidores – uma equipa admirável e resoluta.

Faz-nos pensar!

Nas sessões de Stewart Alexander, os seus joelhos são marcados com tiras de fita luminosa seguras por um pedaço de fita adesiva. Nas sessões do Círculo Doméstico em 1995, enquanto os cientistas do Espírito experimentavam, as etiquetas seriam removidas pelos espíritos e atiradas pelo ar ou fixadas a algum outro objeto afastado do médium. Numa ocasião, em maio de 2005, uma foi fixada à minha trombeta, que estava a ser usada no círculo. Decidi que devia ficar como marcador extra,

cobrindo-a com mais fita adesiva para a fixar firmemente à superfície, pois a fita original estava amassada.

Durante uma sessão 'pública' da Noah's Ark numa noite de julho muito quente em Rotherham, Ann notou que o laço extra tinha desaparecido, embora tivesse estado lá antes do início da noite.

Na segunda-feira, 5 de fevereiro de 1996, trouxe o meu livro de mapas rodoviários do carro e descobrimos que as primeiras páginas, bem no centro das páginas, estavam coladas com fita adesiva e, ao separá-las, lá estava a tira luminosa e a sua fita amassada. Como é que tinha chegado lá? Não temos explicação física. A trombeta era sempre transportada num saco de pano com fecho éclair. Em nenhum momento a trombeta e os mapas tinham estado em contacto no carro, mas, se tivessem estado, o separador estava demasiado bem fixado para se ter transferido acidentalmente, especialmente para o centro do interior do livro!

Acho que estavam a divertir-se e apenas a mostrar-nos quão perto estão. Ainda temos o pedaço de fita na nossa memorabilia.

25

OS NOSSOS CÍRCULOS DOMÉSTICOS NOS ANOS 1990

A maior parte do meu livro tem-se centrado no nosso Círculo Doméstico de Middlesbrough no final dos anos 1940 e 1950, mas é importante informar-vos de que fenómenos físicos semelhantes ainda ocorrem em Círculos Domésticos. Além do Círculo de Stewart Alexander, Ann e eu fomos membros de dois Círculos Domésticos, um na casa dos nossos amigos a cerca de uma hora de carro, de maio de 1991 a 1997, que foi seguido por um na nossa própria casa em Brayton, perto de Selby, de janeiro de 1998 até nos mudarmos para Espanha em janeiro de 2000.

Em janeiro de 1998, quando Ann e eu nos mudámos para Brayton, perto de Selby, tivemos a sorte de os nossos dois amigos do antigo círculo se juntarem a nós no nosso próprio Círculo Doméstico. O formato era muito semelhante, com a nossa amiga como médium principal, embora cada um de nós, por turnos, se sentasse para desenvolver a nossa própria mediunidade. Fiz um "gabinete" de cortinas pretas num aro de madeira, que esperava que fosse aprovado. Quando me sentei nele pela primeira vez, numa cadeira giratória, o controlo principal do círculo girou a minha cadeira rapidamente. Bati contra as cortinas e destruí toda a estrutura.

Obviamente, era necessário algo mais forte e, como explicaram – material que retenha a energia –, para o nosso Círculo fiz um gabinete estruturado com três lados feitos de folhas de contraplacado pintadas de preto, e a frente com uma cortina preta num varão de correr. Este foi aprovado pelos nossos amigos do Espírito, que nos disseram que ajudava a concentrar a energia psíquica para quem quer que estivesse sentado nele, e todos nós o sentíamos quando tínhamos as nossas vez no gabinete. Ficámos encantados por acolher novamente o Guia do Espírito da nossa amiga, e também o 'diamante em bruto', que era o seu velho eu alegre.

Mais uma vez, tínhamos frequentemente uma pessoa do Espírito totalmente materializada de pé à frente da cortina do gabinete, enquanto o médium estava sentado no interior. Para nos provar que não era o médium ali de pé, ocasionalmente iluminavam o corpo todo desde a altura do joelho até ao topo da cabeça para mostrar que era um corpo completo, e quando perguntávamos se era o médium, a trombeta indicava "não" movendo-se da esquerda para a direita, como um abanar de cabeça, e depois batia no topo da cabeça do médium dentro do gabinete. Deixávamos sempre um bloco de notas e um lápis na pequena mesa no centro do Círculo e muitas vezes encontrávamos mensagens impressas do Guia do Espírito quando a luz era acesa.

As nossas sessões semanais eram tão alegres e amigáveis, levando-me de volta aos nossos dias com o Saturday Night Club 50 anos antes. Tínhamos participantes convidados ocasionais, incluindo as nossas amigas Carol e Hazel, mas a sessão de sábado, 20 de novembro de 1999, pouco antes da nossa mudança para Espanha, foi particularmente interessante quando o nosso muito bom amigo Eric foi o nosso convidado.

Ann e eu conhecemos Eric e a sua esposa Jackie pela primeira vez num convívio de Natal da Loja em 1997. Alguns anos antes, Eric tinha estado a um ano de ocupar a Cadeira na nossa Loja, mas teve de renunciar devido a problemas cardíacos. Para se manter envolvido, tornou-se secretário social e, portanto, foi responsável por organizar o convívio. A esposa de um dos outros membros, que estava sentada ao lado de Eric, mencionou-lhe que era uma "curandeira espiritual" e tinha esta urgência de colocar a mão no joelho dele para cura. Como Eric comentou – que frase de engate! –, mas ele tinha a certeza de que Marjorie não sabia que ele estava a recuperar de uma operação séria ao tendão. Marjorie disse-lhe então que ele devia contactar-nos e mais tarde apresentou-nos uns aos outros. Assim foi a introdução de Eric aos "assuntos Espirituais e Psíquicos", particularmente o aspeto da cura, e isto é o que ele escreveu mais tarde...

"A minha primeira visita a Brayton foi para levar um amigo para cura. Philip tinha cancro terminal nos pulmões, mas estava ansioso por vir. Ambos recebemos cura naquele dia e lembro-me de Philip comentar na viagem de regresso que a experiência tinha sido muito calmante e pacífica para ele. Eu relaxei visivelmente durante a minha sessão e parecia estar quase em estado de transe. Devido à pressão do trabalho e à posterior incapacidade de Philip para viajar, não consegui levá-lo novamente e ele morreu em abril. A sua viúva disse-me mais tarde que ele tinha morrido pacificamente, e sentia-se certa de que a única visita a Brayton lhe tinha dado força interior.

"Parece inexplicável agora, mas quase um ano passou antes de visitar Tom e Ann novamente. Encontrámo-nos na Noite das Senhoras em fevereiro de 1999, altura em que eu estava a recuperar de uma operação de triplo bypass. Desta vez, no entanto, a minha preocupação era por um familiar que estava gravemente doente e perguntei se podiam enviar pensamentos de cura para o ajudar. Fui convidado a visitá-los na semana seguinte para uma sessão de cura para ambos. À medida que esta primeira sessão de cura se aproximava do fim, fiquei espantado ao ficar subitamente consciente de o meu familiar ajoelhado à minha frente. Infelizmente, como com Philip, provou-se demasiado tarde para ele, mas iniciou um encontro regular para mim com Tom e Ann, inicialmente para me dar força para ajudar na minha recuperação.

"Desde o início, Tom disse que estava consciente de uma senhora idosa, não a minha avó, que era uma parente, mas não a presença. Logo se tornou claro que esta era de facto a minha tia-avó Florrie, que viveu connosco e com quem me tornei muito próximo. Ele tornou-se então consciente de um homem de pé com as mãos entrelaçadas à frente como um ministro. Naquela altura, Tom não sabia que o pai de Jackie era um vigário da Igreja de Inglaterra que tinha morrido dois anos antes. Ele foi posteriormente acompanhado por alguém de um posto superior ao do pai de Jackie, que se revelou ser o 'Tio John' dela, o Bispo de Sheffield, um amigo da família que oficiou no nosso casamento. Quando regressei a casa dessa visita, uma fotografia do pai de Jackie tinha caído da parede, e durante a noite as cortinas ondularam durante alguns minutos como se houvesse uma brisa.

"Nos meses seguintes, tivemos algumas sessões muito poderosas e Tom tornou-se consciente de uma multidão, todos a tentar entrar, com Philip a juntar-se aos Espíritos mencionados. Tornou-se óbvio durante o ano que nem tudo estava bem com o meu coração e uma segunda operação foi agendada para dezembro. Visitei Tom e Ann com muita regularidade

para acumular a energia extra para me ajudar na operação. Eles tinham-me falado das suas sessões com a amiga médium e o marido dela e sentiam que eu devia juntar-me a eles numa noite de sábado. Sempre recusei, pois não me sentia capaz de conduzir sozinho à noite, e não queria interferir no fim de semana de Jackie, já que ela trabalhava toda a semana. Disseram que, se ela não quisesse juntar-se a nós, compreenderiam perfeitamente e ela poderia trazer um livro e ler no escritório, que foi o que foi combinado.

"Não sabia o que esperar e, quando vi o gabinete, a trombeta, os sinos e o bloco de notas e lápis, devo admitir que me perguntei o que viria a seguir. Começámos com canções e hinos e juntei-me com entusiasmo. Em segundos, a trombeta voava por toda a sala e tivemos várias visitas, incluindo um dos ajudantes do Espírito da médium que me falou diretamente e demorou muito tempo a explicar que o seu trabalho era receber novos Espíritos e garantiu-me que tudo correria bem. Lembro-me de dizer a Tom depois que aquele comunicador se tinha esforçado tanto para me contar sobre o seu trabalho como rececionista Espiritual e esperava que não me estivesse apenas a preparar! Isto foi dito em tom de brincadeira, mas o comunicador garantiu a Tom numa sessão subsequente que só queria pôr-me à vontade e pediu desculpa – o que, claro, aceitei."

Na semana antes de Eric vir à sessão de sábado, tínhamos concordado, a pedido de um dos nossos amigos do Espírito, uma menina encantadora, em colocar alguns jelly babies num prato para as crianças do Espírito na semana seguinte. Por isso a Ann colocou cinco num prato e pô-los na mesa no centro do Círculo, que Eric viu antes de começarmos. O Guia do Espírito da médium falou com Eric assim que abrimos. "Boa noite, Eric. Quero dizer, antes de prosseguir, que estás perfeitamente seguro, não te preocupes e a tua boa senhora também está segura. Agora cantem." Durante o canto, o nosso sino pesado de senhora crinolina de latão foi levantado e tocado acima das nossas cabeças, o que espantou Eric. A trombeta também foi movida rapidamente pela sala antes de finalmente parar no ar à frente do gabinete, apontando para Eric. Ouvimos uma voz fraca a tentar falar com ele e eventualmente ouvimos "Esta é a Tia" que depois lhe falou brevemente.

Isto provou ser uma excelente evidência para Eric, que ele explicou mais tarde a nós. Durante as nossas sessões de cura anteriores com ele, eu sentia muitas vezes a forte presença de uma senhora e, pela descrição que lhe dei, ele reconheceu-a como uma das suas parentes, "Tia Florrie". Ela era de facto a tia da mãe dele, mas tinha-se tornado muito próxima de Eric e levava-o frequentemente em passeios de um dia. O que não sabíamos, no entanto, era que, como a tia sénior da família, era conhecida por todos

dentro da família simplesmente como Tia – sem o Florrie, que só era usado quando se falava com outras pessoas, como nós.

A criança do Espírito veio novamente para agradecer a Ann pelos jelly babies e disse que não os tinham vindo comer todos, o que nos intrigou na altura. Quando a luz foi acesa no final da sessão, no entanto, lá no prato, que tinha tido cinco jelly babies quando começámos, estava apenas metade de um preto, que, pela sua aparência, parecia ter sido mordido ao meio! Ficámos todos bastante surpreendidos com isto, especialmente Eric, claro, e ainda o temos, embrulhado, na nossa caixa de memorabilia. Eric tinha ficado agradavelmente perplexo com tudo e ficou encantado ao ver que o Guia do Espírito tinha impresso uma mensagem para ele no bloco que dizia: "Estamos sempre convosco." Esta página foi arrancada para Eric guardar como lembrança da sua primeira sessão num Círculo Doméstico. E a sua narrativa termina com: "Esta foi uma noite que nunca esquecerei."

Tornámo-nos muito bons amigos de Eric e Jackie e fizemos tudo o que podíamos para ajudar Eric na sua segunda operação, mais séria. Pareceu funcionar, pois Eric escreveu... "Estava certamente consciente da ajuda que Tom e Ann me estavam a dar. Antes da primeira operação, estava aterrorizado, mas desta vez, embora soubesse o que esperar, e que seria mais sério do que o anterior, relaxado e descontraído. No final, a operação foi muito mais difícil. Estive na mesa de operações durante cinco horas e meia, onde realizaram um quádruplo bypass e a reconstrução de uma artéria."

Os Espíritos estavam certos – tive uma recuperação difícil com dor adicional e numerosos contratempos, incluindo uma transfusão do sangue errado. Os meus rins quase falharam e estive a horas da diálise. Tom e Ann desempenharam um papel importante em ajudar-me a superar isto, visitando o hospital em Hull, e sentia sempre um impulso quando mais precisava. Tenho de dizer, no entanto, num tom muito egoísta, que considerei a mudança deles para Espanha em janeiro de 2000 como a mais inoportuna! Desde então, visitámo-nos uns aos outros e tivemos sessões de cura remota semanais, que Tom gosta de chamar "equilíbrio energético". Estas ajudaram certamente e tornaram-se mais fortes ao longo dos meses. Obrigado, Tom e Ann, não teria conseguido sem vós.

Como disse, somos amigos muito próximos e estamos encantados por saber que fomos os meios para permitir que os nossos amigos e ajudantes do Espírito ajudassem Eric tanto em tempos de necessidade.

Durante este período, fomos convidados para nos sentarmos de tempos a tempos com um Círculo perto de Doncaster. Kate tinha-me

escrito a pedir conselho após a minha palestra em Rotherham, desenvolvendo-se como médium de transe profundo e transfiguração, e ficámos encantados por ter a oportunidade de a ajudar. Através de Kate, fui apresentado a um novo companheiro do Espírito que queria trabalhar comigo para cura. Conhecido como Ching-Lee, ele identifica-se esfregando as minhas mãos ao longo dos meus braços como se estivesse com mangas largas de robes chineses. Poucos dias depois, falou-me novamente através de outro médium de transe respeitável no Arthur Findlay College e, para confirmar a sua identidade, pouco tempo depois, recebi um retrato psíquico de um médium no Sul do País de Gales. Foi bom ter esse primeiro contacto através de Kate e ele ainda trabalha comigo. Desfrutámos de muitas sessões tanto em casa de Kate como na nossa casa em Brayton. Obrigado a ambos pela vossa devoção ao mundo do Espírito.

A nossa última sessão de sábado em Brayton antes da nossa emigração para Espanha esteve cheia da atividade alegre habitual. A nossa médium foi controlada, mas disseram-nos que o seu Guia do Espírito não falaria, pois estava ocupado com algo especial. Tivemos uma sessão muito agradável e, durante o círculo, Ann e eu sentimos algo a voar pelos nossos ombros e a cair atrás de nós perto da nossa lareira. Pensámos que era provavelmente o bloco de notas, que tinha sido colocado na mesa como de costume, mas estávamos prestes a ter uma surpresa. Quando acendemos a luz, Ann olhou atrás de nós e viu um envelope branco no chão. Olhou e comentou que estava endereçado a Sr. e Sra. Harrison.

A nossa médium inclinou-se rapidamente e tirou-o da mão de Ann, dizendo que era dela e que não devíamos tê-lo até eles partirem – continha um cartão a desejar-nos felicidades na nossa nova casa em Eagles Nest, a pequena urbanização onde ainda vivemos. Ela estava obviamente bastante intrigada, pois tinha-o deixado, com um semelhante da filha deles, na sua mala fora da sala, no corredor, ao pé das escadas.

A porta para o corredor estava completamente selada com uma cortina, que tinha sido fixada com alfinetes de desenho quando estávamos todos dentro da sala. Por isso, o Guia do Espírito dela deve tê-lo desmaterializado, movido de dentro da sua mala com fecho éclair, trazido para a sala do Círculo e, para a nossa grande alegria, também impresso as suas iniciais na frente do envelope ao mesmo tempo, deixando o cartão da filha deles ainda na mala. Tinham assinado o cartão dos dois, mas o Guia do Espírito dela não tinha intenção de ser deixado de fora! Tinha certamente tido uma noite ocupada e guardamos o cartão e o envelope, que está numa prateleira na nossa biblioteca, uma memória tangível muito especial de dois Círculos Domésticos notáveis.

Desejo registar os nossos sinceros e amorosos agradecimentos aos nossos amigos terrenos, ao seu maravilhoso Guia do Espírito e a toda a equipa dedicada do Espírito que deu tanta alegria a tantas pessoas.

Desde que estamos em Espanha, continuámos as sessões semanais de cura à distância, não só para Eric, mas para muitos outros que sabemos que precisam de tal ajuda, e recentemente iniciámos outro círculo doméstico na nossa própria casa. Vivemos atualmente perto da costa na área da Costa Blanca e estamos encantados por encontrar tantos estrangeiros interessados ao longo desta faixa costeira. Há pelo menos quatro Centros Espirituais a poucos quilómetros de Torrevieja e outros estão a ser considerados mais a norte. Ray e June Smith continuam o trabalho perto de Gibraltar e Frederick e Valerie Smith da mesma forma na costa do Algarve perto de Faro. Parece que a energia psíquica ao longo desta faixa da costa Ibérica está a desenvolver-se num verdadeiro centro de poder para ser usado em benefício da humanidade. Que dure por muito tempo.

26

A VIDA NO MUNDO DO ESPÍRITO

"Como é realmente?"

Esta é uma pergunta que me fazem frequentemente sobre o Mundo do Espírito e tive muitas instâncias em que os nossos amigos do Espírito nos falaram sobre a vida no seu mundo. Garantem-nos que, uma vez ajustados após a sua transição – em muitos casos, um período de recuperação ou convalescença –, todos vivem vidas muito plenas no estilo ou moda que desejarem. Disseram-nos que, no momento da transição, ninguém está sozinho. Há sempre alguém para nos receber, muitas vezes um familiar próximo ou um ente querido, mas não necessariamente.

Durante uma das suas visitas, a Tia Agg sentou-se na cadeira que a minha mãe tinha desocupado quando se mudou para o gabinete e descreveu o que lhe tinha acontecido. Era fevereiro de 1942 e eles tinham acabado de almoçar na sua casa em Cricklewood. A Tia Agg preparava-se para viajar para Londres para demonstrar a sua mediunidade numa reunião num dos grandes salões públicos, ou o Queen's ou o Aeolian. Estas reuniões eram muito populares durante a Segunda Guerra Mundial, com multidões de até 2.500 pessoas.

De repente, sentiu uma dor severa na cabeça e sentou-se para se recuperar. A dor revelou-se uma hemorragia cerebral. Ela disse que não se lembrava de nada depois de se sentar até se encontrar sentada num banco

num belo parque – cheio de tantas árvores, arbustos, flores e plantas diferentes de cores que não reconhecia. Eram tão brilhantes e imaculados e brilhavam no que parecia ser um sol radiante, embora não houvesse sol visível. Tudo era tão calmo e pacífico como uma tarde de verão, mas ainda mais, e achou muito difícil descrever o quadro geral.

Os seus primeiros pensamentos, sentada no banco, foram... "O que estou a fazer aqui – devia estar em Londres a conduzir a reunião", e sentiu-se bastante intrigada com tudo. Não parecia haver mais ninguém por perto, exceto uma senhora ao longe a caminhar na sua direção. Ficou intrigada à medida que a senhora se aproximava e finalmente parou ao seu lado, sorrindo para ela. "Olá", disse a Tia Agg. "Parece que te conheço, mas simplesmente não consigo situar-te." A senhora explicou então por que razão a Tia Agg parecia conhecê-la – era uma das ajudantes do Espírito da Tia Agg e tinha sido escolhida para a receber no Mundo do Espírito. Convidou a Tia Agg a acompanhá-la através deste belo parque e levá-la-ia a encontrar a sua própria família e entes queridos que aguardavam a sua chegada. Tudo tão tranquilo e prazeroso, como seria de esperar para alguém tão profundamente envolvido durante tantos anos.

A história de Sam Hildred foi ligeiramente diferente quando passou subitamente por um ataque cardíaco no Dia de Natal de 1945. Contou-nos que acordou numa cama no que parecia ser um hospital ao ar livre com todo o brilho que a Tia Agg descreveu. Não foi doloroso ou difícil – apenas como acordar de um sono na terra. Alguns dos seus familiares próximos estavam à cabeceira e todos foram muito prestáveis. O seu ligeiro conhecimento da vida após a morte, através da sua visita ao Círculo de materialização de Helen Duncan com Sydney em 1938, ajudou-o tremendamente, da mesma forma que Jack Graham nos disse que o tinha ajudado, embora a sua introdução ao Mundo do Espírito no nosso Círculo Doméstico tivesse sido apenas uma semana antes da sua passagem. O tempo de duração é irrelevante – desde que o indivíduo tenha uma mente aberta e esteja disposto a aceitar mesmo a possibilidade de uma vida contínua.

A falta de conhecimento de uma vida após a morte, na maioria dos casos, não é um obstáculo e a maioria das pessoas simplesmente encontra-se lá, esperando estar no Paraíso, talvez com Jesus, mas uma atitude negativa ou uma perspetiva religiosamente constrita poderia bem ter um efeito adverso quando ocorre a transição para o Mundo do Espírito. Isto foi claramente demonstrado no caso do nosso vizinho, Sr. Matheson, que, devido à sua educação religiosa muito rigorosa, acreditava que não havia absolutamente nada após a morte e ficou completamente confuso e

frustrado com o seu novo ambiente. De acordo com o nosso amigo mútuo, Jack Graham, que tinha passado para o Mundo do Espírito alguns meses antes, foi quase um ano, no nosso tempo, antes de conseguir convencer o Sr. M. da verdade da vida após a morte, libertando-o assim da sua frustração e confusão.

Também testemunhámos no nosso Círculo Doméstico outro incidente semelhante, mas por uma razão completamente diferente, envolvendo o Tio Dick de Sydney, que tinha sido aleijado pela artrite durante anos antes da sua passagem. Ele não era religiosamente fanático, mas infelizmente nada sabia sobre o Mundo do Espírito. Sydney perguntou pelo seu tio quando o pai lhe falou do Mundo do Espírito. Ficou triste ao ouvir que o seu tio simplesmente se sentava num canto na sua cadeira, ainda incapaz de se mover por causa da artrite que acreditava ainda restringir os seus movimentos.

O pai dele disse que estava a tentar ajudá-lo a compreender o seu novo ambiente e que o velho corpo físico já tinha desaparecido, mas muitos meses passaram antes de o próprio tio se materializar, sair do gabinete e estender os braços para Sydney, expressando a sua grande alegria por tudo aquilo ter agora desaparecido! Se ao menos ele tivesse tido conhecimento da Verdade da vida após a morte antes da sua transição, não teria tido de sofrer essa incapacidade extra.

É tão verdade que aqui na terra somos criaturas de condicionamento, tanto mental como físico, e tais casos ocorrem, mas a maioria das pessoas não tem dificuldade alguma com a transição. Com a ajuda dos seus entes queridos que já estão lá, instalam-se rapidamente no novo ambiente. Contam-nos que desfrutam plenamente de uma vida sem os constrangimentos de um corpo físico, especialmente quando esse corpo se tinha tornado uma casca inútil atormentada por doença causando dor indizível. Mais importante ainda, nenhum deles disse alguma vez que queria regressar permanentemente à vida na terra. Estavam sempre extremamente felizes por nos visitar e passar as suas mensagens de amor, mas eram inflexíveis em afirmar que a vida no Mundo do Espírito era muito melhor e que esperavam pacientemente pelo momento em que os seus entes queridos se juntariam a eles.

Lembro-me bem de, durante uma das sessões de transe da minha mãe, uma senhora idosa visitante do Espírito, que não tinha conhecimento do Espiritualismo, ter grande dificuldade em falar através da minha mãe. No entanto, com a ajuda e encorajamento do neto dela – um dos nossos convidados naquela noite –, conseguiu finalmente dizer algumas palavras para ele. As suas primeiras palavras, com grande apreensão, numa voz

rouca, foram: "Então estou de volta à terra?" Como afirmámos que sim, ela acrescentou apressadamente numa voz muito ansiosa: "Mas poderei voltar, não é?" Garantimos-lhe imediatamente que podia e de facto voltaria, ao que o seu tom e comportamento rapidamente se tornaram muito mais relaxados e teve uma boa conversa de alguns minutos com o neto.

Quanto ela queria falar com Wilf, a questão de poder voltar era de importância primordial para ela, uma indicação muito forte de que a sua vida no Mundo do Espírito era a 'real' para ela. A Tia Agg lembrou-nos, no entanto, que, por mais boa que seja a vida no Mundo do Espírito, devemos viver as nossas vidas aqui da melhor forma possível até chegar a nossa hora marcada – superando as dificuldades que nos confrontam, especialmente aprendendo as lições de amizade e companheirismo que são tão importantes lá. Os casos de suicídio são almas muito perturbadas, disse ela, precisando de tanta ajuda e orientação, e ela agradecia-nos frequentemente pela forma como éramos capazes de os assistir durante as nossas sessões, que criavam tanta energia radiante para eles usarem.

Compreendemos que o Mundo do Espírito é muito um contraponto a este mundo, com Espíritos de todas as idades em diferentes níveis de desenvolvimento. A nossa memória vai connosco quando passamos, pois faz parte do nosso corpo Espiritual, por isso podemos conversar sobre assuntos relacionados com a terra, e os nossos amigos na terra reconhecer-nos-ão pelo que dizemos, tal como acontece ao telefone aqui, embora não nos possamos ver. Encontraremos pessoas de caráter e perspetiva semelhantes, o que decidirá onde viveremos e de que nível começaremos o nosso progresso. É tudo uma questão de desdobramento e desenvolvimento mental. Disseram-nos que a nossa posição e condição quando entramos no Mundo do Espírito dependem grandemente de como vivemos as nossas vidas aqui e, como semeamos, assim colheremos.

Há, claro, as regiões escuras que são habitadas pelas pessoas sinistras, cruéis ou materialistas que não levaram vidas amáveis, amigáveis ou úteis na terra, e só pelos seus próprios esforços podem progredir para as regiões mais luminosas. Contaram-nos sobre certos grupos de Espíritos avançados chamados a Irmandade Branca que trabalham nessas regiões para educar e iluminar aqueles que lá habitam. Certamente não são deixados sozinhos a sofrer indefinidamente, mas têm de mostrar remorso genuíno e um desejo de reparar os erros do passado. Para alguns pode ser um processo muito lento, mas pelo menos têm sempre a oportunidade. O livro de Stephen Turoff, Seven Steps to Eternity, cobre numerosos casos desse tipo e vale bem a pena ler, tal como o Wheel of Eternity de Helen Greaves.

Aqueles que passam como bebés ou crianças pequenas precisam de ser cuidados, acarinhados, amados, nutridos e ensinados as lições da vida, mas de uma forma muito mais iluminada do que aqui. Mona Hildred, irmã de Gladys e uma das nossas visitantes do Espírito regulares, tinha passado como menina de 10 anos. Explicou-nos como tinha sido cuidada num grupo de crianças antes de lhe ser dada a responsabilidade de atuar como guardiã de Prudence, uma adorável jovem Espírito que tinha passado recentemente como bebé. Ela trazia-a sempre às nossas sessões, para a ajudar a compreender e apreciar a vida aqui e desfrutar da companhia dos nossos visitantes regulares de crianças do Espírito. De tempos a tempos, tais crianças pequenas são levadas de volta às suas casas terrenas para manter um contacto familiar próximo e compreendemos que as mães em particular muitas vezes 'sentem' que elas estão lá – uma alegria para ambos os lados.

Durante o tempo de perguntas após as minhas palestras, a questão sobre a 'idade' no Mundo do Espírito é um 'clássico' regular. Os bebés e as crianças pequenas crescem? As pessoas idosas continuam a envelhecer? Ou ficamos iguais a quando passamos? A resposta simples é que a 'idade', como tal, aplica-se apenas ao corpo físico, que está incorporado na nossa escala de tempo solar.

Enquanto estamos nesta terra, é apenas o corpo físico que envelhece e não o Espírito dentro dele. O Espírito desenvolve-se e 'amadurece', e continua a amadurecer no Mundo do Espírito de acordo com os desejos e preferências do indivíduo. Os Espíritos de bebés e crianças pequenas certamente continuam a desenvolver-se até à maturidade sob a orientação e ensino de cuidadores amorosos, como Mona, e tornam-se responsáveis pelo seu próprio desenvolvimento juntamente com os seus pares e amigos.

Após dar esta breve explicação, pediria então aos membros da audiência para levantarem as mãos se, sentissem, que eram mais velhos do que 30 anos. Isto criava sempre muitas risadas, mas a resposta era sempre a mesma em cada reunião – não mais do que duas ou três mãos se levantavam e estas eram rapidamente baixadas quando o impacto real da minha pergunta se tornava aparente – não se eram mais velhos do que 30, mas apenas se, na mente, o sentiam. Não é verdade que mentalmente todos nos sentimos muito mais jovens do que os anos no calendário – seja 39 ou mesmo menos, como a minha esposa que diz que não tem mais do que 21?

Tão frequentemente encontramos o ditado – "O espírito está disposto, mas a carne é fraca" a aplicar-se nos nossos anos séniores aqui, mas não assim no Mundo do Espírito, onde o Espírito está em controlo completo e as pessoas idosas podem, de facto, reverter para o seu auge em aparência,

continuando então a amadurecer na mente. É apenas quando regressam, através de um médium ou Círculo Doméstico, que se mostram como nos lembraríamos deles.

Médicos e enfermeiros dedicados podem ainda prosseguir a sua vocação no Mundo do Espírito de várias formas. As pessoas que passam após doenças longas e debilitantes não recuperam subitamente e tornam-se completamente bem novamente. Embora tenham perdido o corpo físico inútil, o corpo Espiritual e a mente ainda precisam de cuidados e habilidades de cura, muitas vezes por algum período de tempo.

Acidentes e catástrofes em grande escala precisam de equipas de resgate do lado do Espírito, bem como daqui, para ajudar tanto aqueles que passaram como aqueles ainda criticamente doentes. Em muitas ocasiões durante as nossas sessões, Sunrise dizia-nos que certos dos nossos visitantes do Espírito regulares não estavam presentes porque tinham sido chamados para ajudar numa emergência. Tal é o elo próximo entre os dois mundos. Embora não tenham meios para evitar tais tragédias, os nossos amigos do Espírito estão sempre lá para receber e confortar aqueles que passaram.

Embora o tempo solar possa não se aplicar à vida no Mundo do Espírito, há aqueles que ainda têm elos sentimentais próximos com pessoas na terra e ainda "deitam um olho" aos nossos relógios. Como alguns maridos e esposas, pais e avós, há companheiros e ajudantes do Espírito que escolhem permanecer em contacto próximo com as vibrações da terra para que a sua presença amorosa possa continuar a ser sentida, especialmente em tempos de necessidade e muitas vezes em aniversários.

Um bom amigo nosso, que só recentemente se interessou por estes assuntos, contou-me que, enquanto jazia na cama uma manhã, subitamente tornou-se consciente de uma multidão de parentes e amigos do Mundo do Espírito a rodear a sua cama. Disse que estavam todos a sorrir e pareciam muito felizes. Contou à esposa quando ela regressou a casa à noite, mas disse que estava intrigado com o motivo de estarem lá. Ela disse-lhe rapidamente a razão – era o aniversário dele, mas não tinha ligado a presença deles a esse facto de manhã.

Alguns sem tais elos próximos podem desejar melhorar o seu conhecimento do Mundo do Espírito e talvez mover-se para uma vibração superior, não tão dissimilar em estrutura à nossa educação através de escolas primárias, secundárias, colégios e universidades. Todos temos liberdade de escolha para viver o tipo de vida que desejamos sem as restrições materiais da vida terrena. Um dos nossos visitantes do Espírito

numa recente sessão de transe de que fomos membros contou-nos que parte do seu trabalho era receber indivíduos que, como ele, nada sabiam sobre o Mundo do Espírito, e explicar-lhes o que a sua transição tinha significado. Além disso, disse, estava a aprender a tocar piano – uma das suas ambições não realizadas na terra.

Alguns meses depois, veio novamente para nos dizer que tinha parado as suas lições de piano porque, anunciou com muito orgulho, tinha sido promovido. Tinha feito tão bem no seu outro trabalho que lhe pediram para se mover para uma vibração superior e mostrar às pessoas como podiam começar a progredir, por isso estava a concentrar-se muito neste novo trabalho. Poderia voltar às lições de piano mais tarde. Estava tão satisfeito por poder fazer algo para ajudar outras pessoas como ele que nada sabiam sobre a vida após a morte. Quando na terra, considerava-se um pouco um diamante em bruto que, com a esposa, gerenciava um pub em Birmingham, mas isso não provou ser um obstáculo algum para o desenvolvimento do seu Espírito e oferecemos os nossos sinceros parabéns. Ele e a esposa ainda se encontravam, mas apenas ocasionalmente, pois ela tinha-se movido para uma vibração ainda superior.

Alguns maridos e esposas permanecem muito próximos no Mundo do Espírito, enquanto outros seguem caminhos separados seguindo os seus próprios interesses, como muitas vezes acontece aqui. Também me perguntam – e quanto aos problemas de dois ou mais cônjuges aqui na terra? – e a resposta que nos deram é que não há problemas lá. Muitos que passaram anteriormente continuarão a seguir os seus próprios caminhos, e como o casal que acabei de mencionar, encontrar-se-ão ocasionalmente. Alguns, com nada além de ressentimento pelos seus antigos parceiros, podem não fazer contacto novamente até que esse sentimento seja resolvido e removido. Outros com sentimentos mais profundos de amor verdadeiro podem ligar-se como um grupo, independentemente de quantos de cada género, e continuar a trabalhar juntos.

Como relato nas notas sobre a sessão da Festa de Natal a 5 de janeiro de 1948, a primeira esposa de Dad Hudson, Hannah, materializou-se e agradeceu pessoalmente à sua atual esposa, Annie Hudson, por assumir as responsabilidades de criar os seus cinco filhos. Tenho a certeza de que não tiveram problemas quando todos se reuniram lá, há alguns anos agora.

A Tia Agg contou-nos que havia alturas em que ainda operava como médium no Mundo do Espírito para contactar pessoas do Espírito que tinham progredido para essas vibrações superiores e eram tecnicamente incapazes de baixar as suas vibrações para entrar em contacto com amigos e parentes que acabavam de passar ou ainda estavam aqui na terra. Isto

pode parecer bastante estranho, mas não é diferente da forma como os médiuns operam aqui na terra para contactar os nossos amigos do Espírito, que nos garantem estar apenas um passo à frente – aguardando que os alcancemos quando chegar a nossa hora.

Repito que o Mundo do Espírito é tão real para eles como a Terra é para nós, mas numa vibração superior e mais fina. Certamente têm as suas Salas de Aprendizagem com as listas mais abrangentes de assuntos, incluindo as artes, música, filosofia, ciência, estudos da natureza, avanço espiritual e todos os outros assuntos de interesse geral. "Mestres" do Espírito de regiões superiores visitam e dão palestras e conferências. Há vastas bibliotecas e concertos musicais estão prontamente disponíveis com, dizem-nos, cores maravilhosas tecidas na música.

No entanto, se sentirem necessidade de alguma privacidade, especialmente no período inicial de estarem no Mundo do Espírito, podem ter casas ou chalés ao seu próprio gosto. Os seus jardins e campos incluem plantas e flores de cores tão brilhantes mas delicadas que nem sequer as podemos visualizar – são tão diferentes e têm um caráter pristino especial. Se assim desejarem, as pessoas podem também ter os seus animais de estimação com elas, o que pode ser um conforto em muitos casos.

Por outras palavras, podem fazer ou ter o que quiserem desde que esteja em harmonia com o ambiente e os vossos semelhantes. Aqueles que sentem necessidade podem ainda ter as suas chávenas de chá ou copos de cerveja durante o tempo que quiserem tais confortos materiais, mas a maioria depressa percebe que tais coisas são desnecessárias nos seus novos arredores.

Muitos dos livros de Arthur Findlay, especialmente Where Two Worlds Meet, incluem relatos semelhantes através da mediunidade de John Sloan, e tenho a certeza de que muitos leitores terão lido tal testemunho corroborativo noutros livros, como Life in the World Unseen de Anthony Borgia – vale bem a pena ler se conseguirem obter uma cópia. O livro de Neville Randall, Life after Death, outra excelente leitura, lida com vários das 500 fitas gravadas por George Woods e Betty Greene em sessões especiais de voz direta de Leslie Flint nos anos 1950-70.

Nas sessões de Leslie Flint, pessoas de todas as estações de vida na terra relatavam as suas experiências no Mundo do Espírito e eram todas tão diferentes, muitas histórias filosóficas de pessoas eruditas, com a maioria, cheias de humor, contando as suas vidas quotidianas. Para todos eles é um mundo real, numa vibração superior, habitado por multidões de pessoas do Espírito vivendo os tipos de vidas que lhes convêm individualmente –

surpreendentemente, por vezes não diferente do tipo de vida que viviam na terra, se for o seu desejo. É verdadeiramente um mundo real cheio de oportunidades ilimitadas, limitadas apenas pelos desejos de cada indivíduo.

Por isso, abram as vossas mentes ao Mundo do Espírito e pensem mais profundamente para se prepararem para a vossa transição sempre que ocorrer. Quando estão a considerar viajar para novos lugares, especialmente no estrangeiro, sinto-me certo de que tentam descobrir o máximo possível sobre o vosso destino e as condições de vida no país que visitam. Tais inquéritos permitem-vos estar preparados para os vossos novos arredores e tornar a vida muito mais agradável, mesmo que apenas para essas breves visitas de férias.

Quando a mudança é permanente, no entanto, especialmente com a emigração, certamente temos de ter informação muito mais detalhada para estarmos prontos para nos integrarmos nos nossos novos arredores com o mínimo de complicações. O lema de Baden-Powell, "Estejam Preparados", vale certamente a pena pôr em prática para a única viagem que é uma certeza. Tornem-na uma viagem feliz e agradável para um destino acolhedor e mais luminoso.

Deixem que as palavras de Syd e Gladys, quando foram entrevistados para a transmissão da BBC, fechem este capítulo. Chris perguntou-lhes como se sentiam em relação à morte agora que estavam no fim das suas vidas.

"Não tenho medo de nada", disse Gladys. "Não temos medo de morrer. Compreendemos que evoluímos para um nível superior, mas não conhecemos os detalhes."

Syd acrescentou: "Olhamos para isso filosoficamente, como dizer que vamos para a Austrália no próximo ano ou no ano a seguir. É assim que olhamos para isso. O conhecimento disto tira qualquer medo. O medo é resultado de mal-entendidos. Compreendemos a receção geral que se recebe. Sabemos que não somos pessoas más. Vamos para um lugar muito semelhante a este mundo, por isso não é um grande choque para nós. Encontramos muitas pessoas que conhecemos. Depois, gradualmente, tornamo-nos cidadãos do mundo seguinte."

Obrigado, amigos, por ajudarem tantos a compreender esta verdade.

FECHO

Nos 30 anos antes de me mudar para Espanha, quando dava as minhas palestras ilustradas sobre o Círculo, convidava sempre perguntas e comentários da audiência no final de cada palestra. Infelizmente, no final de um livro não pode haver tal 'sessão aberta' e a investigação adicional fica nas mãos do leitor.

Para aqueles leitores que desejem investigar mais, haverá sempre alguém ou alguma organização fiável e prestável a quem recorrer. 'Buscai e achareis' é tão aplicável como sempre e podem ficar agradavelmente surpreendidos com o que podem descobrir no "vosso próprio quintal".

O que foi testemunhado no nosso Círculo Doméstico foi prova inegável para todos os presentes, mas nunca pode ser prova para mais ninguém – e nunca sugeriria que o fosse.

Para vós, como leitor, não pode ser mais do que evidência – cuja força é proporcional à credibilidade do testemunho – como com o júri num Tribunal de Justiça.

Espero ter-vos impressionado como uma testemunha genuína e honesta – não tenho razão alguma para ser de outra forma – mas, como diz o Professor Fontana – o julgamento final ainda é vosso. Aceitai apenas o que apela à vossa razão e ao vosso nível atual de compreensão, tendo em mente como a nossa perceção muda com o conhecimento aumentado.

Espero que o vosso conhecimento tenha agora aumentado, e o que no início deste livro era quase inacreditável, possa agora ser mais aceitável à vossa razão. Se não, tudo o que peço é que não o descartem completamente, mas guardem-no no arquivo da vossa mente e permitam que frutifique nos anos vindouros – quer aqui quer do Outro Lado, que é o destino eventual de todos, independentemente das suas crenças religiosas. Esta é a única certeza nesta vida física.

A vossa prova pessoal pode estar anos à frente, ou mesmo ao virar da esquina, por isso mantenham sempre uma mente aberta pronta para a agarrar quando se apresentar de uma fonte porém inesperada ou imprevisível. Certifiquem-se de que estão prontos para esse momento propício de compreensão e iluminação indefiníveis – um momento inesquecível a ser para sempre acarinhado.

Obrigado pela vossa companhia nesta breve estada e, embora possam nunca ter a emoção e o privilégio de encontrar os vossos entes queridos do Espírito face a face, como eu – muito poucas pessoas o fazem – lembrem-se sempre de que eles estão à nossa volta e entre nós, sempre prontos a

fazer sentir a sua presença quando surge a oportunidade. Nunca estão a mais do que um pensamento de distância.

Que a vossa jornada em busca da Verdade vos dê tanta alegria quanta a nossa nos deu a nós.

"É um velho ditado meu, que quando se exclui o impossível, o que quer que reste, por mais improvável que pareça, deve ser a verdade."

Sir Arthur Conan Doyle.